

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
ESCOLA DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – PPGCI

CÉSAR DOS SANTOS MOREIRA

AÇÃO EDUCATIVA DOS BIBLIOTECÁRIOS:  
UM REPENSAR DA SUA PRÁXIS PROFISSIONAL NOS INSTITUTOS FEDERAIS

BELO HORIZONTE  
2018

César dos Santos Moreira

**AÇÃO EDUCATIVA DOS BIBLIOTECÁRIOS:  
UM REPENSAR DA SUA PRÁXIS PROFISSIONAL NOS INSTITUTOS FEDERAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.

Linha de pesquisa: Informação, Cultura e Sociedade (ICS)

Orientadora: Profa. Alcenir Soares dos Reis

Belo Horizonte  
2018

Moreira, César dos Santos.

M838a      Ação educativa dos bibliotecários: um repensar da sua práxis profissional nos institutos federais [manuscrito] / César dos Santos Moreira. – 2018.  
157 f., enc. : il.

Orientadora: Alcenir Soares dos Reis.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação.

Referências: f. 136-145

Apêndice: f. 146-157

1. Ciência da Informação – Teses. 2. Bibliotecas e educação - Teses. 3. Biblioteconomia – orientação profissional - Teses. 4. Bibliotecas e usuários - Teses. I. Título. II. Reis, Alcenir Soares dos. III. Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação.

CDU: 021.2

Ficha catalográfica: Biblioteca Profª Etelvina Lima, Escola de Ciência da Informação da UFMG



UFMG

Universidade Federal de Minas Gerais  
Escola de Ciência da Informação  
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação

FOLHA DE APROVAÇÃO

"AÇÃO EDUCATIVA DOS BIBLIOTECÁRIOS: UM REPENSAR DA SUA PRÁXIS  
PROFISSIONAL NOS INSTITUTOS FEDERAIS"

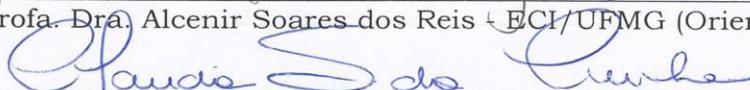
Cesar dos Santos Moreira

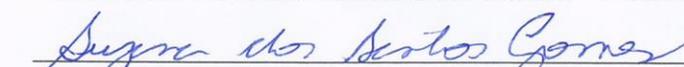
Dissertação submetida à Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais, como parte dos requisitos à obtenção do título de "**mestre em Ciência da Informação**", linha de pesquisa "**Informação, Cultura e Sociedade**".

Dissertação aprovada em: 03 de setembro de 2018.

Por:

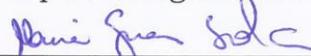
  
\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Alcenir Soares dos Reis - ECI/UFMG (Orientadora)

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Claudia Silveira da Cunha - FUMEC

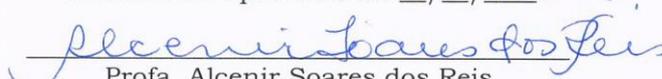
  
\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Suzana dos Santos Gomes - FAE/UFMG

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Mônica Erichsen Nassif - ECI/UFMG

Aprovada pelo Colegiado do PPGCI

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Maria Guiomar da Cunha Frota  
Coordenadora

Versão final aprovada em 23/11/2018.

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Alcenir Soares dos Reis  
Orientadora



UFMG

Universidade Federal de Minas Gerais  
Escola de Ciência da Informação  
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação

ATA DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE **CESAR DOS SANTOS MOREIRA**, matrícula:  
2016662276

Às 09:00 horas do dia 03 de setembro de 2018, reuniu-se na Escola de Ciência da Informação da UFMG a Comissão Examinadora aprovada *ad referendum* pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação em 20/08/2018, para julgar, em exame final, o trabalho intitulado ***Ação educativa dos bibliotecários: um repensar da sua práxis profissional nos institutos federais***, requisito final para obtenção do Grau de MESTRE em CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, área de concentração: Produção, Organização e Utilização da Informação, Linha de Pesquisa: Informação, Cultura e Sociedade. Abrindo a sessão, a Presidente da Comissão, Profa. Dra. Alcenir Soares dos Reis, após dar conhecimento aos presentes do teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra ao candidato para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores com a respectiva defesa do candidato. Logo após, a Comissão se reuniu sem a presença do candidato e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Foram atribuídas as seguintes indicações:

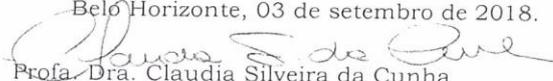
Profa. Dra. Alcenir Soares dos Reis - Orientadora	APROVADO
Profa. Dra. Claudia Silveira da Cunha	APROVADO
Profa. Dra. Suzana dos Santos Gomes	APROVADO
Profa. Dra. Mônica Erichsen Nassif	APROVADO

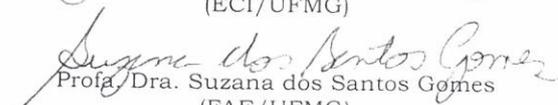
Pelas indicações, o candidato foi considerado APROVADO.

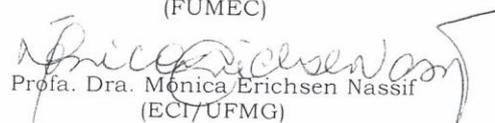
O resultado final foi comunicado publicamente ao candidato pela Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar, a Presidente encerrou a sessão, da qual foi lavrada a presente ATA que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora.

Belo Horizonte, 03 de setembro de 2018.

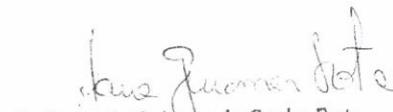
  
Profa. Dra. Alcenir Soares dos Reis  
(ECI/UFMG)

  
Profa. Dra. Claudia Silveira da Cunha  
(FUMEC)

  
Profa. Dra. Suzana dos Santos Gomes  
(FAE/UFMG)

  
Profa. Dra. Mônica Erichsen Nassif  
(ECI/UFMG)

Obs: Este documento não terá validade sem a assinatura e carimbo da Coordenadora.

  
Profa. Maria Guionar da Cunha Frota  
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação  
em Ciência da Informação

## AGRADECIMENTOS

*“Antes de tudo, sou grato a meu Deus, mediante Jesus Cristo, por todos vocês, porque em todo o mundo está sendo anunciada a fé que vocês têm”.*

*Bíblia Sagrada, Romanos 1:8*

À família, que mesmo distante e “ausente” dos meus esforços, sempre torceu por mim.  
Aos amigos, que pela presença constante, compartilham dos meus sonhos e me incentivam a  
buscar sempre mais.

Aos colegas de curso, pelos momentos de aflição e nervosismo com o passar do tempo, mas,  
sobretudo, pelos momentos de alegrias e boas risadas.

Aos colegas do trabalho, que de alguma maneira, contribuíram e torceram para a  
concretização deste momento tão aguardado.

À minha orientadora pela sabedoria, paciência e por sonhar junto para que esse momento  
pudesse acontecer.

À banca pela visão apurada e pelas considerações pertinentes, sempre ajudando a melhorar o  
trabalho.

A Deus, principalmente, por colocar as pessoas certas em meu caminho, por me dar  
serenidade para saber esperar, refletir e aguardar pelo momento certo de acontecimento das  
coisas.

Enfim...

Obrigado a todos!

“Os IFs em sua tessitura presente guardam a natureza de relações sociais, econômicas, culturais e políticas, que mediam essa modalidade de ensino. As diferentes conjunturas, no que é estrutural, mantêm o viés da negociação pelo alto e sob um horizonte de projeto societário e de desenvolvimento de natureza modernizante conservadora. Ideário do progresso e da expansão de fronteiras para, hoje, o grande capital financeiro, industrial e do agronegócio e de serviços”. (FRIGOTTO, 2015, p. 92)<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> FRIGOTTO, G. Os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia: gênese e indeterminação da identidade e campo de disputas. In FRIGOTTO, G. (coord. geral). **Ofertas formativas e características regionais: A Educação Básica de nível médio no Estado do Rio de Janeiro**. Relatório de Pesquisa apresentado à FAPERJ em julho de 2015, pp. 85-99.

## RESUMO

Propôs-se nesta pesquisa, apreender a visão do bibliotecário acerca das perspectivas e desafios presentes no exercício da sua prática educativa, tendo em vista a instituição dos sistemas/redes de bibliotecas. Este trabalho é do tipo quali-quantitativo e teve como *locus* de abordagem os sistemas/redes de bibliotecas no âmbito dos trinta e oito Institutos Federais. A coleta de dados foi mediante a pesquisa documental e a aplicação de questionários e entrevistas semiestruturadas junto aos bibliotecários. Por meio da pesquisa documental foi possível identificar que existem 14 sistemas e quatro redes de bibliotecas formalmente instituídos. Outros 20 Institutos não possuem suas bibliotecas organizadas/estruturadas, o que evidencia a necessidade de integração e cooperação para o fortalecimento dessas unidades bibliotecárias no âmbito institucional. Por meio dos questionários e das entrevistas semiestruturadas foi possível identificar que o maior desafio das bibliotecas é o quantitativo insuficiente de pessoal, principalmente de bibliotecários, fato que acarreta prejuízos ao desenvolvimento das atividades das bibliotecas, sobretudo da ação educativa, pois os bibliotecários tem que priorizar as atividades técnicas de rotina como a catalogação e a circulação de materiais, pois estas atividades impactam no funcionamento do setor. Também foi possível averiguar que as bibliotecas não estão preparadas para atender as demandas específicas da diversidade, visto que os sujeitos da educação a distância e as pessoas com deficiências não são contempladas efetivamente pelos serviços oferecidos, devido às restrições de ordem estrutural, material e organizacional. Entretanto, de acordo com os participantes da entrevista, o esforço dos bibliotecários para inserir as bibliotecas nos processos educacionais em cada *campus* tem fortalecido a identidade e o papel das mesmas no contexto escolar, minimizando as deficiências e possibilitando contornar os desafios presentes na rotina diária de trabalho e na integração da biblioteca no contexto escolar. Diante do exposto, ficou evidente a necessidade de mais investimentos na infraestrutura das bibliotecas, bem como na formação pedagógica do bibliotecário, de forma que o mesmo possa desempenhar satisfatoriamente o seu papel educativo em uma instituição marcada pela diversidade e que caracteristicamente possui demandas escolares e universitárias.

**Palavras-chave:** Institutos Federais. Educação técnica e profissional. Bibliotecários. Ação educativa. Diversidade de usuários.

## ABSTRACT

It was proposed in this research to apprehend the librarian's vision about the perspectives and challenges present in the exercise of the educational practice, with a view to the institution of the libraries systems and networks. This work is of the qualitative-quantitative type and had as a space to approach the library systems and networks in the context of the thirty-eight Federal Institutes. Data collection was through documentary research and the application of semi-structured interviews and questionnaires with librarians. Through documentary research it was possible to identify that there are 14 systems and four networks of libraries formally instituted. Another 20 Institutes do not have their organized and structured libraries, which evidences the need for integration and cooperation for the strengthening of these libraries in the institutional context. Through the questionnaires and semi-structured interviews it was possible to identify that the greatest challenge of libraries is the insufficient number of personnel, mainly librarians, which causes damage to the development of library activities, especially the educational action, since librarians have to prioritize routine technical activities such as cataloging and circulation of materials, as these activities impact on the functioning of the sector. It was also possible to find out that libraries are not prepared to meet the specific demands of diversity, since the subjects of distance education and people with disabilities are not effectively covered by the offered services due to structural, material and organizational constraints. However, according to the participants of the interview, librarians' efforts to insert libraries into the educational processes at each campus have strengthened their identity and role in the school context, minimizing the deficiencies and making it possible to overcome the challenges present in the daily routine of integration of the library into the school context. In view of the above, it was evident the need for more investments in the infrastructure of libraries, as well as in the pedagogical training of the librarian, so that the librarian can perform satisfactorily his educational role in an institution marked by diversity and characteristically has school and university demands.

**Keywords:** Federal Institutes. Technical and professional education. Librarians. Educational action. Diversity of users.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Mapa da evolução do ensino técnico e profissional no Brasil.....	16
Quadro 1 - Sistemas e redes de bibliotecas no âmbito dos IF .....	76
Quadro 2 – Principais atividades educativas desenvolvidas nas bibliotecas dos IF.....	78
Quadro 3 - Perfis dos entrevistados.....	85
Quadro 4 - Atividades que caracterizam o bibliotecário como educador .....	88
Quadro 5 - Bibliotecas e bases dados virtuais .....	93
Quadro 6 - Atividades educativas desenvolvidas nas bibliotecas dos IFs.....	146
Quadro 7 - Formação continuada dos bibliotecários.....	148
Quadro 8 - Síntese dos problemas enfrentados no cotidiano das bibliotecas.....	150

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BDTD	Biblioteca Digital de Teses e Dissertações
CEFET	Centro Federal de Educação Profissional e Tecnológica
CCONIF	Conselho Nacional das Instituições da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica
CPPG	Comitê Permanente de Planejamento e Gestão
EaD	Educação a Distância
EAF	Escola Agrícola Federal
EJA	Educação de Jovens e Adultos
ETF	Escola Técnica Federal
IBICT	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
IES	Instituição de Ensino Superior
IF	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia
IFAM	Instituto Federal do Amazonas
IFB	Instituto Federal de Brasília
IFBA	Instituto Federal da Bahia
IFC	Instituto Federal Catarinense
IFCE	Instituto Federal Ceará
IFG	Instituto Federal de Goiás
IFGOIANO	Instituto Federal Goiano
IFLA	Federação Internacional de Associações de Bibliotecários e Instituições
IFMG	Instituto Federal de Minas Gerais
IFPB	Instituto Federal de Paraíba
IFPE	Instituto Federal de Pernambuco
IFPR	Instituto Federal do Paraná
IFRJ	Instituto Federal do Rio de Janeiro
IFRS	Instituto Federal do Rio Grande do Sul
IFSC	Instituto Federal de Santa Catarina
IFS	Instituto Federal de Sergipe
IFSertão	Instituto Federal do Sertão Pernambucano
IFSP	Instituto Federal de São Paulo
IFSul de Minas	Instituto Federal do Sul de Minas Gerais
INL	Instituto Nacional do Livro

LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministério da Educação
PNC	Plano Nacional de Cultura
PNLL	Plano Nacional do Livro e da Leitura
PROEJA	Programa de Educação de Jovens e Adultos
PROLER	Programa Nacional de Incentivo à Leitura
REUNI	Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais
RFEPCT	Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica
SCIELO	<i>Scientific Electronic Library Online</i>
SENAC	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
SENAI	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
SENAR	Serviço Nacional de Aprendizagem Rural
SENAT	Serviço Nacional de Aprendizagem do Transporte
SESC	Serviço Social do Comércio
SESCOOP	Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo
SESI	Serviço Social da Indústria
SEST	Serviço Social do Transporte
SETEC	Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
SNBP	Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas
TIC	Tecnologia da Informação e da Comunicação
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UNED	Unidade Descentralizada de Ensino
UTFPR	Universidade Tecnológica Federal do Paraná

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
1.1 Problematização.....	15
1.2 Estrutura da dissertação.....	18
2 OS INSTITUTOS FEDERAIS: UMA INSTITUIÇÃO EM CONSTRUÇÃO EM MEIO ÀS TRANSFORMAÇÕES DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL .....	23
2.1 As transformações das escolas técnicas federais.....	23
2.1.1 As Escolas de Aprendizizes Artífices e os Liceus Industriais: entre 1909 e 1959.....	23
2.1.2 A transformação das ETF e EAF em CEFET: entre 1960 a 2008.....	26
2.1.3 A criação dos Institutos Federais: de 2008 à atualidade.....	30
2.1.3.1 <i>O modelo multicampi dos Institutos Federais</i> .....	30
2.2 As bibliotecas no âmbito multicampi dos Institutos Federais: abordagem sistêmica, organização, papel e desafios .....	33
2.2.1 A abordagem sistêmica das bibliotecas .....	33
2.2.2 A organização das bibliotecas no âmbito dos IF .....	36
2.2.3 O papel da biblioteca no âmbito do ensino técnico e profissional dos IF .....	38
2.2.4 Os desafios da abordagem sistêmica no âmbito das bibliotecas dos IF .....	40
3 A AÇÃO EDUCATIVA DO BIBLIOTECÁRIO: FORMAÇÃO E ESTRATÉGIAS PRÁTICAS NA ORIENTAÇÃO DOS USUÁRIOS .....	44
3.1 A didática e as reflexões acerca da prática pedagógica.....	44
3.2 Saberes necessários à prática educativa.....	47
3.2.1 Saberes profissionais .....	50
3.2.2 Saberes experienciais.....	51
3.3 O bibliotecário e a relação com os saberes.....	53
3.4 Reflexões acerca da prática bibliotecária no contexto do ensino .....	58
3.5 As práticas educativas desenvolvidas nas bibliotecas .....	59
4 BIBLIOTECAS, BIBLIOTECÁRIOS E AÇÃO EDUCATIVA: PERCURSO METODOLÓGICO .....	67
4.1 Caracterização e métodos da pesquisa.....	67
4.2 Universo e seleção da amostra da pesquisa .....	70
4.3 Apresentação dos dados .....	72
4.4 Interpretação e análise dos dados .....	73
5 BIBLIOTECAS E BIBLIOTECÁRIOS NO CONTEXTO DOS INSTITUTOS FEDERAIS: DADOS EM DEBATE.....	75
5.1 As evidências da ação educativa: análise dos dados .....	75
5.1.1 A pesquisa documental.....	75
5.1.2 Dados gerais do questionário.....	79
5.1.2.1 <i>Perfil dos respondentes</i> .....	79
5.1.2.2 <i>Os sistemas e redes de bibliotecas</i> .....	80
5.1.2.3 <i>Acerca do planejamento das ações educativas</i> .....	82
5.1.2.4 <i>Biblioteca e bibliotecários no âmbito do planejamento da EaD</i> .....	84
5.1.3 O discurso da ação educativa: dados da entrevista.....	85
5.1.3.1 <i>Sentido e significado do contexto histórico da educação profissional e o perfil educador do bibliotecário</i> .....	85

5.1.3.2	<i>As condições infraestruturais para o desenvolvimento da ação educativa.....</i>	89
5.1.3.3	<i>Participação da biblioteca no planejamento escolar.....</i>	95
5.1.3.4	<i>Formação do bibliotecário para a ação educativa.....</i>	96
5.2	A ação educativa do bibliotecário: dados em discussão.....	97
5.2.1	Da perspectiva institucional.....	98
5.2.1.1	<i>O sentido e significado da organização das bibliotecas.....</i>	98
5.2.1.2	<i>Dos desafios das bibliotecas.....</i>	102
5.2.2	Da visão do bibliotecário.....	106
5.2.2.1	<i>A formação em Biblioteconomia.....</i>	106
5.2.2.2	<i>Os saberes pedagógicos, a educação continuada e a experiência na ação educativa.....</i>	109
5.2.3	Da perspectiva da ação pedagógica.....	113
5.2.3.1	<i>As atividades educativas de usuários.....</i>	113
5.2.3.2	<i>A diversidade e acessibilidade no âmbito das práticas bibliotecárias.....</i>	118
6	A AÇÃO EDUCATIVA DOS BIBLIOTECÁRIOS: REFLEXÕES E CONSIDERAÇÕES	
	FINAIS.....	123
	REFERÊNCIAS.....	136
	APÊNDICE A – Atividades educativas nas bibliotecas.....	146
	APÊNDICE B – Formação acadêmica continuada.....	148
	APÊNDICE C – Problemas enfrentados no cotidiano das bibliotecas.....	150
	APÊNDICE D – Questionário.....	151
	APÊNDICE E – Roteiro da entrevista.....	155
	APÊNDICE F – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	156

## 1 INTRODUÇÃO

Objetivou-se nesta pesquisa apreender a visão do bibliotecário acerca das possibilidades e desafios presentes no exercício da ação educativa do bibliotecário no âmbito dos sistemas/redes de bibliotecas, considerando-se as características e especificidades do contexto *multicampi* dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IF). Em virtude da criação destas instituições em 2008, decorrente do processo de transformação, expansão e a consequente interiorização da educação técnica e profissional implementado no governo do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva - Presidente Lula -, novas demandas advindas deste contexto e das especificidades locais/regionais influenciaram significativamente o fazer educacional, e por conseguinte, acarretaram impactos ao planejamento das bibliotecas e sua inserção efetiva no processo educacional no âmbito dos IF.

Assim, há a preocupação em compreender o sistema/rede de bibliotecas a partir da perspectiva do ensino, seja no contexto escolar ou universitário. Neste sentido, seu planejamento e suas ações devem estar direcionados e compreender os interesses das instituições de ensino, enquanto espaços subordinado a tais espaços e enquanto sistema/rede que interage, relaciona e se impõe as suas partes - bibliotecas dos *campi* -. Considerando-se que a biblioteca é um subsistema escolar/universitário, seus serviços devem ser congruentes com as metas e os objetivos estabelecidos no planejamento político-pedagógico do ensino. Neste aspecto, segundo Parsons<sup>2</sup> (1967 *apud* FERREIRA, 1976), no enfoque sistêmico os objetivos de uma organização não interessam apenas a ela, já que a mesma é parte de um sistema maior, o que constitui o vínculo básico entre a parte e o todo. É importante destacar a visão do bibliotecário acerca de como o sistema/rede de bibliotecas deve trabalhar, a fim de que o mesmo esteja em conformidade com os objetivos institucionais e com as metas para o ensino, âmbito ao qual a biblioteca deve colaborar.

A escolha dos IF deveu-se ao fato das mudanças advindas do plano de expansão da educação profissional no governo do Presidente Lula, por intermédio da promulgação da Lei nº 11.892/2008. A criação dessas novas instituições, efetivada com a junção e transformação de algumas instituições de educação profissional existentes, como os Centros Federais de Educação Tecnológicas (CEFET), Escolas Agrotécnicas Federais (EAF), Escolas Técnicas

---

<sup>2</sup> PARSONS, Talcott. Sugestões para um tratado sociológico da teoria de organização. In: ETZIONI, Amitai. **Organizações modernas**. São Paulo: Pioneira, 1967.

Federais (ETF), Unidades Descentralizadas (UNED) e colégios técnicos vinculados às universidades, fato que ocasionou mudanças e transformações nas instituições que aderiram ao processo, inclusive no seu modo de estruturação, organização e gestão. Além dos IF, a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (RFEPCT) é composta ainda pelo Colégio Pedro II, dois CEFET remanescentes - Minas Gerais e Rio de Janeiro -, a Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) e alguns colégios técnicos ainda vinculados às universidades federais. Entretanto, em virtude da não adesão dessas instituições à proposta de criação dos IF, as mesmas não compuseram o universo desta pesquisa, pois, mantiveram suas configurações originais e não sofreram as transformações estruturais, organizacionais e educacionais advindas do processo de expansão da educação profissional.

As transformações na conjuntura da educação técnica e profissional também provocaram impactos à organização das bibliotecas e ao fazer educativo dos bibliotecários, tendo em vista que os mesmos têm como missão, no contexto das instituições de ensino, serem “instrumentos” de apoio ao desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem. Conseqüentemente, enquanto parte importante dos processos educativos da instituição, biblioteca e bibliotecários são também partícipes da história e trajetória educacionais, portanto, colaboram com o fomento das discussões em torno do planejamento educativo.

Tendo em conta a importância do papel da biblioteca e do bibliotecário na formação dos sujeitos, outro aspecto que demonstra a importância deste trabalho é a ausência de uma produção científica significativa em termos numéricos nos programas de pós-graduação que tenham como objeto de investigação as bibliotecas e os bibliotecários, principalmente com foco no contexto dos IF. No levantamento das pesquisas existentes no campo da Ciência da Informação em relação à temática “ação educativa do bibliotecário”, detectou-se que este tema é pouco abordado, em vista dos aspectos técnicos de tratamento da informação. Em relação às investigações no campo da Educação, a centralidade das pesquisas está nos seus sujeitos - em especial alunos e professores - e nas questões relativas às práticas e técnicas de ensino. Assim, trazer um pouco das reflexões didático-pedagógicas para o âmbito da ação do bibliotecário, acredita-se poderá contribuir para aproximar interdisciplinarmente esses dois campos de conhecimento, visto que os profissionais formados nesse primeiro campo são absorvidos quase que majoritariamente no espaço escolar/universitário, domínio do último.

Ao buscar compreender o contexto multifacetado dos IF - heterogeneidade do público e de cursos nos diversos níveis de ensino -, a pesquisa possibilitou uma reflexão em torno da ação educativa do bibliotecário, quanto do seu papel educacional e social como agente socializador e difusor de conhecimentos, assim como apreender os desafios que enfrenta na gestão da biblioteca ante à instituição a qual está vinculado, ou seja, instituição que possui o compromisso de atuar ofertando cursos profissionais que contribuam com o desenvolvimento local e regional. Ressalta-se que o papel/função do bibliotecário não se encontra plenamente respaldado nos planos curriculares dos cursos de Biblioteconomia e nas políticas institucionais onde exerce sua profissionalidade, aspecto que poderia lhe possibilitar um direcionamento teórico-prático-metodológico no dia a dia de trabalho no contexto escolar/universitário. Portanto, reforça-se a necessidade do debate em torno da sua formação e ação educativa.

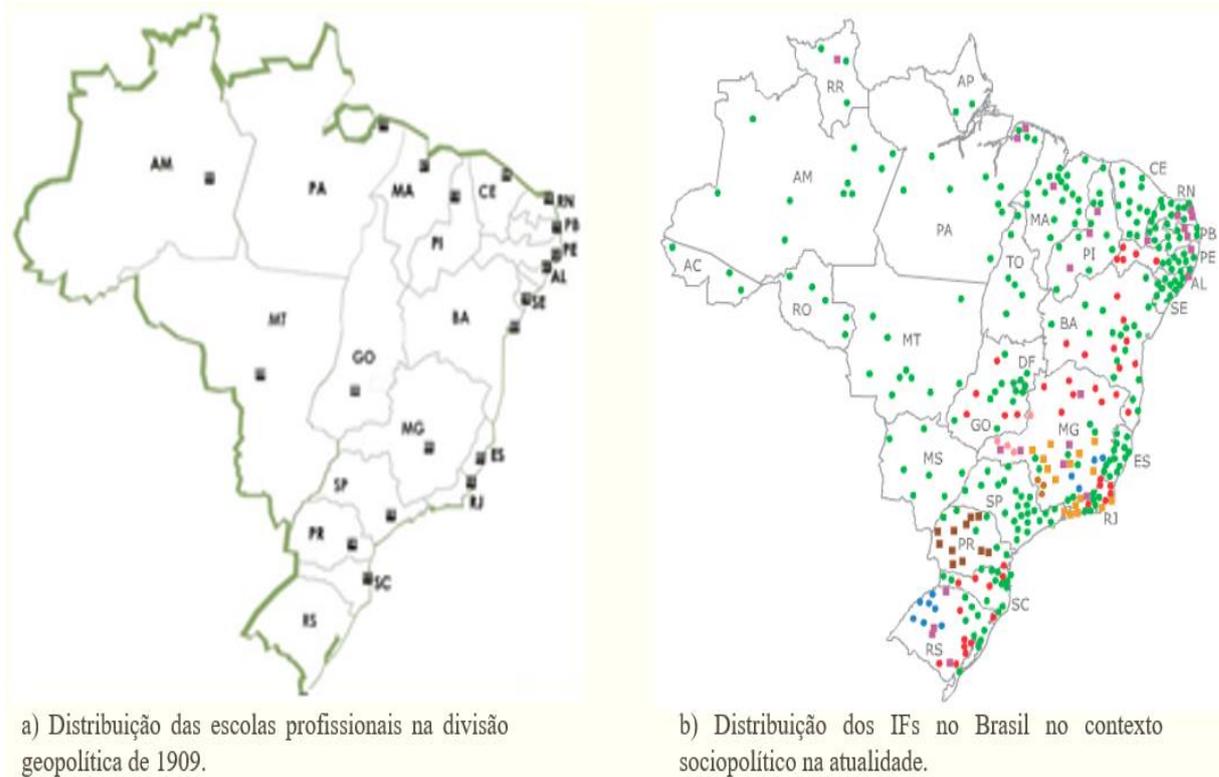
Vale destacar ainda que os bibliotecários dos IF são multifacetados, pois atuam em diversas frentes, desenvolvendo atividades que compreendem a administração/gestão das bibliotecas, a catalogação e organização da informação, o atendimento aos usuários, bem como outras tantas atividades não ligadas diretamente a sua função no contexto institucional. Logo, depreende-se que o bibliotecário precisa dispor de saberes para além da sua formação - conhecimentos, habilidades e atitudes -, de modo que possa realizar seu trabalho com efetividade e competência em acordo às necessidades e demandas que lhes são inerentes no cotidiano de trabalho no contexto institucional. Portanto, conhecer o fazer educativo em instituições ainda em processo de constituição da sua estrutura e identidade, como os IF, é importante e necessário, pois possibilita contribuir com elementos para futuras investigações que tenham como sujeito o bibliotecário e como espaço para abordagem, a biblioteca.

### **1.1 Problematização**

Desde a criação das escolas profissionais em 1909, a educação técnica e profissional ao longo dos anos passou por significativos processos de transformação, ressignificação e expansão. Em toda sua história, a maior expansão ocorreu no governo do Presidente Lula com a promulgação da Lei n. 11.892/2008 que instituiu a RFEPCCT e criou os 38 IF. A quantidade de municípios atendidos pela RFEPCCT saltou de 119 entre 1909 e 2002 para 449, entre 2003 e 2016, totalizando 568 municípios que passaram a contar com escolas técnicas federais. Os mapas da FIG. 1 a seguir ilustram o contexto de expansão na educação técnica e profissional,

de 1909, com as primeiras escolas técnicas, até a atualidade, com a criação das novas unidades educacionais, o que possibilitou um salto tanto em número de instituições quanto na qualidade do ensino nesta modalidade educacional.

Figura 1 - Mapa da evolução do ensino técnico e profissional no Brasil



Fonte: RFEPCT (2016).

A expansão da RFEPCT objetivou acompanhar e atender as demandas sociais e profissionais advindas do desenvolvimento da sociedade, visto os progressos no cenário econômico e produtivo e os avanços das tecnologias agregadas à produção e à prestação de serviços. Hoje, além de ter a missão de dar continuidade ao processo de qualificação profissional, a RFEPCT configura-se como importante estrutura para acesso dos sujeitos às conquistas científicas e tecnológicas. Também se ocupa da realização de pesquisas para o desenvolvimento de novos processos, produtos e serviços junto ao setor produtivo para o desenvolvimento local/regional.

No cenário educacional brasileiro, os IF, com apenas dez anos de existência, são as instituições mais recentes da RFEPCT. No entanto, são as instituições mais significativas devido a sua estruturação *multicampi* e por cobrir quase que amplamente todo o território brasileiro, o que possibilitou a ampliação do número de vagas e o acesso à educação técnica e

profissional para uma infinidade de sujeitos. Porém, por ainda estar em processo de construção da sua identidade e cultura educacional, os IF carecem de mais reflexões para a assimilação das diversas realidades sociais.

Sabe-se que a reflexão sobre instituições complexas, como são os IF, exige considerar os múltiplos aspectos que impactam direta ou indiretamente o curso de sua trajetória e desenvolvimento. A complexidade da estruturação *multicampi* dos IF e a ausência de uma cultura e identidade próprias e fortalecidas evidenciam alguns desafios e questionamentos que impactam o desenvolvimento dos processos destas instituições. Esses desafios envolvem questões de natureza político-legal, organizacional, humana e didático-pedagógica.

De algum modo, as transformações na educação técnica e profissional acarretam dilemas às bibliotecas, instituições que precisam compreender as demandas decorrentes deste contexto, o que termina por impactar a prestação dos serviços informacionais à comunidade escolar/universitária. Dentre as questões que suscitam debates, evidenciou-se algumas: a institucionalização do sistema/rede de bibliotecas é garantia de integração ao planejamento pedagógico dos IF? Quais expectativas orientam a gestão dos sistemas/redes de bibliotecas no âmbito dos IF? Quais implicações o planejamento do ensino acarreta aos serviços do sistema/rede de bibliotecas? É possível às bibliotecas trabalhar de modo equitativo, considerando-se o contexto *multicampi* dos IF? A formação em Biblioteconomia garante aos bibliotecários os saberes necessários à prática educativa em um contexto por vezes complexo como o dos IF? As ações dos bibliotecários contemplam todos os sujeitos em aprendizagem, considerando-se que o ensino dos IF é multimodal - médio, técnico e superior - nos contextos presencial e EaD? Nesse contexto, as estratégias de trabalho dos bibliotecários possibilitam a acessibilidade e inclusão? As demandas socioeducacionais atuais são absorvidas pelas bibliotecas quando da oferta de serviços informacionais aos sujeitos? Ainda vale questionar se a ação educativa dos bibliotecários acontece a contento das expectativas institucionais e dos sujeitos e, nessa perspectiva, quais instrumentos são utilizados na avaliação e acompanhamento dos serviços ofertados?

As demandas, as especificidades e a complexidade institucional conjugadas às transformações ambientais evidenciam a urgência do trabalho integrado/cooperativo no sistema/rede de bibliotecas, bem como requer o repensar do trabalho bibliotecário para além do isolamento em cada unidade. Com essa perspectiva, novas posturas são requeridas frente às

transformações do “meio técnico-científico-informacional”, como dizia Santos (2006) ao abordar a evolução das transformações do espaço, que vão desde o meio natural, passando pelo meio técnico, até chegar ao período atual, onde impera a inserção das ciências e do meio informacional sobre as formas com que as produções espaciais ocorrem.

Diante dessas e de outras questões que perpassam o trabalho dos bibliotecários nas bibliotecas dos IF, evidenciou-se a seguinte questão de pesquisa: **Quais são os desafios e as perspectivas que se colocam para o exercício da ação educativa dos bibliotecários, considerando-se a institucionalização do sistema/rede de bibliotecas e a realidade e especificidade do contexto *multicampi* dos IF?**

Na expectativa de resposta a essa questão, o objetivo geral foi “Apreender a visão dos bibliotecários acerca dos desafios e das perspectivas para o exercício da ação educativa, tendo em vista a institucionalização do sistema/rede de bibliotecas e a especificidade do contexto *multicampi* dos IF”. Com essa expectativa, os objetivos específicos foram os seguintes:

- ✓ Mapear as características dos sistemas/redes de bibliotecas institucionalizados formalmente no âmbito dos IF;
- ✓ Relacionar as práticas educativas de usuários desenvolvidas no âmbito do sistema/rede de bibliotecas;
- ✓ Identificar os desafios e perspectivas dos bibliotecários em relação ao exercício da sua ação educativa;
- ✓ Descrever, a partir da visão dos profissionais, os saberes profissionais visualizados como necessários para o desenvolvimento da ação educativa no âmbito das bibliotecas;
- ✓ Apreender, a partir da ótica dos bibliotecários, os elementos de sua formação em Biblioteconomia e identificar as características do contexto *multicampi* dos IF, de forma a captar os aspectos desafiadores que se apresentam para que os profissionais desenvolvam ações educativas.

## **1.2 Estrutura da dissertação**

A partir dos elementos anteriormente indicados, tornou-se possível consolidar os dados da pesquisa realizada e apresentar seus resultados, conforme a estruturação indicada a seguir,

marcada por esta **Introdução**, capítulo 1, que possibilita uma visão geral do trabalho e aponta a problematização, bem como faz a indicação dos objetivos geral e específicos.

No capítulo 2, intitulado **Os Institutos Federais: Uma Instituição Em Construção**, abordou-se o percurso histórico da educação técnica e profissional no Brasil, modalidade de ensino que se iniciou em 1909 com a criação das Escolas de Aprendizes Artífices, passou pelos Liceus Industriais em 1937, pelas Escolas Industriais e Técnicas, pelas ETF em 1959, pelas EAF em 1967, pela pelos CEFET a partir de 1978, culminando com criação dos IF em 2008. Evidencia-se que neste contexto de mudanças e avanços, a RFEPCT representou um importante instrumento de conquistas e transformação social. Nesse aspecto, é possível salientar:

A educação profissional e tecnológica assume valor estratégico para o desenvolvimento nacional resultante das transformações ao longo das últimas décadas na Rede Federal, cuja visibilidade social apenas recentemente começou a tomar forma com a criação da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, com os esforços para a criação dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, em andamento, e com a intensificação e diversificação das atividades de ensino visando a atender os mais diferenciados públicos nas modalidades: presencial, semipresencial e a distância. (MEC, 2009, p. 7).

Cuidou-se também em abordar a organização das bibliotecas e o seu papel no âmbito do ensino técnico e profissional, bem como os desafios da abordagem sistêmica desses espaços no contexto *multicampi* dos IF.

Ressalta-se que o lugar que a biblioteca ocupa no contexto da educação técnica e profissional é estratégico, pois, propicia o contato dos sujeitos com o conhecimento acumulado ao longo da história social, bem como é o cenário para a profissionalidade do bibliotecário na ação educativa dos usuários. Portanto, falar em práticas educativas na biblioteca diz muito dos papéis que lhes são demandados, principalmente no contexto do ensino-aprendizagem. Considerando-se a organização *multicampi* dos IF, a heterogeneidade dos seus sujeitos e a variedade de cursos ofertados, esses papéis vão muito além da disponibilização das informações necessárias à aprendizagem, possibilitam construir e perpetuar a autonomia desses indivíduos frente às demandas dos processos sociais dos quais participam.

Assim, discutir e preparar as bibliotecas e bibliotecários para o desenvolvimento de ações educativas no contexto escolar *multicampi*, requer um (re)planejamento do foco das ações

institucionais e formativas, traçando estratégias que levem em consideração as especificidades e características dos *campi* dos IF, principalmente as demandas da diversidade. Conforme pondera Santos (2017, p. 13),

A problemática que envolve as bibliotecas dos Institutos Federais dá-se pelo fato de que, por atenderem a um público diversificado, formado por discentes e docentes dos cursos técnicos de nível médio, cursos superiores de tecnologia, licenciaturas e engenharias, cursos de pós-graduação, cursos de formação inicial e continuada, e, também, servidores e funcionários da instituição e comunidade externa, em geral, recebem, diariamente, uma demanda informacional diversificada, que somada ao compromisso social dos Institutos Federais, torna inviável enquadrá-las e estruturá-las à luz dos conceitos de tipologias de bibliotecas já estabelecidos na literatura, a qual hoje nos apresenta conceitos definidos e categorizados em biblioteca escolar, universitária, especializada e pública. Dessa forma, a compreensão sobre as peculiaridades e singularidades existentes nas bibliotecas dos Institutos Federais configura-se como lacuna carente de entendimento para os bibliotecários.

O capítulo 3 contextualiza **A Ação Educativa do Bibliotecário: Formação e Estratégias Práticas na Orientação dos Usuários**, onde se procurou discutir as reflexões didáticas acerca da prática pedagógica e os saberes necessários à profissionalidade dos bibliotecários, assim como das práticas educativas de usuários desenvolvidas no âmbito dos sistemas/redes de bibliotecas abordados.

As práticas educativas do bibliotecário estão inseridas entremeio as transformações e ressignificações da educação técnica e profissional ao longo do processo histórico de seu desenvolvimento. Considerando-se que a mutabilidade da educação técnica e profissional demanda por um novo tipo de profissional, mais crítico, consciente do seu meio e capaz de adaptação às mudanças, reforça-se a necessidade do (re)pensar a questão formativa dos bibliotecários atuantes nesse contexto. A esse respeito, Silingovschi (2013, p. 66) diz que estar capacitado “[...] é essencial para que o desempenho de tais instituições seja utilizado em toda sua extensão, contribuindo assim para a melhoria constante da educação, além de sua função social ser totalmente relevante para a comunidade acadêmica”. A autora ainda ressalta que faltando a competência para a solução dos problemas informacionais, perde-se um pouco da essência da função do profissional e desqualifica-se o papel social da biblioteca.

Atendo-se às discussões no campo da Educação, onde a compreensão de que para ser educador é necessário que se tenha um domínio da didática para fornecer conteúdos e estimular o aluno em seu processo de aprendizagem, constata-se que a formação dos bibliotecários nesta perspectiva ainda é inadequada, visto a ausência de aprendizagem em

conteúdos relativos aos saberes pedagógicos. A formação continuada desses profissionais nas áreas de conhecimento onde os mesmos pretendem atuar e onde não se possui formação adquire maior importância. Nesse aspecto, “[...] o grande desafio das instâncias formadoras dos profissionais da informação e dos profissionais da educação, trabalhando num mundo ‘invadido’ pelas tecnologias da informação é propiciar ao sujeito um processo contínuo de reflexão”. (SOUSA, 2014, p. 60).

No que se refere ao capítulo 4, **Bibliotecas, Bibliotecários e Ação Educativa: Percorso Metodológico**, fez-se a opção de apresentar o processo metodológico, deixando claro em termos quantitativos e qualitativos, o porquê da escolha das bibliotecas dos IF como universo da pesquisa, tendo a ação educativa dos bibliotecários como conceito central de investigação. Também aborda os instrumentos necessários à coleta das informações, os critérios para a seleção da amostra de sujeitos para a coleta das informações e as categorias que orientaram a interpretação e análise dos dados.

Reitera-se também a importância em se abordar cientificamente os IF, e em particular o trabalho dos bibliotecários junto aos usuários das suas bibliotecas, em virtude do escasso material nos programas de pós-graduação, seja no âmbito da Biblioteconomia/Ciência da Informação ou na Educação. Além do conhecimento dessa realidade, objetivou-se também que os resultados da pesquisa pudessem contribuir para incentivar novas reflexões sobre as condições de trabalho nas bibliotecas, principalmente pelos bibliotecários, de modo a municiá-los de informações para que possam discutir institucionalmente a integração da biblioteca aos processos de planejamento do ensino. Somado à questão antecedente, lançou-se luz para o despertar de investigações de outros espaços e sujeitos, no âmbito dos IF, de maneira a não restringir as pesquisas às temáticas habituais relativas à formação de professores e à aprendizagem dos alunos.

O capítulo 5, nomeado **Bibliotecas e Bibliotecários no Contexto dos IF: Dados em Debate**, traz a análise dos dados obtidos na pesquisa documental, na aplicação dos questionários e nas entrevistas, de maneira a sintonizar os resultados com as teorias desenvolvidas nos capítulos antecedentes.

No capítulo 6 **A ação Educativa dos Bibliotecários: Reflexões e Considerações Finais** fez-se o fechamento da pesquisa, fundamentando-se no fato dos IF se apresentarem como um

amplo campo de debates no que se refere a sua conjuntura - concepção e gestão -, as suas características únicas entre as instituições educacionais e, principalmente, quanto à organização das suas bibliotecas para atender as demandas informacionais e educacionais desse contexto. Acredita-se que a discussão aqui proposta seja um referencial para bibliotecários e outros pesquisadores, sobretudo para a compreensão das bibliotecas enquanto espaço de aprendizagem e que colabora com a formação da diversidade de sujeitos presente no contexto dos IF, quanto para a compreensão da importância da função educativa dos bibliotecários, aspecto pouco discutido nas instancias de formação deste profissional.

Por fim, foram elencadas nas **Referências** as fontes informacionais utilizadas para o aporte teórico à pesquisa; e nos **Apêndices**, alguns quadros ilustrativos com a sistematização dos dados obtidos junto aos bibliotecários, o modelo de questionário utilizado, o roteiro da entrevista e o termo de consentimento e de livre esclarecimento.

## **2 OS INSTITUTOS FEDERAIS: UMA INSTITUIÇÃO EM CONSTRUÇÃO EM MEIO ÀS TRANSFORMAÇÕES DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL**

Discute-se neste capítulo a criação dos IF, pontuando a importância da estruturação *multicampi* para a interiorização da educação profissional, bem como para o desenvolvimento regional e local, de forma a suprir a demanda por formação e capacitação dos sujeitos para o trabalho e para a participação ativa nos diversos espaços sociais. Nesta discussão, aponta-se a trajetória histórica da educação técnica e profissional no Brasil, que se iniciou com a criação das Escolas de Aprendizes Artífices em 1909 e que culminou com a criação dos IF em 2008.

### **2.1 As transformações das escolas técnicas federais**

#### **2.1.1 As Escolas de Aprendizes Artífices e os Liceus Industriais: entre 1909 e 1959**

A história da RFEPCT teve seu início em 1909, no governo do então Presidente da República Nilo Peçanha, que criou as Escolas de Aprendizes e Artífices. (MEC, 2016). Conforme citado no Decreto nº 7.566/1909, o fator preponderante para a criação destas escolas em todas as capitais brasileiras foi o seguinte:

O aumento constante da população das cidades exige que se facilite às classes proletárias os meios de vencer as dificuldades sempre crescentes da luta pela existência: que para isso se torna necessário, não só habilitar os filhos dos desfavorecidos da fortuna com o indispensável preparo técnico e intelectual, como fazê-los adquirir hábitos de trabalho profícuo, que os afastara da ociosidade ignorante, escola do vício e do crime; que é um dos primeiros deveres do Governo da Republica formar cidadãos úteis à Nação. (BRASIL, 1909).

Como instrumento de política voltado para a igualdade dos sujeitos, apesar de excludente, a criação das primeiras escolas técnicas federais representou uma grande conquista científica e tecnológica dos desfavorecidos. Acerca desse posicionamento, Queiroz *et al.* (2007) e Medeiros Neta, Nascimento e Rodrigues (2012) concordam que as Escolas de Aprendizes Artífices tinham como preocupação a formação socioeducativa do menor “desvalido”, ou seja, os filhos da população desfavorecida.

A partir de 1930, as escolas profissionais passaram a ficar sob jurisdição do Ministério dos Negócios da Educação e da Saúde Pública (Decreto nº 19402/1930). Seu ministro, Gustavo Capanema, deu nova estruturação à educação profissional e, no bojo das reformas

educacionais, a preocupação com a formação de professores também permeava as discussões, conforme destacaram Martini, Ventura e Pereira (2005). Nesse contexto, foi divulgado em 1932 o “Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova” que propunha a reconstrução educacional do país, bem como revelava uma preocupação com a formação de professores, inclusive em nível superior.

No bojo destas reformas, as Escolas de Aprendizes Artífices foram transformadas em Liceus Industriais. Neste processo, com a promulgação da Constituição de 1937, o ensino técnico passou a ser concebido como um elemento estratégico para o desenvolvimento da economia e como um fator de melhorias nas condições de vida da classe trabalhadora. A criação dos Liceus também representou um passo na direção dos interesses da expansão industrial, pois, possibilitou a formação de mão de obra qualificada, escassa no Brasil naquele momento. Sobre este fato, Lima Filho (2002, p. 2) diz que ao longo das transformações sociais e na esfera produtiva Martini, Ventura e Pereira (2005).

Os liceus industriais começaram a ministrar ensino industrial em nível ginásial (primeiro ciclo do ensino médio), de modo que as antigas escolas de aprendizes artífices assimilavam, ao lado do caráter assistencial, a função de “escola profissional e pré-vocacional destinada às classes menos favorecidas” com vistas a atender às necessidades de preparação da mão de obra requerida pelo processo de urbanização e pela diversificação das atividades produtivas locais e regionais.

No entanto, como afirma Queiroz *et al.* (2007), o ensino profissional continuava como antes, sendo ofertado aos jovens carentes e sem equivalência com os diplomas e certificados da formação ginásial. Este fato provocou um dualismo no sistema educacional brasileiro, com trajetórias educacionais diferentes e de acordo com a condição socioeconômica dos estudantes. A respeito desta dualidade, Reis (2002) diz que dentro de uma perspectiva histórica, em face das reformas no ensino médio, onde se separou a formação geral da formação técnica, ou seja, uma educação distinta para as elites e outra para as classes subalternas, evidenciando-se o caráter excludente no processo de ensino.

Em 1942 outra reforma no sistema educacional brasileiro promovida pelo ainda ministro Gustavo Capanema - a conhecida reforma Capanema -, reorganizou o ensino profissional, bem como definiu os cursos técnicos de grau médio - áreas industrial, agrícola e comercial - e equiparou o ensino profissional técnico ao nível médio. Nessa ocasião, os Liceus Industriais passaram a se chamar Escolas Industriais e Técnicas (EIT), sendo sua missão a formação de

mão de obra para o processo de industrialização em franco desenvolvimento. (LIMA FILHO, 2002).

Os alunos formados nos cursos técnicos industriais tinham os mesmos direitos dos demais alunos, sendo autorizados a ingressar no ensino superior em áreas equivalentes à formação técnica. Contudo, Queiroz *et al.* (2007) afirma que a equivalência gerou efeitos não esperados, pois, surgiram muitas escolas particulares de baixa qualidade, devido a grande visibilidade da educação técnica, que não ofereciam de fato educação profissional e tampouco preparavam os alunos para o ingresso no ensino superior. Esse fato gerou descrédito desta modalidade de ensino e contribuiu para o agravamento da crise de acesso ao ensino superior.

Acerca dos estabelecimentos de ensino particulares, é também a partir desse período que começaram a surgir as primeiras entidades especializadas na aprendizagem profissional do chamado Sistema S, como o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), através do Decreto-Lei n. 4.073/1942<sup>3</sup>. Ao longo dos anos seguintes, surgiram o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC), o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR), o Serviço Social do Transporte (SEST) e o Serviço Nacional de Aprendizagem do Transporte (SENAT), Serviço Social da Indústria (SESI), Serviço Social do Comércio (SESC), o Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (SESCOOP), etc.

Sobre os problemas do ensino profissional e considerando a instituição do Sistema S, Frigotto (2007) diz que a pedagogia deste sistema, em especial do SENAI, veio na perspectiva do capital, projeto do golpe civil-militar e incorporado como política para o campo da educação. Sob a égide do economicismo e do pragmatismo, adotou-se a ideologia do capital humano com base na lógica do mercado. Nesse aspecto, o autor diz:

Cabe registrar que o Sistema S, que na década de 1980 se viu pressionado pela sociedade a repensar a sua função social, na década de 1990 não só abandonou essa agenda, mas começou a denominar, especialmente o SENAI, vários de seus departamentos regionais, de unidades de negócio. (FRIGOTTO, 2007, p. 1136).

---

<sup>3</sup> BRASIL. Decreto-Lei nº 4.073, de 30 de janeiro de 1942. Lei orgânica do ensino industrial. **Diário Oficial da União**, Rio de Janeiro, 9 fev. 1942. Seção 1, p. 1997. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-4073-30-janeiro-1942-414503-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 14 abr. 2017.

É importante destacar que em toda a historicidade da educação técnica e profissional, o Estado, em função do crescimento econômico, subordinou a educação ao mercado e transferiu aos educandos a responsabilidade em adquirir competências para a sua empregabilidade. O próprio professor reforça esse estado de subordinação, já que muitos são recrutados do mercado de trabalho e não possibilitam uma aprendizagem baseada na perspectiva crítico-reflexiva.

### 2.1.2 A transformação das ETF e EAF em CEFET: entre 1960 a 2008

Tendo em vista os avanços no contexto socioeconômico, novas transformações no sistema de ensino público federal foram empreendidas como forma de superação dos desafios presentes nesse contexto. Assim, a reconfiguração no campo da educação técnica e profissional permitiu que as EIT fossem transformadas em Escolas Técnicas Federais (ETF) em 1959, bem como as fazendas modelo do Ministério da Agricultura foram transferidas ao Ministério da Educação, transformando-se em as Escolas Agrotécnicas Federais (EAF) em 1967. A partir desse momento, o ensino profissional e técnico passou a ser considerado essencial para a expansão da economia, tendo como base o modelo das escolas técnicas dos países industrializados, o que permitiu consolidar o sistema federal de escolas técnicas e agrotécnicas. (QUEIROZ *et al.*, 2007).

Apesar das deficiências e dos impasses entre a educação geral e a profissional, a Lei nº 4.024/61 instituiu a equivalência entre o ensino profissional e médio, assim como possibilitou aos sujeitos o ingresso no ensino superior. A equivalência rompeu com a rigidez entre estes dois níveis de aprendizagem e representou uma importante medida de democratização da educação nacional e de valorização do ensino industrial e das ETF e EAF.

Nos anos de 1970, com a aceleração do crescimento econômico, houve uma forte expansão da oferta de ensino técnico e profissional no país, favorecendo em 1978 o surgimento dos três primeiros CEFET, em Minas Gerais, Paraná e Rio de Janeiro - Lei nº 6.545/78. As mudanças no sistema educacional conferiram a estas instituições mais uma atribuição, formar engenheiros de operação e tecnólogos. De acordo com Lima Filho (2002, p. 5)

O prestígio das Escolas Técnicas Federais foi crescendo, na década de 1970, assim como a procura por seus cursos. Tal fato deveu-se, entre outros, à implementação da equivalência aos cursos secundários; à demanda crescente por níveis de escolaridade

mais elevados para a ocupação de postos de trabalho nas atividades produtivas industriais e de serviços; à desqualificação das redes públicas estaduais de 2º grau e ao fortalecimento do ensino privado produzidos pela Lei 5.692/71; à elevação da qualidade das escolas técnicas em função dos investimentos realizados, permitindo a melhoria de suas instalações e a capacitação de seu corpo docente.

As ETF e EAF, juntamente com os CEFET foram considerados exemplos de educação de qualidade, pois, comprometidos com a formação integral promoveram ação compensatória em relação às lacunas nas condições culturais e de educabilidade dos estudantes. Por esses motivos, foram inúmeros os pleitos para a criação de novas escolas em todos os recantos do país, o que levou o governo federal a estabelecer normas para a criação de novas escolas federais, conforme menciona a Lei n. 9649/1998 em seu Art. 47.

A expansão da oferta de educação profissional, mediante a criação de novas unidades de ensino por parte da União, somente poderá ocorrer em parceria com Estados, Municípios, Distrito Federal, setor produtivo ou organizações não governamentais, que serão responsáveis pela manutenção e gestão dos novos estabelecimentos de ensino.

Os anos de 1980 revelaram uma estagnação qualitativa e quantitativa na oferta da educação profissional, conforme palavras de Lima Filho (2002, p. 8), que afirma ainda:

É interessante observar que a estagnação da oferta de educação profissional no citado período coincide com a chamada “década perdida” – em termos econômicos – na qual os países da América Latina registraram taxa de crescimento insignificantes ou negativas, com queda geral do PIB. No plano interno o país presenciou o esgotamento do breve período de expansão econômica, a crise do endividamento externo que se fez acompanhar de crises inflacionárias e de um forte programa de ajuste estrutural nos moldes do FMI e Banco Mundial. Ademais, a pressão dos movimentos sociais, fragilização da ditadura, abertura política e transição à democracia constituíram um ambiente de disputa e redefinição de projeto nacional – no plano interno – e uma situação de instabilidade a qual os tradicionais financiadores externos de projetos sociais, em particular Banco Mundial, BID e FMI, possivelmente consideraram imprópria para novas inversões.

Quando se olha para o cenário educacional na década de 80, dois sentidos se destacaram no contexto da educação, a democracia e a cidadania, temas estes que aparecem nas propostas curriculares e nos planos de educação, nas conferências e na legislação, segundo afirma Pereira (2006). O cenário educacional, devido às reformas instituídas pela ditadura militar, era alvo das críticas de educadores, que se organizavam em associações para reivindicação de melhorias profissionais e no contexto do trabalho. (SAVIANI, 2004<sup>4</sup> *apud* PEREIRA, 2006).

---

<sup>4</sup> SAVIANI, Dermeval *et al.* **O legado educacional do século XX no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2004.

Com a promulgação da Lei nº 8.948/1994, as ETF e as EAF foram gradativamente transformadas em CEFET, mediante decreto específico para cada instituição. Dezesesseis anos depois, os CEFET tornaram-se as unidades padrões da RFEPCT, tendo como missão preparar o país para as transformações tecnológicas ocorridas entre os anos de 1980 e 1990. Segundo Martini, Ventura e Pereira (2005), além do ensino técnico profissional, essas escolas também tinham o compromisso com a formação de professores em licenciatura para as disciplinas de formação geral e para as disciplinas especializadas. Lima Filho (2005) acrescenta que apesar de diversidade de atividades e cursos, até meados dos anos de 1980 os CEFET mantiveram as modalidades de cursos e o quantitativo de vagas oferecidas anualmente praticamente inalterados.

No entanto, com o propósito de ampliação do número de vagas, o Presidente da República José Sarney promulgou a Portaria nº 67/1987, para a criação das UNED vinculadas aos CEFET. Para viabilização da interiorização do ensino técnico, as UNED eram dotadas de autonomia administrativa, patrimonial, financeira, didática, técnica e disciplinar, bem como tinham a finalidade de ministrar cursos técnicos em nível médio nas áreas industrial e de serviços, em atenção às demandas formativas dos sujeitos nos contextos regionais e em relação ao avanço tecnológico do país, em expansão à época para as áreas interioranas.

Costa (2016) ao refletir sobre esse cenário, em que as escolas de formação profissional assumem novas finalidades, principalmente, o ensino superior, diz que os pressupostos de uma formação profissional subordinada aos processos produtivos consolidaram-se, visto que os cursos de capacitação estavam atrelados aos modos de produção e ao mercado. Neste aspecto, a formação do trabalhador inseriu-se num contexto de contradição, visto que não era garantia de emprego ao trabalhador mais bem qualificado e com alto nível de escolaridade. Entretanto, apesar da importância do papel social da escola na vida dos sujeitos, há que se reconhecer que o ensino é apartado de uma formação politécnica, onde haja uma interlocução com a cultura, com o trabalho ontológico e produtivo, com a política e a ciência. Ou seja, um ensino desprovido de um sentido crítico, onde os sujeitos sejam capazes de refletir sobre sua formação e sua condição enquanto trabalhadores inseridos na perspectiva do desenvolvimento capitalista. Mediante o exposto, o desafio que se coloca é a reflexão sobre as relações entre a educação profissional e os modos de produção, ou seja, com o capital.

Em 1996, a Lei Federal nº 9.394/96, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), inaugurou mais uma etapa na consolidação da educação básica e reconfigurou a identidade do Ensino Médio, bem como reafirmou a necessidade de preparação do alunado para o trabalho. Como diz em seu Art. 39, “a educação profissional e tecnológica, no cumprimento dos objetivos da educação nacional, integra-se aos diferentes níveis e modalidades de educação e às dimensões do trabalho, da ciência e da tecnologia”. Além da preparação para o exercício de profissões técnicas, houve também a garantia de prosseguimento de estudos na educação superior. A educação de jovens e adultos (EJA) também foi estimulada no contexto da formação profissional, conforme disposto no Art. 37 da LDB, devendo ser, preferencialmente, articulada com a educação profissional. Tal citação na lei demonstrou a preocupação com a formação educacional e profissional desses sujeitos, bem como sua inserção no mundo do trabalho.

Analisando-se todo o processo de desenvolvimento e transformação da educação profissional e tecnológica desde 1909 até o início dos anos 2000, Kasper (2016) diz que o que se fez foi formar sujeitos para ocupação de postos de trabalho no processo de industrialização crescente, capazes de reproduzir as ações e executar tarefas sem criar, desenvolver ou questionar o que se fazia. O que se visualizou foi um retrocesso em nome de uma “falsa” igualdade de acesso das camadas sociais desfavorecidas a uma educação profissional pública. Voltou-se às práticas coloniais onde imperava a separação entre o trabalho manual e intelectual.

Acerca da educação profissional no governo do presidente Fernando Henrique Cardoso, Costa (2016) diz que essa modalidade de ensino foi estruturada no “estado mínimo”. Na perspectiva dessa política, a educação profissional tornou-se interessante ao capital à medida que possibilitou a formação da força de trabalho para as necessidades do mercado. O fio condutor das políticas educacionais foi a lógica de se garantir qualificação da mão de obra para um mercado competitivo e globalizado. Nesse aspecto, a educação profissional manteve-se no seu *status quo* original, o de educação de pobres para pobres, concebendo o trabalhador como parte do sistema produtivo.

Desse modo, ao ensino técnico foi delegada uma proposta de formação ideológica neoliberal, onde os jovens em nome de uma suposta liberdade e de um crescimento econômico se responsabilizavam em adquirir competências e habilidades para sua empregabilidade. Com o

estado mínimo, o cidadão tornou-se cada vez mais dependente das leis do capital e, como forma de sobrevivência, vendeu sua força de trabalho sem questionamentos ao sistema.

### 2.1.3 A criação dos Institutos Federais: de 2008 à atualidade

Na configuração da educação técnica e profissional na atualidade, resultado do processo de transformação, expansão e desenvolvimento desta modalidade educacional, mediante a edição da Lei nº 11.892/2008 que reorganizou todo o sistema de educação profissional, a RFEPCT passou a contar com os 38 IF, dois CEFET, com a UTFPR, com o Colégio Pedro II e com as escolas técnicas remanescentes vinculadas às universidades.

Considerando-se esse contexto, Gouveia (2016) pondera que a RFEPCT “apesar das contradições contidas em seu resultado, sua natureza é modernizante conservadora. Seu compromisso se vincula aos interesses mais imediatos do capital, apesar de ampliar o acesso ao ensino profissional mesmo que de forma dual [...]”. No entanto, apesar das controvérsias presentes em sua história, é notório que esta recente fase de expansão da educação técnica e profissional - construção de mais de 500 novas unidades entre 2003 e 2016 - possibilitou a ampliação da oferta de cursos de qualificação, de ensino médio e técnico integrados, de cursos superiores de tecnologia, graduação e licenciaturas, bem como de pós-graduação, possibilitando também a ampliação do número de vagas e de acesso.

Segundo Pacheco (2010), a criação dos IF ressalta a valorização da educação e das instituições públicas, bem como dá visibilidade à atual política educacional para a RFEPCT. A educação profissional e tecnológica passou a ser fundamental para a construção de uma nação soberana e democrática, considerada estratégica para o desenvolvimento econômico e tecnológico nacional, bem como fator para fortalecimento do processo de inserção cidadã de milhões de brasileiros. Trata-se, portanto, de um projeto progressista que concebe à educação o papel de criadora, transformadora e enriquecedora de conhecimentos capazes de modificar a vida social e contexto local/regional.

#### 2.1.3.1 O modelo *multicampi* dos Institutos Federais

A adoção do modelo *multicampi* por instituições educacionais tornou-se uma tendência na atualidade. Este modelo de estruturação institucional possibilita a universalização das

oportunidades de educação e de formação às microrregiões, contribuindo significativamente para reduzir disparidades regionais, principalmente, a respeito da concentração da oferta de educação nos grandes centros urbanos, o que deixava as regiões interioranas do país por vezes descobertas quanto da oferta de cursos e programas de formação nas diversas áreas.

O conceito de instituição *multicampi* é, basicamente, o de uma instituição que, sendo uma única pessoa jurídica, mantém mais de dois *campi* separados. Esse conceito é aplicável a instituições como hospitais, clínicas, institutos de ensino entre outras. O modelo *multicampi* tem como característica a equidade, desempenhando um importante papel no desenvolvimento regional. (BAMPI; DIEI, 2013, p. 2). Destaca-se que o modelo *multicampi* é uma modalidade que não se prende a um único espaço geográfico, bem como supõe algo além do número de *campus* ou sua localização territorial. “Isso quer dizer que as instituições *multicampi* não podem ser definidas apenas por seu modelo organizacional, mas concomitantemente pela sua inserção geográfica regional”. (NEZ, 2015, p. 1145).

O modelo *multicampi* implica ter, além de certo quantitativo numérico de unidades, uma diversidade de cursos - presenciais e em EaD -, certo grau de integração, administração descentralizada, uma *práxis* característica, uma identidade do projeto pedagógico dos cursos, uma organização orientada para maximizar os resultados e certa distância entre os *campi*. (BAMPI; DIEI 2013, p. 2). Quando essa estrutura é pensada e planejada numa perspectiva sistêmica, privilegiando a correlação dos seus elementos e centrada nas diretrizes, objetivos e finalidades da política de expansão da educação básica e superior aos locais de demandas, contribui com o desenvolvimento local e regional em termos sociais, culturais, educacionais, econômicos, políticos etc.

Apesar desse modelo ainda se apresentar em fase embrionária no contexto das universidades federais brasileiras, algumas propostas vêm sendo adotadas mais fortemente desde longa data em universidades públicas estaduais e em algumas instituições privadas. Nesse sentido, como favorecem a interiorização da educação, as instituições dessa tipologia devem integrar as características administrativas próprias, autonomia de recursos e particularidades acadêmico-científicas entre suas unidades, relacionando-as intensamente com o contexto regional onde se encontram inseridas. (NEZ, 2015).

No âmbito das universidades estaduais, ao contrário das universidades federais, por estarem presentes em diversas regiões dos estados brasileiros, exemplificam melhor esse modelo de arranjo institucional. De acordo com Fialho (2005<sup>5</sup> *apud* NEZ, 2015, p. 1142), quando da implantação do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI) a partir de 2008, “[...] cerca de 80% das universidades estaduais do País tinha esse modelo no período citado, o que correspondia a trinta e uma instituições”.

No âmbito do ensino técnico e profissional, um expoente de peso na perspectiva do modelo *multicampi* foi a criação dos IF. Conforme descrito no Art. 2º da Lei nº 11.892/2008, os IF são instituições de educação *multicampi* que possuem natureza jurídica de autarquia, bem como são dotadas de autonomia administrativa, patrimonial, financeira, didático-pedagógica e disciplinar. Com a concretização pelo MEC da construção de mais de 500 novas unidades referentes ao plano de expansão da educação profissional, a RFEPCCT vivenciou sua maior expansão entre os anos 2003 e 2016. Hoje são 38 IF presentes em todos estados do Brasil, oferecendo cursos de qualificação, ensino médio e técnico, cursos superiores de tecnologia, graduação e licenciaturas.

Conforme pondera Pacheco (2010), a atual RFEPCCT, por seu vínculo com a sociedade produtiva, representa a protagonização de um projeto político-pedagógico inovador, progressista e capaz de construir novos sujeitos históricos aptos à inserção no mundo do trabalho, bem como capazes de compreensão e transformação do seu meio, no sentido da construção de um novo mundo.

Na busca de sintonia com as potencialidades de desenvolvimento regional, os cursos dos IF devem alinhar-se às demandas regionais e locais, mediante audiências públicas e processos de escuta às representações sociais. Considerando-se esse aspecto, o modelo de estruturação *multicampi* dos IF possibilitou o comprometimento e a efetivação da intervenção nas respectivas regiões onde atuam, identificando problemas e criando soluções para o desenvolvimento sustentável e com inclusão social.

Considerando-se o contexto *multicampi*, o que está posto para os IF é o desafio da formação de cidadãos como agentes políticos capazes de ultrapassar obstáculos, pensar e agir em favor

---

<sup>5</sup> FIALHO, N. H. **Universidade multicampi**. Brasília: Autores Associados, 2005.

de transformações sociais desejáveis para a construção de outro mundo. Assim, na concepção dos IF vislumbrou-se articular num todo homogêneo trabalho-ciência-tecnologia-cultura na busca de soluções para os problemas de seu tempo, aspectos estes que devem estar em movimento e articulados ao dinamismo histórico das sociedades. Nessa perspectiva, conforme análise de Pacheco (2010), objetiva-se que os IF sejam um marco nas políticas educacionais brasileiras, bem como a representação do desafio a um novo caminhar na produção e democratização do conhecimento.

A biblioteca como espaço de aprendizagem, na concepção desse e de outros objetivos, tem um importante papel a cumprir, principalmente, no que se refere à construção do conhecimento. Portanto, na consecução dos objetivos escolares é importante que haja uma interlocução entre a biblioteca e as forças escolares, de forma que a formação plena dos sujeitos seja o foco principal de todo o processo de aprendizagem no ensino técnico e profissional, portanto, também compromisso a ser assumido pela biblioteca.

## **2.2 As bibliotecas no âmbito *multicampi* dos Institutos Federais: abordagem sistêmica, organização, papel e desafios**

### 2.2.1 A abordagem sistêmica das bibliotecas

Segundo Cunha (1977), desde fins da década de 60 já se preconizava no contexto brasileiro a constituição de um sistema de informação para organização e administração de serviços públicos. Conforme o Decreto-Lei nº 200/67 em seu artigo 30:

Serão organizadas sob a forma de sistema as atividades de pessoal, orçamento, estatística, administração financeira, contabilidade e auditoria, e serviços gerais, além de outras atividades auxiliares comuns a todos os órgãos da Administração que, a critério do Poder Executivo, necessitem de coordenação central.

No contexto educacional, o sistema de bibliotecas começou a ser abordado à época da reforma universitária com a promulgação da Lei 5.540/68<sup>6</sup>. Segundo Lima (1977), esta lei estabeleceu as finalidades do ensino superior no Brasil, onde as universidades deveriam realizar atividades de ensino, pesquisa, pós-graduação e extensão. No curso desse processo, a biblioteca também passou por transformações, a fim de acompanhar o desenvolvimento universitário. Seu papel foi o de oferecer fontes de informação para suporte ao ensino, pesquisa e extensão. Isso

---

<sup>6</sup> Revogada pela Lei nº 9.394, de 1996.

implicou, também, em novos conceitos e serviços bibliotecários em acordo às finalidades do ensino superior.

A ideia de sistemas aplicáveis à Biblioteconomia e à Documentação se cristalizou como instrumento de trabalho de grande potencial porque mobiliza todos os recursos das bibliotecas e centros de informação. Conforme considerações de Cunha (1977, p. 36),

Assim, falar em sistema para racionalizar a indústria da informação, seria esquematizá-la como modelo de integração vertical e, portanto, de forma hierárquica dentro dos limites das organizações e dos serviços existentes ou planejados, de qualquer grandeza, e nos quais a ênfase recai mais nos recursos internos, de um extremo a outro, do que nas relações externas. Os contatos, recíprocos ou não, entre tais sistemas ou entre bibliotecas ou entre bibliotecas isoladas constituem as redes – integração horizontal – e, por conseguinte, a essência da cooperação ou interdependência.

Independentemente do nível de ensino, se escolar ou universitário, o objetivo do sistema de bibliotecas é coordenar tecnicamente suas unidades, com a finalidade de normalizar os processos técnicos de formação, organização e utilização do patrimônio bibliográfico. Tais objetivos devem ser planejados em consonância com as finalidades e objetivos da escola, considerando sua missão educativa.

Ainda de acordo com Cunha (1977), a composição vertical dos sistemas não tem um modelo formal aplicável a qualquer caso ou circunstância, isto do ponto de vista teórico. Assim, cada sistema exigiria uma ação legislativa/normativa e mecanismos de administração de maior ou menor complexidade, conforme as peculiaridades de cada unidade geográfica ou de acordo com o consenso dos setores interessados. Nesse sentido, a autora diz que há alguns requisitos básicos a cumprir: formulação de uma política da informação; fixação de normas diversas aplicáveis a setores diversificados do trabalho de organizar documentação; facilidades de telecomunicação como requisitos implícitos às redes e sistemas; recursos humanos adequados; redução de custos como requisito ao desenvolvimento de sistemas e redes.

Na visão de Camurça, Araújo e Moraes (2013), a criação do sistema integrado de bibliotecas “objetiva o funcionamento sistêmico e padronizado dos serviços e procedimentos das bibliotecas, a fim de promover o acesso, a disseminação e o uso da informação dentro de uma gestão da informação focada na qualidade”. Assim, cabe aos gestores das bibliotecas pensar e organizar os serviços informacionais na perspectiva da integração com os elementos

organizativos do ensino presentes na instituição onde se inserem, de modo que o sistema de bibliotecas possa responder adequadamente à missão e aos objetivos para os quais fora criado.

No contexto educacional brasileiro existem inúmeros sistemas de bibliotecas, compreendendo as bibliotecas públicas, as bibliotecas escolares e universitárias. No âmbito das bibliotecas públicas, cita-se a criação em 1992 do Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas (SNBP), órgão instituído pelo Decreto Presidencial nº 520/1992<sup>7</sup> em substituição ao antigo Instituto Nacional do Livro (INL). Coordenado pela Biblioteca Nacional, o SNBP trabalha de maneira integrada e articulada aos sistemas de bibliotecas estaduais e municipais, respeitando-se o princípio federativo que rege as relações dos entes federados. O objetivo do SNBP é fortalecer as ações e estimular o trabalho em rede e colaborativo das bibliotecas públicas, primando pelo diálogo, transparência, responsabilidade e estímulo ao controle social.

Já no contexto do ensino superior, os sistemas de bibliotecas funcionam como órgãos complementares das universidades. Entre suas finalidades e objetivos destacam-se: suporte às atividades de ensino, pesquisa e extensão; definição de políticas de desenvolvimento dos diferentes acervos que compõem as diferentes bibliotecas universitárias; controle, disseminação e acesso à informação e à produção técnico-científica; promoção do intercâmbio de experiências e acervos etc.

Quando se falou em abordagem sistêmica no âmbito das bibliotecas universitárias, a centralização e a descentralização eram temáticas recorrentes. Num primeiro momento a centralização foi a opção considerada, tendo como objetivo a criação de uma política global para nortear o planejamento das atividades bibliotecárias, bem como normalizar os processos técnicos de formação, organização e utilização do patrimônio bibliográfico universitário e a dotação orçamentária para aquisição de acervo. As variáveis acerca do grau de centralização dos sistemas de bibliotecas são referentes a: idade das bibliotecas do sistema, as distâncias entre as unidades de ensino e as bibliotecas, o volume de recursos disponíveis etc., tudo de forma a impor uma certa racionalidade ao processo decisivo. (MIRANDA, 2004).

---

<sup>7</sup> BRASIL. Decreto nº 520, de 13 de maio de 1992. Institui o Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 13 maio 1992. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/1990-1994/D0520.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1990-1994/D0520.htm)>. Acesso em: 14 abr. 2017.

Em se tratando das escolas técnicas federais, os sistemas de bibliotecas, apesar de incipientes, não podem ser concebidos do mesmo modo que no contexto universitário, em virtude da autonomia das unidades escolares e das especificidades e demandas advindas da diversidade de sujeitos presente nas formações básica, profissional e superior. No entanto, as motivações para a criação desses sistemas incluem as mesmas finalidades apresentadas no contexto universitário, bem como visam os mesmos objetivos quanto à gestão e utilização dos recursos materiais e informacionais que formam o acervo das bibliotecas dessas instituições.

### 2.2.2 A organização das bibliotecas no âmbito dos IF

Conforme Varela Orol, Garcia Melero e Gonzalez Guitian (1988) a cooperação entre bibliotecas é um fenômeno mundial estimulado pelo desenvolvimento das telecomunicações, da informática e pelo grande volume de publicações decorrentes da explosão bibliográfica. A crise financeira de muitas instituições e o alto custo das publicações também ajudam a explicar o fenômeno da cooperação bibliotecária.

A organização/estruturação das bibliotecas no âmbito dos IF se apresenta como uma realidade necessária, visto que a criação dessas instituições em 2008 evidenciou a necessidade das bibliotecas se organizarem/estruturarem para atender as demandas educacionais do ensino na perspectiva *multicampi*. O trabalho das bibliotecas que antes acontecia de modo isolado, em atenção a apenas a sua unidade gestora, passa agora a ocorrer de maneira integrada, considerando-se as várias unidades - *campus* - que compõem os IFs. Há que se considerar também a autonomia administrativa e didática dos *campi* que compõem os IFs, o que determina também certa autonomia das bibliotecas quanto ao desenvolvimento das suas atividades diante do contexto institucional.

No caso dos IF, a organização/estruturação das bibliotecas, além das motivações expressas pelos autores acima citados, teve como finalidade a integração com o contexto escolar, que se processa *multicampi*, multinível - ensino básico, técnico e superior -, assim como comporta uma variedade de cursos e uma diversidade de sujeitos em constante interação nos processos de ensino-aprendizagem. Nesse sentido, Camurça, Araújo e Morais (2013, p. 3) dizem:

As bibliotecas, que antes eram escolares, precisaram se transformar para atender ensino, pesquisa e extensão; conhecer seu novo público, incrementar os serviços, implementar novas condutas. O desafio do estudo é construir um sistema integrado

de bibliotecas com base na nova identidade proporcionada pela criação dos IFs, uma biblioteca que não é exclusivamente escolar, (mas atende ao nível básico e médio), que não é unicamente especializada (embora contenha assuntos específicos), que não é somente superior ou universitária (mas compreende a pesquisa e extensão) e que não é pública (porém atende ao público em geral).

Essa organização/estruturação representa a visão dos bibliotecários acerca da necessidade de cooperação de esforços para que a biblioteca seja elemento essencial em meio ao processo de ensino, por vezes complexo e desafiador.

Diferentemente da estruturação adotada em muitas universidades, a organização/estruturação das bibliotecas nos IF se apresenta de modo diferente de uma instituição para a outra, devido as especificidades institucionais, as demandas educacionais advindas da variedade de cursos e da diversidade de sujeitos, bem como das características locais/regionais onde esses organismos se inserem. Pode-se visualizar sistemas de bibliotecas em alguns IF, redes em outros ou mesmo bibliotecas atuando isoladamente dentro da mesma instituição.

Há que se observar que essa variação entre sistemas e redes decorre do não entendimento dos gestores acerca da ideia que distingue essas duas formas de organização/estruturação das bibliotecas. Varela Orol, Garcia Melero e Gonzalez Guitian (1988) dizem que sistemas e redes tem características comuns, mas ambos se diferem. Segundo estes autores, os sistemas de bibliotecas possuem planejamento e estrutura organizacional comuns, e que dependem da mesma unidade administrativa para a consecução dos mesmos objetivos. Atuando como sistema, as bibliotecas funcionam como elementos de uma mesma unidade e com objetivos definidos para ambas, ou seja, funcionam de modo global com planejamento e gestão comuns. Já as redes de bibliotecas são um conjunto de unidades bibliotecárias conectadas, mas que mantem autonomia administrativa e cujo fundamento da rede é a cooperação entre as bibliotecas. Assim, as redes são organizações independentes, mas que se comprometem formalmente a alcançar objetivos comuns.

Considerando-se as características que diferem sistemas e redes de bibliotecas, pode-se dizer que no âmbito dos IF existem apenas redes de bibliotecas, haja vista que as bibliotecas estão subordinadas política, administrativa e financeiramente às direções gerais dos respectivos *campi* onde se inserem. Nesse aspecto, cada unidade bibliotecária possui independência administrativa em relação ao órgão coordenador do sistema/rede a que estão vinculadas

cooperativamente, assim como possuem autonomia na implementação de projetos e serviços informacionais aos seus usuários.

Quanto ao trabalho isolado das bibliotecas no contexto do mesmo IF, realidade da maior parte das instituições, considerando-se os sistemas e redes de bibliotecas já instituídos, há que se investigar as razões que corroboram para essa (des)organização. Há que se ponderar acerca das especificidades ambientais de inserção dessas instituições, das peculiaridades institucionais - administrativas e educacionais - em cada contexto, a visão dos gestores e bibliotecários acerca desse processo, bem como as condições infraestruturais - físicas, materiais, humanas, etc. - que impossibilitam a integração/cooperação em torno das finalidades, metas e objetivos institucionais.

### 2.2.3 O papel da biblioteca no âmbito do ensino técnico e profissional dos IF

De acordo com as diferentes visões sobre a biblioteca, destaca-se que qualquer que seja o tipo de instituição de ensino é importante que em sua estrutura administrativa possa a mesma prever a existência de uma biblioteca. A biblioteca e seus profissionais são imprescindíveis e copartícipes da educação desenvolvida nas instituições de ensino, na qual educandos, educadores e a comunidade sejam contemplados nas discussões de conteúdos, metodologias e avaliações, de forma a contribuir para uma formação participativa e integrada. (SOUSA; SANTOS JÚNIOR, 2012).

Esse enunciado cumpre com os dizeres da Lei 12.244/2010, que traz em seu “Art. 1º, as instituições de ensino públicas e privadas de todos os sistemas de ensino do País contarão com bibliotecas”, bem como no “Art. 3º, os sistemas de ensino do País deverão desenvolver esforços progressivos para que a universalização das bibliotecas escolares [...] seja efetivada [...]”, onde de forma articulada e participativa, integrar-se-á ao ambiente escolar e ao universo da educação. Segundo Paletta *et al.* (2014, p. 1-2), qualquer que seja o tipo de biblioteca

[...] para atender de modo eficiente e eficaz a sua comunidade de usuários, precisa contar minimamente com um espaço organizado, um acervo diversificado, um conjunto de serviços disponível e um profissional capacitado e interessado que gerencie e articule esse ambiente, bem como faça a mediação da informação existente com o seu potencial usuário, colaborando assim com o programa pedagógico da instituição de ensino. Apesar de parecer uma atividade simples, reconhecemos que a mesma não o é, pois estas etapas exigem ainda um

planejamento básico que as ponha em prática e o ambiente efetivamente em funcionamento.

No entanto, o ambiente de mudanças impõe desafios que a biblioteca deve equacionar, de forma a contribuir para que os sujeitos em processo de aprendizagem escolar tenham formação adequada, no sentido de responder competentemente aos desafios e as demandas desse ambiente que se transforma continuamente. Como espaço destinado à promoção do conhecimento, a biblioteca deve propiciar e estimular a conexão entre os saberes, atuando não como local de estoque de livros e equipamentos, mas sim como oficina de ideias.

Conforme Paletta *et al.* (2014), para que a biblioteca seja efetiva no ambiente escolar, ela precisa manter uma sintonia constante com o conteúdo do planejamento docente, bem como é necessário estabelecer uma relação entre bibliotecário e professor, pois, como educadores devem se preocupar com a formação do aluno. É preciso, pois, que suas ações estejam em sintonia com os projetos educacionais desenvolvidos pela escola, de forma a ser uma infraestrutura de apoio às necessidades da instituição, bem como oferecer acervos informacionais que atendam aos requisitos de educação, formação, capacitação e qualificação de indivíduos.

No contexto dos IF, devido à diversidade de sujeitos e de cursos - formação inicial, continuada e de qualificação profissional -, as bibliotecas precisam trabalhar de modo diferenciado, diversificando-se para atender as características da comunidade de usuários a que serve. As suas ações e serviços informacionais devem ser compatíveis com os interesses formativos desse público, assim como devem estar alinhados às demandas institucionais, considerando o dinamismo do ambiente externo. Segundo Sousa e Santos Júnior (2012, p. 4),

Isso dificulta não apenas a sua nomenclatura, mas principalmente cumprir seus objetivos que se referem a atender de forma eficiente às necessidades de informação dos seus usuários-clientes. Sua função é reunir, organizar, e difundir as informações necessárias ao ensino, à pesquisa e a extensão. Para tanto, seus acervos e serviços devem estar em consonância com os programas de ensino ministrados pelo Instituto.

Ao se analisar a educação profissional no contexto brasileiro, é possível perceber que apesar dos problemas e desafios em virtude do cenário de descaso que se apresentam à modalidade, o ensino profissional sempre foi tido como estratégico para o desenvolvimento nacional. (SILVA; SILVA, 2015). No entanto, as políticas e ações para a modalidade sempre foram balizadas pelas demandas do mercado, descontextualizada de uma formação crítica e

reflexiva. Ou seja, uma formação apartada da politecnicidade - cultura, trabalho ontológico e produtivo, política, ciência, etc. -, pois, não há uma interlocução e problematização que possibilite romper com a divisão histórica entre trabalho e educação. Diante desse aspecto, cabe também à biblioteca o desafio de atuar no sentido de contribuir para a reversão dessa lógica, mediante o trabalho de aproximação dos sujeitos das fontes de informações e sendo um espaço para reflexão crítica acerca dos próprios sujeitos e do meio onde estão inseridos.

Nesse processo, a democratização e o incentivo à leitura são primordiais. Reforça-se que o acesso à informação é um direito de todos os indivíduos, pois, a preservação do patrimônio cultural se efetivará quando os sujeitos tiverem acesso ao que foi produzido ao longo da história humana. Como a transferência da herança cultural torna-se um elemento importante ao fortalecimento da identidade dos sujeitos, Bernardino e Suaiden (2011, p. 33) trazem algumas questões à reflexão acerca do sentido da biblioteca na formação dos sujeitos

E, como assumir essas funções em meio ao emaranhado de problemas acumulados ao longo da história? Como acompanhar as tecnologias em meio às desigualdades sociais? Em primeiro lugar, é preciso deixar de ter funções colocadas sabiamente em retórica poética, mas assumir sua função transformadora da sociedade e caminhar junto com sua clientela, de forma a construir o conhecimento. É preciso pensar no usuário. É preciso, sobretudo, pensar na responsabilidade social da biblioteca [...], seja ela de que tipo for [...] e em sua função intermediadora entre o leitor e a informação, e conseqüentemente, o conhecimento (inserção nossa).

Há, pois, a necessidade de que a biblioteca estabeleça um diálogo com sua comunidade, visando a promoção da cultura, dos saberes e o enriquecimento do conhecimento, de forma a modificar a vida social e atribuir mais sentido ao conjunto da experiência humana no âmbito local e regional de atuação da instituição. Cabe, pois, às bibliotecas planejar suas ações em conformidade com as demandas dos sujeitos atendidos, estimulando a leitura e a reflexão das informações processadas. Considerando o contexto político, tecnológico, social e cultural local, a biblioteca ao assumir seu papel perante sua comunidade reafirma sua função social e incorpora, além da preservação e difusão do conhecimento, a própria comunidade onde está inserida. (BERNARDINO; SUAIDEN, 2011).

#### 2.2.4 Os desafios da abordagem sistêmica no âmbito das bibliotecas dos IF

O desenvolvimento das bibliotecas apresenta-se hoje mais como um problema de mudança de enfoque de seus objetivos e formas de ação, que de um ajustamento de estruturas, conforme

destaca Lima (1977). De acordo com Cunha (1977), requer-se das bibliotecas a redefinição dos seus objetivos de forma a possibilitar o planejamento adequado dos serviços informacionais. Aos bibliotecários talvez lhes falte na conjuntura atual um instrumento legal que os conduza à reformulação de seus conceitos de trabalho. A simples aceitação incondicional do conceito de sistemas não produzirá o milagre de solucionar os problemas que entravam a organização desejada no setor da informação. Há, pois, ainda um longo caminho a percorrer, até que se alcance a coparticipação ideal, o que revela que deve ser um empreendimento de longo prazo.

Entretanto, as bibliotecas no contexto dos IF precisam superar alguns desafios, sobretudo se fortalecer enquanto unidade sistêmica, bem como atuar em parceria com professores de forma a poder se integrar ao ambiente escolar. Assim, um primeiro desafio ao sistema de bibliotecas é a incorporação da dimensão conceitual do significado de sistema, pois, raramente os profissionais dominam tais fundamentos teóricos para sua aplicação prática. Nesse sentido, “o desafio semântico diz respeito às dificuldades associadas ao entendimento do significado do vocábulo sistêmico. O tipo de equívoco mais ingênuo que se pode cometer é confundir o uso de algum tipo de abordagem sistemática com visão sistêmica”. (DONAIRES, 2014, p. 7). Como as instituições dependem das pessoas para o seu planejamento, organização, controle, operação e funcionalidade, no caso do sistema de bibliotecas seus sujeitos também precisam incorporar o ideal de sistema para que as atividades das bibliotecas possam se desenvolver frente às concepções e interesses pessoais. Ainda de acordo com Donaires (2014, p. 5)

A ideia de sistemas, portanto, representa apenas um ideal de compreensibilidade, uma vez que não se pode conhecer “o sistema todo”. Sendo assim, a ideia de sistemas sugere a necessidade de reflexão crítica na inevitável falta de compreensibilidade no nosso entendimento e projeto de sistemas (sociais).

A adaptação às mudanças constantes é um segundo desafio, pois, como um sistema aberto sofre as mudanças ambientais. Nesse sentido, espera-se que a biblioteca deva ser igualmente variável, adaptando-se às inconstâncias ambientais. Entretanto, Maciel e Mendonça (2000, p. 5) dizem “ao mesmo tempo uma organização não pode sobreviver na dependência absoluta de variações ambientais. Precisa de alguma regularidade estrutural para enfrentar todas essas incertezas e que seja, ao mesmo tempo, simples e flexível”. Nesse aspecto, a biblioteca precisa ter claro o seu horizonte, foco e espaço de atuação. Faltando clareza e propósitos a

biblioteca fica apartada dos processos escolares, criando um “abismo” entre a mesma e os sujeitos da aprendizagem - professores e alunos -.

Também, a transdisciplinaridade apresenta-se como um desafio ao sistema/rede de bibliotecas. Acerca do exposto, o desenvolvimento de acervo é um exercício para a superação da visão reducionista do conhecimento, portanto, também um desafio a ser superado no âmbito do sistema de bibliotecas. “O desenvolvimento de uma coleção, sob uma abordagem sistêmica, deve analisar cada etapa de seu processo tanto sobre sua utilidade para o resultado final (funcionalismo) quanto sobre seu papel para o processo como um todo (holismo)”. (MIRANDA; D’AMORE; PINTO, 2013, p. 101).

Sobre o tratamento do acervo, o mecanicismo/tecnicismo dos processos bibliotecários ante ao acesso à informação também precisa ser superado. Privilegiar aspectos técnicos dos sistemas/redes reduz o trabalho de intervenção para melhoria nos sistemas de tecnologia da comunicação e informação (TIC) para atendimento às necessidades sociais, organizacionais, humanas e informacionais dos sujeitos. Em face dos anseios informacionais no contexto escolar, a tecnologia deve ser uma aliada no acesso e compartilhamento da informação, não a finalidade do sistema.

A falta de infraestrutura de muitas bibliotecas também é motivo de preocupação da administração do sistema/rede de bibliotecas, sempre acostumada a lidar com a escassez de recursos - humanos, materiais e infraestruturais -. No que se refere à infraestrutura de pessoal especializado, as políticas de recursos humanos dos governos são inadequadas por não permitir flexibilizar a dimensão qualitativa e quantitativa do quadro de pessoal para atendimento das demandas concretas das bibliotecas. No caso dos IF, esse problema é agravado em virtude da falta de planejamento do processo de expansão da educação profissional em 2008, já que muitas unidades não possuíam infraestrutura adequada, contando com o apoio de governos locais para cessão de espaço para o funcionamento provisório das novas unidades.

Por fim e sem a pretensão de esgotar o assunto, uma barreira que precisa ser transposta é a ausência da biblioteca e, conseqüentemente, do bibliotecário nas discussões das propostas dos projetos educativos e nos planos pedagógicos da escola. A prática educativa, seja no contexto escolar ou no meio acadêmico, não se encerra no simples incentivo à leitura ou ao

treinamento para uso de fontes de informações. Nesse sentido, o bibliotecário precisa se inteirar das necessidades curriculares dos alunos e interagir com os professores, de maneira que possa conhecer o processo de ensino-aprendizagem em sala de aula. A prática educativa no âmbito da biblioteca só será frutífera com a participação e apoio dos gestores escolares e, principalmente, dos professores, agentes ativos do processo de ensino-aprendizagem.

Ante aos desafios enfrentados pelo sistema de bibliotecas, sabe-se que na prática as organizações enquanto sistemas não funcionam de modo perfeito, conforme o desejo e de acordo com a proposição da administração organizacional, haja vista as complexidades sociais e o caráter singular dos sujeitos e das relações humanas. Nesse sentido, conforme Donaires (2014, p. 5) “a ideia de sistemas, portanto, representa apenas um ideal de compreensibilidade, uma vez que não se pode conhecer o sistema todo”. Urge, pois, a necessidade de reflexão crítica na inevitável falta de compreensibilidade do nosso entendimento acerca do projeto de sistemas.

Assim, pensar a bibliotecas enquanto parte do sistema escolar e que, por sua vez, ambos estão inseridos em um sistema social maior, é pensar nas especificidades desse contexto que requer do sistema/rede de bibliotecas uma postura ativa, no sentido de responder às demandas ambientais, bem como criar soluções informacionais, tecnológicas e educacionais para capacitação dos sujeitos para participação e enfrentamento às exigências sociais. Nesse aspecto, a educação de usuários é a maneira que a biblioteca pode proporcionar aos sujeitos as condições informacionais de que precisam para se inserir nos diversos processos sociais. Portanto, o desenvolvimento da prática educativa do bibliotecário é condição essencial para que os sujeitos possam de modo sábio se apropriar da informação disponível, seja na biblioteca escolar ou em outros espaços de intercâmbio informacional, para a construção e compartilhamento de conhecimentos.

### **3 A AÇÃO EDUCATIVA DO BIBLIOTECÁRIO: FORMAÇÃO E ESTRATÉGIAS PRÁTICAS NA ORIENTAÇÃO DOS USUÁRIOS**

Nesse capítulo são abordadas algumas reflexões acerca dos saberes e das práticas educativas dos bibliotecários, tão necessárias para a formação e capacitação dos usuários da biblioteca, com vistas ao acesso, uso e compartilhamento das informações. Antes, discute-se alguns aspectos e questões acerca da “didática”, campo do saber responsável por possibilitar a reflexão acerca do fazer educativo nas escolas, portanto, útil ao entendimento do conceito e representatividade do que se chama “prática educativa”. Em seguida são abordados os saberes necessários à prática docente e a relação desses saberes com a ação educativa dos bibliotecários, bem como são apresentadas algumas práticas comuns no cotidiano das bibliotecas.

#### **3.1 A didática e as reflexões acerca da prática pedagógica**

Cercada de críticas visto suas limitações na busca de soluções para os problemas educativos, a didática é a disciplina responsável por capacitar os educadores para a prática educativa, ou prática pedagógica, em sala de aula. Os debates, sobretudo no meio acadêmico, sobre a necessidade de superação da fase de “crítica à educação” são anteriores à década de 80, onde já se discutia acerca dos descaminhos da escola, muitas vezes opressora, reprodutivista, capitalista, elitista e disseminadora de visões preconceituosas. Tal histórico serviu de base para práticas pedagógicas que, apesar de valorizadas e populares na atualidade, demonstram incapacidade para garantir a permanência, o aproveitamento e o sucesso escolar dos alunos. (BRANDÃO, 2011).

Mesmo considerando seus desafios, Candau (2011, p. 13) diz que a didática ocupa lugar de destaque no processo de formação de educadores, pois, propicia o exercício da docência ao mesmo tempo em que possibilita refletir sobre ela. Nesse processo estão elencados componentes curriculares orientados ao fazer educativo, uma demanda por reflexão sistemática e a busca de alternativas aos problemas da prática pedagógica. Piletti (2010) também compartilha desta ideia ao dizer que a didática possibilita uma visão geral da atividade docente, tendo como objeto as técnicas de ensino em seus aspectos práticos e operacionais, ou seja, os princípios, as normas e as técnicas que orientam o ensino.

No contexto do ensino brasileiro, ao refletir sobre a didática, André e Oliveira (2009) dizem que a partir de meados da década de 1980 até a atualidade, o saber didático se ocupou em discutir questões técnico-metodológicas, epistemológicas e ideológicas, sendo-lhe atribuída a mediação entre os saberes científicos e escolares, entre as práticas produtivas no contexto social e práticas pedagógicas escolares. Nesse sentido, a didática posicionou-se favorável à ruptura ao tecnicismo pedagógico e favorável ao compromisso com a democratização da escola, tendo em vista os interesses das classes populares e a transformação social.

Na perspectiva da multidimensionalidade e no âmbito da prática pedagógica, a competência técnica, política e humana são essenciais e recíprocas, mas precisam ser trabalhadas, pois, não acontecem de maneira automática e espontânea. É na análise e contextualização da prática pedagógica que a didática assume a face multidimensional do processo ensino-aprendizagem, trabalhando a relação teoria e prática, bem como o comprometimento com a transformação social e com a busca de práticas pedagógicas, de forma a tornar o ensino mais eficiente.

Para se falar em prática educativa, é necessário também refletir sobre o educador, visto que este é o responsável por concretizar as ações educativas no ambiente escolar. Assim, Luckesi (2011, p. 26) diz que o “educador é todo ser humano envolvido em sua prática histórica transformadora”. Ou seja, em nossas relações somos educadores e educandos, ensinamos e somos ensinados, pois, estamos dialeticamente num contexto educacional. Entretanto, no contexto educativo escolar, o “educador é o profissional que se dedica à atividade de, intencionalmente, criar condições de desenvolvimento de condutas desejáveis, seja do ponto de vista do indivíduo, seja do ponto de vista do grupamento humano”. Nesse caso, é necessário um processo formal de aprendizagem estruturado e que confere a aquisição de conhecimentos e habilidades para o exercício da docência.

Sob esse aspecto, formar o educador é criar as condições necessárias para que esse profissional, que tanto pode ser sujeito ou objeto da história, esteja preparado cientificamente, tecnicamente, filosoficamente e afetivamente para a prática educativa. Portanto, são necessárias aprendizagens cognitivas, procedimentais, atitudinais e relacionais, num processo dialético e crítico frente ao mundo e à prática educacional. A profissão docente, assim como as demais profissões, emerge de contextos e momentos históricos em virtude das demandas sociais. No seu desenvolvimento, a docência sofre interferências dos processos da dinâmica social, devendo, pois, adequar-se às suas exigências e demandas. Portanto, é na leitura crítica

e reflexiva das dinâmicas sociais que se buscam os referenciais para caracterização e modificação da prática docente.

O ato de ensinar requer do professor preparo e esse processo inclui a reflexão da própria prática e o reconhecimento da necessidade da educação permanente, em virtude das mudanças e transformações nos processos sociais. A respeito desse fato, Freire (2001, p. 259-260) diz:

O fato, porém, de que ensinar ensina o ensinante a ensinar um certo conteúdo não deve significar, de modo algum, que o ensinante se aventure a ensinar sem competência para fazê-lo. Não o autoriza a ensinar o que não sabe. A responsabilidade ética, política e profissional do ensinante lhe coloca o dever de se preparar, de se capacitar, de se formar antes mesmo de iniciar sua atividade docente. Esta atividade exige que sua preparação, sua capacitação, sua formação se tornem processos permanentes. Sua experiência docente, se bem percebida e bem vivida, vai deixando claro que ela requer uma formação permanente do ensinante. Formação que se funda na análise crítica de sua prática.

Como prática social, já que se realiza na relação professor/aluno, ensinar e aprender são duas faces do mesmo processo, do processo educacional. Daí, como fenômeno exclusivamente humano, a prática educativa seja histórica e tenha historicidade. (FREIRE, 1996a, p. 54). Isto porque nós, seres humanos, somos sujeitos históricos e contamos nossa história através dos nossos atos no mundo, do nosso trabalho, das nossas descobertas e invenções. Nesse processo de criação e recriação do contexto social, somos seres históricos, sociais e culturais.

Refletindo sobre o papel do professor, Ludke (2011) lembra-nos da importância da dimensão técnica do trabalho do professor, visto que nesta dimensão está representado o lugar natural para o exercício didático, bem como é onde aparece o “saber ou o não saber” fazer as coisas necessárias ao processo de ensino-aprendizagem. Assim, a prática educativa que se processa nas relações sociais e não se limita à transmissão de conhecimentos, portanto, não é neutra, visto o contexto social, político, econômico e cultural onde está circunscrita. Cabe, pois, aos educadores a reflexão acerca dos rumos da prática educativa e da sociedade. (RAYS, 2011).

Na arte da reflexão didático-pedagógica necessária à prática docente, Freire (1996b) diz que se devem valorizar também os saberes dos discentes, pois, no ensino o conhecimento é construído de modo compartilhado, sendo uma atividade essencialmente humana. No curso da docência, é preciso reconhecer que ensinar exige metódica, pesquisa, reflexão e criticidade, ética, incorporação do novo e da novidade, respeito às individualidades e repúdio à discriminação e valorização da identidade cultural dos sujeitos.

De forma a possibilitar a superação dos desafios da prática pedagógica, é preciso que se busque aliar os fins pedagógicos aos fins sociais, tendo como referência a realidade social onde o ensino é desenvolvido. Na busca dessa perspectiva, é requerido o repensar da razão teórico-prática da didática em face da realidade educacional e social.

Contextualizando com a missão/função do bibliotecário no ambiente escolar, volta-se também a atenção para este profissional, visto o seu trabalho num espaço que por excelência contribui para com a aprendizagem dos sujeitos, a biblioteca. O discurso da competência “saber trabalhar em equipe” requer e conduz a discussão ao cerne desse capítulo, as práticas educativas no contexto da biblioteca. Assim, não se pode apartar a biblioteca do processo educativo e, conseqüentemente, há que se chamar o bibliotecário a compartilhar e contribuir nesse processo.

### **3.2 Saberes necessários à prática educativa**

Conforme aponta Zabala (1998, p. 16), é necessário para início de reflexão configurar o que seja prática, já que sua fluidez e complexidade expressam fatores múltiplos, ideias, valores, hábitos etc., que exigem reconhecer suas determinantes. Tais fatores são relativos aos “[...] parâmetros institucionais, organizativos, tradições metodológicas, possibilidades reais dos professores, dos meios e condições físicas existentes, etc.”. Na concepção e compreensão da prática educativa, é necessário ao educador a apreensão do sentido e da função social atribuídos ao ensino, bem como a compreensão dos processos de ensino-aprendizagem.

Procurando atentar-se para o fato das transformações da sociedade e refletindo sobre o contexto de desenvolvimento do ensino, Perrenoud (2000) fala em competências para ensinar como forma de possibilitar o delineamento da atividade docente para enfrentamento às novas exigências e demandas sociais. Assim, as dez competências são referentes a:

1. Organizar e dirigir situações de aprendizagem;
2. Administrar a progressão das aprendizagens;
3. Conceber e fazer evoluir os dispositivos de diferenciação;
4. Envolver os alunos em sua aprendizagem e em seu trabalho.
5. Trabalhar em equipe;
6. Participar da administração da escola;
7. Informar e envolver os pais;
8. Utilizar novas tecnologias;
9. Enfrentar os deveres e os dilemas éticos da profissão;
10. Administrar sua própria formação contínua. (PERRENOUD, 2000, p. 15).

Talvez competências não seja o conceito mais adequado para caracterizar a amplitude da prática educativa, visto suas limitações e seu caráter pragmático. As discussões atuais dão conta de um conjunto de saberes para a compreensão dessa ação no âmbito da educação formal, aquela intencional e que visa certos comportamentos dos sujeitos no contexto social. Assim, no exercício da prática educativa alguns saberes são mobilizados e articulados para subsidiar o processo de ensino-aprendizagem. Segundo as ponderações de Freitas *et al.* (2009), esses saberes são resultados da atividade humana como *práxis* e se referem ao que é necessário ao educador saber para ensinar. Nesta visão, concebe-se o educador como sujeito que produz e que mobiliza saberes para desenvolver sua prática.

Sobre esses saberes, Zabala (1998) diz que são do tipo **factual, conceitual, procedimental e atitudinal**. Os saberes factuais compreendem o conhecimento dos fatos, acontecimentos, situações, dados e fenômenos do contexto social pelos indivíduos em processo de aprendizagem. Já os saberes conceituais possibilitam que os sujeitos entrem em contato com os conceitos e princípios que descrevem e explicam as relações e correlações dos conteúdos factuais. Em relação aos saberes procedimentais, estes incluem a atenção às regras, técnicas, métodos, habilidades, estratégias e procedimentos a serem aplicados na realização e consecução das finalidades e objetivos do processo de ensino-aprendizagem. Por último, os saberes atitudinais envolvem os valores, atitudes e normas comportamentais que os indivíduos devem incorporar para sua incursão e atuação ética no contexto social.

Saviani (1996) fala em saberes **atitudinais, crítico-contextuais, específicos, pedagógicos e didático-curriculares**. Acerca dos saberes atitudinais, estes dizem respeito ao comportamento do profissional e englobam atitudes, disciplina, pontualidade, coerência, clareza, justiça, diálogo, respeito em relação à aprendizagem do educando. Ou seja, o compromisso ético, estético, moral e social assumido para com os aprendentes ao se tornar/efetivar educador no ambiente escolar. Sobre os saberes crítico-contextuais, estes são referentes à compreensão das condições sócio-históricas que determinam a tarefa educativa, ou seja, o contexto histórico, político, econômico e social onde a escola encontra-se inserida e que ditam as regras e os rumos de desenvolvimento da ação educativa. Em relação aos saberes específicos, estes são correspondentes aos conteúdos das disciplinas - Português, Matemática, História, Física, etc. -, ou seja, o recorte do conhecimento planejado para o processo de ensino-aprendizagem dos sujeitos e que integra o currículo escolar dos cursos. Em relação aos saberes pedagógicos, estes são frutos dos conhecimentos - as teorias educacionais -

produzidos no campo da Educação e que subsidiam a formação e o trabalho do educador na abordagem dos conhecimentos específicos em sala de aula. Por fim, os saberes didático-curriculares compreendem os domínios do saber-fazer educativo, envolvendo procedimentos técnico-metodológicos e a dinâmica do trabalho pedagógico na perspectiva dos objetivos intencionalmente formulados para o processo de ensino-aprendizagem escolar.

Para Pimenta (2009) as tipologias de saberes são relacionadas ao **saber da experiência, saber científico ou do conhecimento e saber pedagógico**. Gauthier (1998 *apud* MACIEL *et al.*, 2010, p. 53) fala em mobilização dos saberes disciplinares - conteúdo -, curriculares - programas de ensino -, das ciências da educação - aquisição de conhecimentos na formação ou no trabalho -, da tradição pedagógica - saber dar aulas -, experiências - hábitos particulares e experiência de vida - e da ação pedagógica - saber experiencial através das pesquisas -. Segundo Candau (2009), esses saberes são plurais, pois, são constituídos dos saberes das disciplinas, curriculares, profissionais e da experiência. Por isso, é fundamental o reconhecimento e a valorização dos saberes docentes no contexto da reflexão da prática didático-pedagógica, bem como da formação continuada.

Cabe ressaltar que Saviani (1996) não considera a experiência como uma tipologia em relação aos demais como o fizeram Gauthier (1998 *apud* MACIEL *et al.*, 2010), Candau (2009), Pimenta (2009) e Tardif (2012). Para este autor, a experiência permeia todo o processo constitutivo do sujeito, não sendo aprendido de maneira formal e nem possuidor de um conteúdo diferenciado como os outros saberes. Pode-se dizer que é um “constructo” particular que perpassa todas as vivências pessoais de cada sujeito nas fases da infância, adolescência, adulta e velhice na sua ação/atução ambiental, ou seja, um ato de se aprender ou conhecer além das fronteiras e limites das tipologias formais propostas pelos autores citados.

De modo a organizar e facilitar o entendimento a respeito dos saberes necessários à prática educativa e de modo a evitar confusão em torno de tais tipologias, adota-se aqui a estruturação proposta por Quirino (2015) que faz uma reflexão conceitual da temática sob dois aspectos: **saberes profissionais**, aqueles conhecimentos ligados ao processo formativo dos educadores nos cursos de graduação e pós-graduação e; **saberes da experiência**, aqueles ligados à prática e que envolvem situações do cotidiano e das relações interpessoais dos profissionais no desenvolvimento de sua ação educativa.

### 3.2.1 Saberes profissionais

Acerca dos saberes profissionais, estes compreendem aqueles relativos à formação do educador e que o mesmo deve dominar para o exercício da atividade educativa. Apoiada nos estudos acerca da temática empreendidos por Saviani (1996) e Tardif (2012), Quirino (2015) diz que esses saberes englobam os *pedagógicos, didático-curriculares e específicos*. Esses três grupos dizem respeito aos saberes acadêmicos adquiridos no processo de aprendizagem formal inicial e/ou continuada nos cursos de graduação e pós-graduação em instituições de ensino superior.

Os *saberes pedagógicos* tratam das teorias educacionais produzidas no campo das ciências da educação, ou seja, são oriundos das reflexões empreendidas acerca da prática educativa, reflexões essa normativas e racionais. Tais saberes fornecem um arcabouço de teorias à profissão e que devem ser incorporados na formação profissional. Em relação aos *saberes pedagógico-curriculares*, estes dizem respeito aos conhecimentos técnicos acerca da atividade educativa, ou seja, o domínio do saber-fazer didático-pedagógico (procedimentos metodológicos e a dinâmica de trabalho) no processo de ensino-aprendizagem, onde se articulam agentes, conteúdos, instrumentos e procedimentos com a finalidade de atingir os objetivos propostos. Por fim, os *saberes específicos* são aqueles relativos aos conteúdos das diversas disciplinas do conhecimento trabalhadas com os educandos (Português, História, Química etc.) e que compõem a grade curricular dos cursos.

Ainda no campo dos saberes profissionais, considerando-se a finalidade do trabalho docente, Ludke (2011) reforça a importância da dimensão técnica do trabalho do educador, visto que nessa dimensão o aspecto didático representa o lugar natural para o seu exercício, bem como é onde aparece o “saber ou o não saber” fazer as coisas necessárias ao processo ensino-aprendizagem.

Assim, nos domínios do campo dos saberes profissionais estão inclusas as tipologias de Saviani (1996) acerca dos saberes específicos, pedagógicos e didático-curriculares; factual, conceitual, procedimental propostos por Zabala (1998); saberes do conhecimento/científico e saber pedagógico de Pimenta (2009); saberes das disciplinas, curriculares, profissionais para Candau (2009); e Gauthier (1998 *apud* MACIEL *et al.*, 2010, p. 53) sobre os saberes

disciplinares (conteúdo), curriculares (programas de ensino), das ciências da educação (conhecimentos da formação ou do trabalho) e da tradição pedagógica (saber dar aulas).

### 3.2.2 Saberes experienciais

Conforme abordagens de Saviani (1996) e Tardif (2012) acerca dos saberes experienciais, Quirino (2015) diz que os mesmos ocorrem concomitantemente aos demais saberes profissionais. São saberes relativos às experiências de vida, de trabalho, das relações com os indivíduos e com o meio, que sob a forma de *habitus* e habilidades são incorporados pelo educador a sua prática educativa. Assim, neste domínio estão compreendidos dois tipos de saberes: *comportamental-atitudinal* e *crítico-contextual*.

Sobre o *saber comportamental-atitudinal*, este abrange comportamentos, posturas e atitudes do educador frente às exigências da profissão. Toda a ação do educador deve ser pautada pelo compromisso e atenção com a aprendizagem do educando e isto requer justiça, ética, equidade, respeito, pontualidade etc. É na prática e através da prática cotidiana e no relacionamento com os indivíduos - alunos, colegas, pais, etc. - que as experiências são construídas e postas a dialogar com os saberes profissionais.

Em relação ao *saber crítico-contextual*, este compreende as condições sócio-históricas que circunscrevem a ação educativa. O contexto de desenvolvimento da prática educativa fornece elementos que possibilitam ao educador rever posturas e redefinir sua ação, em virtude das necessidades do processo de ensino-aprendizagem. A análise crítica da realidade (social, escolar e da prática) é uma dimensão importante e que deve ser incorporada pelo educador, pois é através da reflexão que o trabalho docente se desenvolve para além dos aspectos técnicos da profissão, rumo a uma prática pedagógica mais humanizada e transformadora das perspectivas sociais da educação.

É na dimensão dos saberes experienciais que se encontram as abordagens propostas por Saviani (1996) acerca dos saberes atitudinais e crítico-contextuais; de Zabala (1998) relativas ao aspecto atitudinal; por Pimenta (2009) e Candau (2009) acerca dos saberes relacionado às experiências; e por Gauthier (1998 *apud* MACIEL *et al.*, 2010, p. 53) que aborda as experiências (hábitos particulares e experiência de vida) e a ação pedagógica (saber experiencial através das pesquisas) encontram-se apoiadas.

Por isso, é fundamental o reconhecimento e a valorização dos saberes adquiridos por intermédio das situações de trabalho, situações essas ricas em oportunidades para a reflexão crítica para a transformação da prática pedagógica. Nesse aspecto, em suas abordagens Maciel *et al.* (2010, p. 51) dizem que “[...] faz-se necessário esclarecer que os saberes necessários são os que constroem a crítica, desenvolvem a criatividade e promovem o desenvolvimento humano e social, através da participação ativa dos sujeitos na sociedade”.

Vale lembrar que a aquisição dos saberes não acontece de um dia para o outro, mas sim ao longo do tempo e se constrói a partir das relações que se estabelece com os sujeitos, com o mundo e através da prática. Acerca dos saberes profissionais, Tardif (2012) diz que estes são temporais e personalizados/situados. Temporais porque sua aquisição acontece através do tempo e por intermédio da própria história de vida, sobretudo, no percurso escolar, por isso carregam as marcas do contexto onde se inserem (história de vida, relações sociais, educacionais e culturais etc.). Personalizados/situados porque os saberes estão associados à própria pessoa, ou seja, são apropriados, subjetivados e se materializa na prática do educador no processo de ensino-aprendizagem.

É importante evidenciar que no exercício educativo escolar não basta apenas conhecer o conteúdo, ter experiência, talento, bom senso, intuição etc., frente às situações educacionais. É preciso, pois, apropriar e articular esses saberes como resposta às demandas concretas do ensino. Também, não se pode ficar restrito às situações da sala de aula, devendo-se olhar o contexto mais amplo, os acontecimentos sociais, visto que a finalidade do trabalho docente consiste em garantir aos educandos acesso ao que não é reiterado no ambiente social. Essas competências demandam posturas (saberes) para além dos muros da escola, ou seja, posturas mais condizentes com a realidade educacional, social e do trabalho, como reconhecimento de que o ofício de ser educador não é imutável. Sua transformação passa pela emergência de novas competências e pela acentuação daquelas já reconhecidas para enfrentamento da heterogeneidade dos efetivos escolares.

Por fim, recorre-se às reflexões de Freire (1996b) que nos lembra da dimensão ética do trabalho educativo. Ética porque reforça o compromisso com a aprendizagem do educando, que como sujeitos deve haver uma formação capaz de lhes proporcionar todo o ferramental necessário para o seu progresso pessoal, profissional e para a transformação social. Também,

é preciso compreender que o educando chega à escola trazendo uma bagagem de conhecimentos baseada em sua experiência de vida. Portanto, cabe ao educador respeitar esse conhecimento e, a partir do que o aluno já sabe acerca do conteúdo elaborado para a aprendizagem, traçar estratégias para que juntos possam (re)construir o aprendizado. Apoiando-se nos ideais deste autor, que considera que ensinar não é distribuir certezas, mas através das dúvidas possibilitar a reflexão e o diálogo sobre essas “verdades”; não é formar sujeitos passivos frente ao estabelecido, mas diante do que está posto propiciar a contestação e a crítica; não é formar sujeitos iguais, mas trabalhar com as diferenças e a promoção do respeito e aceitação às diversidades.

Essas reflexões também são devidas aos bibliotecários, principalmente, considerando sua função na educação profissional no âmbito dos Institutos Federais. Formar sujeitos na contemporaneidade para assumir postos de trabalhos sem perder de vista os aspectos da humanidade num contexto globalizado, demanda dos bibliotecários preparo de forma a responder às novas exigências desse contexto social. Assim, conforme Silva e Cunha (2002, p. 81), “parece-nos importante inculcar na educação dos bibliotecários o princípio de *conhecimento pertinente* preconizado por Morin, levando-os a estabelecer relações recíprocas entre as partes e o todo”. Isso quer dizer que no contexto educacional dos Institutos Federais, os bibliotecários precisam assumir a dimensão educativa do seu papel, tendo na educação profissional a porta de acesso para sua formação e capacitação para a ação pedagógica.

### **3.3 O bibliotecário e a relação com os saberes**

No processo de construção da sua identidade o profissional bibliotecário faz correlações com sua subjetividade, sua historicidade, suas vivências, suas convicções políticas, sócio-históricas, culturais, educacionais e sua prática profissional. Nesse sentido, na prática profissional do bibliotecário perpassam referências da infância, da família, da escola, do próprio trabalho e do convívio social entre os pares.

Na atualidade, a postura do bibliotecário se afasta do trabalho tecnicista e burocrático em relação à informação, aspecto característico da profissão, em direção às demandas do ensino, que requerem um profissional com saberes e habilidades educacionais para a mediação na formação dos sujeitos para o acesso e uso da informação. Nesse aspecto, Quirino (2015, p. 33)

diz “o que se pode inferir, então, é que a experiência e o domínio dos saberes docentes são imprescindíveis para quem almeja educar”.

Embora os autores citados anteriormente abordam os saberes que servem de base para a formação docente, aquele profissional que atua em sala de aula, a discussão proposta pelos mesmos tem grande relevância para a atuação do bibliotecário no ambiente escolar. Embora não atuando diretamente com o ensino dos conteúdos escolares, o bibliotecário deve possuir saberes pedagógicos, a fim de compreender o contexto de desenvolvimento dos processos de ensino e poder propor ações educativas que contribuam com a aprendizagem dos sujeitos.

No trato com a informação, aspecto burocrático e técnico da profissão bibliotecária, são mobilizados os saberes profissionais, ou do conhecimento. São saberes advindos do contexto acadêmico, onde as teorias das áreas de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação e de áreas afins são articuladas para a formação do bibliotecário, bem como são a base para o exercício da profissão no âmbito da biblioteca. Neste patamar, o desenvolvimento do trabalho bibliotecário está subordinado a variadas formas de controle burocrático-administrativas, não tendo correlação direta com os saberes necessários ao trato com os usuários, apesar destes serem o foco principal dos processos de organização da informação.

A falta de saberes didático-pedagógicos necessários a profissionalidade do bibliotecário no processo de ensino-aprendizagem, à medida que dificulta a ação educativa, não é impeditivo para o desenvolvimento das práticas educativas no âmbito da biblioteca. É necessário compensar essa carência com muita criatividade, boa vontade e esforço para estar integrado ao sistema escolar e poder contribuir com seus processos. Os saberes específicos a serem mobilizados pelo bibliotecário no contexto educacional não são relativos ao ensino dos conteúdos das disciplinas trabalhadas em sala de aula, mas a gama de saberes necessários à gestão informacional no que se refere ao recorte do conhecimento que compõe a formação do acervo da biblioteca da instituição onde exerce seu ofício, de aspectos relativos à organização e disseminação da informação, bem como daqueles necessários à compreensão do fenômeno educacional e do ambiente escolar. Nesse contexto, estão inclusos conhecer a escola - o clima e a cultura organizacional -, sua estrutura e seu macro e microambiente de inserção, os planos político-pedagógicos que norteiam a ação educativa, a comunidade escolar - professores, alunos, funcionários e outros - e suas demandas de aprendizagem, assim como as variantes que contornam tais aspectos escolares. Conforme Quirino (2015) estes saberes devem advir da

educação continuada, numa perspectiva dialógica entre a experiência pessoal e a prática profissional.

Na perspectiva da educação continuada, fator preponderante para a aquisição de saberes didático-pedagógicos, Felix (2014) evidencia que o bibliotecário não pode ficar preso e na dependência apenas do que foi apreendido na academia - saberes profissionais específicos da Biblioteconomia -. Ele precisa buscar novos conhecimentos e, acima de tudo, aprimorar algumas competências e habilidades requeridas pelo universo escolar. Falando da atuação do bibliotecário em outros espaços, principalmente, no ambiente virtual, Tomaél *et al.* (2014) destacam que os bibliotecários do futuro não poderão mais ficar enrijecidos nas estruturas físicas das bibliotecas, bem como deverão apresentar um perfil flexível, já que as bibliotecas estão cada vez mais virtuais. Nesse aspecto, é preciso que o bibliotecário tenha disposição para se adaptar aos novos papéis exigidos pelo ambiente de trabalho, que no caso da educação é determinado pelas demandas e necessidades da escola.

Considerando-se os aspectos do mundo virtual/digital, “[...] os bibliotecários viram o modo de executar seu trabalho ser modificado pelas tecnologias, não só por elas, mas também pela mudança de comportamento das presentes gerações”. (TOMAÉL *et al.*, 2014, p. 106). Mesmo os sujeitos estando familiarizados e imersos no universo digital ainda necessitam de auxílio na seleção de fontes de informação. Em virtude do uso sistemático das tecnologias da comunicação e informação pelos sujeitos, principalmente no âmbito da escola, Gasque e Casarin (2016) dizem que esse contexto demanda do bibliotecário uma atuação mais pedagógica e de criação de conhecimento, não restringindo a biblioteca a mero armazém de livros, onde suas práticas são restritas à organização e recuperação da informação.

A exigência de um novo profissional com adequação às mudanças da área de atuação e das transformações do mundo do trabalho, requer a capacidade de colaboração e de trabalhar em equipes inter, multi ou transdisciplinares. Nesse sentido, a atuação do bibliotecário não mais fica centrada e restrita às questões específicas da biblioteca, mas caminha em direção às práticas emergentes e bidirecionais - organização/instituição e usuário -, numa perspectiva pedagógica e menos técnico-burocrática. (TOMAÉL *et al.*, 2014).

Para além dos saberes profissionais, demanda-se do bibliotecário saberes relacionais, onde a cooperação e o trabalho em equipe deve ser o foco de sua ação, com vista a aproximar a

biblioteca da sala de aula e, assim, possibilitar que a informação possa circular entre os sujeitos envolvidos no processo de aprendizagem, na perspectiva da construção e do aprofundamento do conhecimento. A colaboração é a forma pela qual o bibliotecário demonstrará à comunidade escolar a importância do seu papel e da biblioteca para o desempenho acadêmico. É através da orientação para o uso dos recursos informacionais aliado ao trabalho aproximado junto à sala de aula e aos professores que a ação pedagógica do bibliotecário se revela, aspecto evidenciado e requerido pelo ambiente escolar na atualidade. Gasque e Casarin (2016) destacam a ação pedagógica do bibliotecário em virtude da aprendizagem colaborativa e dos recursos digitais que potencializam a aprendizagem. Evidencia-se, portanto, a capacidade em lidar com questões psicopedagógicas - saber pedagógico - e sociais - saber relacional e humano -, além das tradicionais funções técnicas e gerenciais - saber profissional -.

A experiência, aspecto importante na vida laboral do bibliotecário, nasce da prática cotidiana no ambiente escolar, fruto do trabalho e do conhecimento do meio onde desenvolve sua ação, incorporados sob a forma de *habitus*, um misto de saber ser e saber fazer. Saviani (1996) não considera a experiência uma tipologia de saber, mas sim uma característica que acompanha os sujeitos advinda das vivências nos diversos processos ao longo da vida, inclusive no trabalho. Portanto, não é algo que se ensina/aprende na educação formal ou informal. Nesse sentido, “muita coisa se aprende com a prática, pela experiência, tateando e descobrindo, em suma, na execução do próprio trabalho”. (QURINO, 2015, p. 44). Ainda a autora afirma que se aprende também com a experiência dos outros - dos pares, dos colegas e outros membros da comunidade escolar -. Assim, torna-se necessário ao bibliotecário aprender a aprender ao longo da vida, processo esse possível através da educação continuada, bem como saber aproveitar cada situação vivenciada no contexto escolar para transformá-la em oportunidade de aprendizagem e aprimoramento da prática.

É na experiência proporcionada pelo trabalho cotidiano, nas relações com as pessoas e em conjunto com o espírito criativo e investigador que o bibliotecário transpõe os saberes profissionais adquiridos no ambiente acadêmico para a prática educativa. É também nesse contexto, que os saberes crítico-contextual e atitudinal se confrontam com os saberes profissionais. A reflexão pelo bibliotecário acerca da sua prática frente às demandas escolares e dos sujeitos impõem ao mesmo compreender a dinâmica social, os reflexos das transformações sociais na educação, bem como detectar as necessidades a serem satisfeitas no

processo educativo no qual tem um papel a cumprir. A compreensão crítica da ação educativa pelo bibliotecário é importante porque propicia novos olhares e permite adequações das práticas. Apesar das interfaces no trabalho na biblioteca que abrange aspectos burocráticos, técnicos e organizacionais no trato com a informação, a apreciação dos aspectos humano e ético do trabalho do bibliotecário deve ser o norte da sua atuação em relação aos interesses educacionais de educandos e professores, com vistas ao uso sistemático e profícuo dos recursos informacionais disponibilizados na biblioteca.

Tendo em vista o foco de atuação da escola e o recorte do conhecimento humano que compreende o acervo da biblioteca, os saberes do bibliotecário são marcadamente plurais. No entanto, não é necessário ao mesmo o domínio dos conhecimentos das diversas áreas - exatas, humana, sociais, artes, etc. -, mas sim a partir da interdisciplinaridade e da transposição didático-pedagógica compreender onde se situa seu papel educativo. Nesse contexto, os saberes construídos em sua ação no ambiente escolar, por intermédio da biblioteca, revelam um profissional que além de trabalhar com os saberes, produz saberes, considerando-se as reflexões acerca da sua prática e as experiências profissionais e relacionais no cotidiano escolar que moldam sua identidade. Lacerda (2015) diz que a interação dos sujeitos do processo de ensino-aprendizagem com o próprio conhecimento favorece o surgimento de mais conhecimentos. Assim, “o desafio da transformação pedagógica de tais saberes em situações reais da prática educativa revela um sujeito produtor de saberes”. (QUIRINO, 2015, p. 49).

Na perspectiva discursiva de Quirino (2015), quando o bibliotecário articula seus saberes em situações diversas de aprendizagem no contexto escolar, acontece a transposição pedagógica que ressignifica seus saberes, tanto do conhecimento - aqueles adquiridos na formação profissional -, quanto da experiência - aqueles adquiridos ao longo das vivências pessoais e laborais -, em direção a uma postura cooperativa, dialógica e argumentativa com os alunos e os demais profissionais na escola, principalmente, com o professor. Esse processo, se trabalhado de forma integrada, cooperativa e contextualizada na perspectiva dos objetivos escolares, contribuem para a efetivação da prática educativa do bibliotecário.

Tomando como base as discussões sobre o processo educacional, é possível indicar que na ação educativa dever-se-á estar presentes os elementos indicados por Quirino (2015) e demais autores citados que abordam a temática, nos seguintes termos: saberes profissionais -

decorrentes do processo formativo do profissional - e saberes da experiência - ligados à prática e às vivências -.

### **3.4 Reflexões acerca da prática bibliotecária no contexto do ensino**

Considerando todo o exposto até aqui, vale ressaltar algumas questões: a quem cabe a ação de ensinar? Quais sujeitos estão envolvidos neste processo quando o discurso é o da coletividade e do cooperativismo? Quais espaços são utilizados no processo de ensino-aprendizagem? Estes questionamentos contribuem para se esclarecer que a educação é uma atividade que não se restringe à sala de aula e nem é exclusiva do professor. Como a biblioteca é o espaço que objetiva organizar e disponibilizar o conhecimento estruturado, o bibliotecário, enquanto responsável pela gestão deste espaço, é chamado a cooperar e colaborar na consecução dos objetivos e finalidade do ensino, visto sua capacidade de mediação entre a informação e os usuários, principalmente alunos e professores.

Nesse aspecto, cabe dizer qual o papel/função da biblioteca no processo de ensino-aprendizagem, seja ela escolar ou universitária. No caso da biblioteca escolar, enquanto parte integrante do processo educativo, esta possibilita aos sujeitos o desenvolvimento da imaginação, bem como os prepara para a complexidade das diversas relações sociais as quais participarão, assim como é o espaço para as primeiras competências no mundo informacional e do conhecimento. (IFLA, 2005). Já no contexto universitário, conforme Luck *et al.* (2000, p. 2), a biblioteca é concebida como “a instância que possibilita à universidade atender às necessidades de um grupo social ou da sociedade em geral, através da administração do seu patrimônio informacional e do exercício de uma função educativa, ao orientar os usuários na utilização da informação”.

Cunha (2010) no texto *A biblioteca universitária na encruzilhada* faz uma reflexão sobre o contexto atual de atuação das bibliotecas, onde a revolução digital impõe às instituições, inclusive à biblioteca, o repensar do seu lugar no mundo. Esse contexto é irreversível ao avanço das ações neoliberais numa perspectiva global, o que acarreta transformações econômicas, políticas e sociais no mundo todo. Assim, em virtude do imediatismo e expectativas sociais na atualidade e das potencialidades de comunicação e acesso à informação proporcionadas pela internet às mãos dos sujeitos através de celulares, *tablets*,

*notebooks* etc., demanda-se das bibliotecas o repensar da sua essência e o redimensionamento de suas práticas, considerando as finalidades do processo de ensino-aprendizagem escolar.

Apesar da visão pessimista de alguns, a fase “tecnodigital” ou da “tecnomania” é um desafio que deve ser encarado como oportunidade de renovação e de mudanças, tanto para as escolas quanto para as bibliotecas. Fato esse que ao longo dos tempos a biblioteca vem se adaptando aos diversos contextos históricos, incorporando as mudanças e transformações sociais para o cumprimento da sua missão, que é a aproximação entre a informação e os usuários em favor da construção do conhecimento.

Outro fator que é aliado da biblioteca nesse contexto, é o fato de que o desenvolvimento tecnológico por si só não garante a capacitação dos usuários. Nesta perspectiva, Nascimento e Burin (2006) ponderam que é necessário ao bibliotecário se antecipar às demandas, modificando os padrões tradicionais dos serviços informacionais. Evidencia-se a necessidade de adaptação dos recursos digitais/eletrônicos à realidade de trabalho das bibliotecas, bem como às características e demandas do serviço de referência. Em face das transformações globais, vislumbra-se a necessidade de reflexão pelo bibliotecário acerca das suas práticas juntos aos usuários, inclusive diante da realidade situacional das escolas/universidades. A reflexão possibilita-lhes a visão dos prós e contras da adoção das TIC's nos serviços informacionais da biblioteca, de forma a não se tornar refém dessa realidade, nem mesmo permitir que a tecnologia se sobreponha ao fazer bibliotecário.

Portanto, em observância às práticas sociais e éticas na formação dos sujeitos, bem como em observância à função social que a biblioteca desempenha, o bibliotecário não deve se descuidar dos aspectos sócio-histórico-culturais que formam a sociedade frente ao novo e às novidades. Diante disso, os desafios agora postos com a utilização das novas mídias nos serviços bibliotecários é a adequação às necessidades dos usuários, prezando por sua realidade social, manutenção da qualidade dos serviços informacionais frente às mudanças e a capacidade de atendimento pessoal frente às emergências desse contexto.

### **3.5 As práticas educativas desenvolvidas nas bibliotecas**

Subordinado às finalidade e exigências sociopolítico-ideológicas, o processo educativo, onde quer aconteça, é sempre contextualizado. Tendo por base o exposto, a prática educativa do

bibliotecário, como um ato que também apresenta intenções e objetivos conscientemente delineados, é assumida neste trabalho como a ação que visa a aproximação dos usuários às fontes informacionais. Ação esta através de atividades de capacitação/treinamentos para uso consciente e eficiente dos recursos informacionais disponíveis na biblioteca em contributo ao processo de aprendizagem dos sujeitos, principalmente dos alunos. Como mediador reflexivo no acesso e uso da informação, o bibliotecário assume a ação de interferir e colaborar significativamente na construção do conhecimento dos usuários - alunos, professores e demais sujeitos participantes do processo de ensino-aprendizagem -.

Considerando-se as finalidade e objetivos estabelecidos para o desenvolvimento do processo de ensino, assim como a intencionalidade da prática educativa, o bibliotecário enquanto agente social e cultural deve auxiliar os usuários a superarem os obstáculos na busca pela construção do seu saber, contribuindo com as situações de aprendizagem propostas pelos professores, tendo em vista o confronto entre as situações do cotidiano e o saber escolar.

No entanto, a concretização da função educativa do bibliotecário ainda não se evidenciou efetivamente no contexto escolar, pois, por motivos diversos essa tarefa não vem sendo exercida satisfatoriamente, de acordo com as ponderações de Campello (2009). Segundo esta autora, o discurso vago entre o idealismo e a realidade revela um descompasso acerca da missão e do papel da biblioteca, pois, oscila-se entre uma visão da biblioteca como solução para os problemas de aprendizagem em geral e da leitura em particular, e a falta e a pobreza da mesma no que se refere à oferta de recursos e serviços informacionais aos seus usuários, bem como da carência de capacitação para o uso da informação.

Considera-se que as práticas educativas exercidas pelos bibliotecários se constituem em atividades desenvolvidas por estes profissionais junto aos estudantes ou ações de planejamento pedagógico, representando uma das facetas do que tem sido chamado de “papel educativo do bibliotecário”. (CAMPELLO, 2009, p. 16). Nesta direção, historicamente a promoção da leitura foi o principal papel educativo do bibliotecário, especialmente no âmbito da biblioteca escolar. Contudo, as mudanças ocorridas no seio social e na educação revelaram um novo direcionamento no papel educativo do bibliotecário, destacando-se a educação de usuários e o auxílio à pesquisa.

Para que a prática educativa seja uma realidade concreta na biblioteca, segundo orientações da Federação Internacional de Associações de Bibliotecários e Instituições (IFLA, 2005), é fundamental o apoio da administração escolar ao bibliotecário. Assim, para garantir a efetividade das suas ações educativas, o bibliotecário deve estar envolvido no planejamento e na implementação dos programas escolares, em cooperação com a direção escolar, com a equipe pedagógica e, principalmente, com os professores. A visão desta necessidade é compartilhada por Félix (2014, p. 39), que diz haver diversas formas nas quais a biblioteca pode estruturar suas práticas para alinhar-se à lógica de ser um espaço educativo. Para tal, a mediação e a colaboração são formas concretas de inserção efetiva nos processos educativos que se apresentam como elementos importantes na atuação dos bibliotecários.

Assim, como um recurso a favor da aprendizagem, a biblioteca deve cumprir objetivos relativos à competência em informação, à disponibilidade de recursos informativos para os estudantes em todos os níveis educacionais, à disseminação da informação e do conhecimento para que os sujeitos possam exercer seus direitos democráticos e humanos. Segundo Gomes e Santos (2014, p.) a biblioteca é um ambiente de apoio aos usuários, para tanto, ela atua na mediação da informação e na ampliação de competências e habilidades dos usuários. Então,

O desenvolvimento de atividades que potencializem a utilização mais ampla do acervo também constitui parte da missão da biblioteca. Desse modo, os bibliotecários, enquanto mediadores da informação podem apoiar os usuários na geração e no desenvolvimento de competências e habilidades que possibilitem não apenas o acesso imediato, mas o uso consciente e proficiente da informação.

A IFLA (2005, p. 16) reforça que a biblioteca deve desenvolver uma ampla variedade de atividades, pois, “ela deve ter como objetivos o atendimento a todos os usuários potenciais da comunidade escolar e a satisfação das necessidades específicas dos grupos-alvo”. Assim, entre as principais atividades da prática educativa do bibliotecário e que contribuem com as atividades dos usuários da biblioteca, citam-se: a apresentação da biblioteca - missão, objetivos, recursos e serviços - aos novos alunos em cada ano/semestre letivos, a efetivação do serviço de referência, educação de usuários - implementação de programas de treinamento/capacitação em grupo ou individual -, o desenvolvimento de programas para a competência em informação, o desenvolvimento de projetos de leitura e escrita, etc.

No caso da apresentação da biblioteca aos novos alunos, esta é uma atividade relevante, pois, é uma das estratégias para promoção e divulgação da biblioteca, de forma a possibilitar o seu

reconhecimento enquanto espaço de formação e que, portanto, é essencial ao processo de ensino-aprendizagem. De acordo com as recomendações da IFLA (2005), os serviços e as instalações da biblioteca escolar devem ser promovidos ativamente, para que os grupos-alvo, principalmente, os alunos estejam sempre conscientes do seu papel essencial na aprendizagem e porta de acesso a todo tipo de recursos informativos.

É importante, nesse sentido, a biblioteca adequar o tipo de promoção ao perfil da escola e aos diferentes grupos-alvo, bem como manter um sítio na Internet para fins de promoção dos serviços, com links para outros portais na web. Deve, também, preparar publicações com informações a respeito do horário de funcionamento, dos serviços e das coleções, preparar listas de recursos e panfletos relacionados com os programas escolares e com tópicos interdisciplinares, preparar materiais informativos para divulgação nos encontros com a comunidade interna e externa; proporcionar a organização de grupos de “amigos da biblioteca”, para que a comunidade possa acompanhar e participar das ações da biblioteca.

Entretanto, vale lembrar que a biblioteca enfrenta alguns problemas pelo fato de ser uma organização que oferece serviços que são produtos intangíveis, portanto, não podem ser armazenados. Outra dificuldade, é que um usuário insatisfeito não pode devolver um serviço da mesma forma que um produto. Assim, é importante que as estratégias da biblioteca sejam pensadas em concordância com os objetivos e finalidades da escola, de modo que seu papel seja valorizado perante a comunidade a qual atende. Nesse processo, é fundamental ter sempre em mente a satisfação das necessidades do seu usuário principal, o aluno. Nessa perspectiva, a IFLA (2005, p. 20) diz que “a biblioteca escolar deve ter uma política de marketing e promoção, formalizada por escrito, que especifique objetivos e estratégias. Esse documento deve ser elaborado conjuntamente pelos dirigentes da escola e a equipe de professores”.

Evidencia-se aqui a importância da cooperação com os professores, com a equipe pedagógica e com a direção escolar, de forma que a biblioteca seja um recurso essencial ao processo de ensino-aprendizagem dos alunos. Também, cooperação como forma de superação dessa barreira, visto que sem apoio a biblioteca corre o risco de ser apenas um depósito de materiais informacionais sem finalidades e objetivos práticos. É imprescindível a cooperação do professor como orientador junto ao bibliotecário nos programas de treinamento da biblioteca.

Outra ação necessária à prática educativa é a efetivação do serviço de referência como elemento da educação de usuários. De acordo com Campello (2003a, p. 29) como ação antecedente à competência em informação,

A função educativa da biblioteca torna-se visível com o aparecimento do "serviço de referência" (reference service) e se amplia com a introdução da "educação de usuários", conjunto de atividades que, ao contrário do serviço de referência, apresentam uma característica proativa, realizando-se por meio de ações planejadas de uso da biblioteca e de seus recursos.

A educação de usuários, seja para professores ou alunos, visa a autonomia dos sujeitos para o uso consciente e efetivo dos recursos informacionais que a biblioteca oferece. Esta ação se efetiva em ações nas quais a biblioteca desempenha um papel educacional e o bibliotecário atua como educador, preparando e capacitando os usuários para um processo qualificado de busca, acesso e uso da informação. Segundo Santiago e Azevedo Netto (2012) para ter o usuário como um elemento essencial e fundamental da biblioteca na contemporaneidade é primordial que se organize, planeje e desenvolva ações que visem sua interação e capacitação ao devido uso das ferramentas e/ou recursos disponibilizados. Na direção dessa perspectiva, Santiago e Azevedo Netto (2012, p. 247) dizem:

A educação de usuários de bibliotecas deve ser concebida, de um modo geral, como um conjunto de atividades que proporciona ao usuário um novo modelo de comportamento frente ao uso da biblioteca e que revela aptidões para que estes interajam continuamente com o sistema de informação, o qual, no caso específico da presente pesquisa, corresponde à biblioteca universitária.

Na educação do usuário três aspectos principais de ensino são evidenciados: o conhecimento sobre a biblioteca - qual o seu propósito, quais os serviços oferecidos, como está organizada e quais os tipos de recursos disponíveis -; as habilidades de busca e uso da informação e; a motivação para uso da biblioteca em projetos formais e informais de aprendizagem. (IFLA, 2005, p. 22). Assim, apresenta-se aos sujeitos, dentro do primeiro aspecto, as regras gerais de uso da biblioteca e na educação de usuários oferece os instrumentos que permitem aos mesmos saber pesquisar, selecionar, avaliar e usar as fontes informacionais, bem como compartilhar informações e saberes, importantes para a construção de conhecimento.

Como outros programas de ensino da escola, os vários componentes dos cursos da educação de usuários voltados para os estudantes devem ser distribuídos em uma sequência lógica, para promover o progresso e a continuidade no aprendizado dos alunos. Isto significa que

habilidades e recursos devem ser introduzidos progressivamente nos diferentes estágios e níveis. Portanto, torna-se fundamental a parceria com os professores e que essa ação seja parte integrante do currículo escolar.

A competência em informação e a educação de usuários são dois ciclos presentes nas práticas educativas empreendidas nas bibliotecas universitárias. A ação educativa dos sujeitos para o adequado uso dos recursos e serviços informacionais leva ao que se denomina competência em informação. Segundo Campello (2003b) o documento *Information Power* de 1998 trouxe uma série de recomendações para o desenvolvimento de competências em informações e que foram assimilados pelos bibliotecários para o trabalho com os usuários da biblioteca. Conforme o documento, nove habilidades informacionais são elencadas nesse processo, divididas em três grupos: competência para lidar com informação, informação para aprendizagem independente e informação para responsabilidade social.

Portanto, o bibliotecário é a figura central no discurso da competência em informação, visto a competência tradicional no uso da informação e da tecnologia e na identificação das necessidades informacionais dos usuários. Entretanto, advoga-se que o mesmo assuma as mudanças e se posicione ativamente no contexto escolar, deixando para trás suas características de passividade e isolamento, voltando-se para o trabalho colaborativo e cooperativo. (CAMPELLO, 2003b).

Diante de todo o esforço em fazer dos sujeitos competentes e hábeis no trato com a informação, em nada adianta se os mesmos não se familiarizarem com a leitura e a escrita. É fundamental no processo de aprendizagem dos alunos no contexto escolar o estímulo à leitura e, conseqüentemente, à escrita, duas habilidades básicas no fortalecimento da competência em informação.

Conforme Gomes e Santos (2014), alguns sujeitos encontram dificuldades quanto a algumas competências requeridas pelo meio acadêmico - dificuldades essas também presentes no ensino fundamental e médio - e que são relativas a localização, seleção e uso da informação. Esse fato sofre influências das experiências dos sujeitos, estes advindos de contextos sociais, culturais e educacionais diversos. Como forma de superação dessas dificuldades, a biblioteca se posiciona como ambiente de apoio à formação dos mesmos, proporcionando-lhes competências para recuperar, acessar e usar as informações.

Assim, ao desenvolver ações de apoio à leitura, a biblioteca não apenas auxilia os usuários a ampliar suas habilidades e competências na leitura enquanto técnica, mas também auxilia no processo de construção de “leitores do mundo”, “leitores de ações”, ou seja, de “sujeitos leitores” preparados para interpretar as atividades humanas, a produção intelectual e cultural, transformando-se em sujeitos ativos, enfim, em protagonistas sociais. (GOMES; SANTOS, 2014, p. 260). Junto à leitura, investir em ações voltadas à prática da escrita também é necessário. Com esse intuito,

Ao realizar atividades que venham a contribuir com os usuários no processo de leitura e de produção escrita, a biblioteca universitária favorecerá mais intensamente a ampliação de novos conhecimentos, como também a construção de uma consciência e também competência para a elaboração e apresentação desses conhecimentos através da produção de documentos acadêmicos e científicos, que asseguram a transmissão dos saberes construídos aos sujeitos desse tempo e de tempos futuros. (GOMES; SANTOS, 2014, p. 260).

A implementação de ações de leitura e escrita nos programas de aprendizagem desenvolvidas no âmbito da biblioteca contribuem para o desenvolvimento cognitivo dos alunos, auxiliando no desempenho para o uso das informações. Também, contribuem para a aproximação entre os usuários, de forma a permitir um espaço de comunicação entre os mesmos. Assim, quando a escola compreende e apoia a ação mais ativa do bibliotecário, esse profissional tem condições de proativamente inovar em suas ações mediadoras. Nesse sentido, é fundamental o contato com uma diversidade de tipos de leituras para auxiliar os alunos em suas práticas leitoras, sejam elas acadêmicas ou pessoais. Isso contribui para o desenvolvimento de competências para as diversas dimensões da leitura de textos acadêmicos, técnicos e científicos. (GOMES; SANTOS, 2014).

No caso da execução de ações informais ou formais, ressalta-se a necessidade de planejamento. Esse processo apresenta algumas fases: **planejamento** - elaboração de ações lógicas que incluem diagnóstico situacional, definição de objetivos, escolha de conteúdos programáticos, seleção dos procedimentos de ensino, seleção dos recursos de ensino, estabelecimento do plano de ensino -; **execução** - ação prática do planejamento, o que envolve divulgação, preparação dos materiais instrucionais, teste e implementação do programa e análise para melhoria do programa -; **avaliação** - esta ao longo ou ao final do processo para verificação da eficácia do programa e que serve para as adaptações ou redefinições do programa de modo a sua adequação às novas situações -. (DIAS; PIRES, 2004).

No entanto, a IFLA (2005) lembra que o bibliotecário depende do apoio da administração escolar para o planejamento e implementação das ações educativas da biblioteca, fato já ressaltado anteriormente, mas sempre necessário para situar a biblioteca no contexto escolar. Assim, para a garantia da efetividade das ações educativas dos usuários, o bibliotecário deve estar envolvido no planejamento dos programas escolares, em cooperação com a direção escolar, com a equipe pedagógica e, principalmente, com os professores. Sem o apoio destes atores, a biblioteca e o bibliotecário terminam por ter uma presença opaca na realização do conjunto das ações desenvolvidas na escola.

Até aqui, falou-se de um ideal, de tudo que a biblioteca e o bibliotecário devem ser e fazer para cumprir com seu papel/missão em apoio e subsídio ao processo de aprendizagem escolar. Contudo, a realidade evidencia a ausência de reflexões desses papéis na formação do bibliotecário, visto que a biblioteca ainda não é vista e nem percebida enquanto recurso efetivo na formação dos sujeitos, assim como o bibliotecário está à margem dos processos escolares, muitas vezes isolado. Sua formação acadêmica ainda é falha em lhe garantir os saberes necessários a uma atuação mais firme no contexto do ensino-aprendizagem. Soma-se ao exposto a ausência de recursos - humanos, materiais e de infraestrutura -, realidade de muitas bibliotecas, fato que impede uma atuação mais efetiva na aprendizagem dos sujeitos.

Assim, reforça-se a necessidade de uma educação continuada dos bibliotecários nos conteúdos necessários à ação educativa, como forma de supressão das falhas e deficiências formativas no âmbito da formação em Biblioteconomia. Essa formação muitas vezes acontece com esforço próprio do profissional bibliotecário e visa possibilitar-lhe estar em condições de contribuir significativamente com o processo de ensino-aprendizagem numa instituição caracteristicamente marcada pela diversidade e que engloba no mesmo contexto demandas formativas escolares e universitárias.

## **4 BIBLIOTECAS, BIBLIOTECÁRIOS E AÇÃO EDUCATIVA: PERCURSO METODOLÓGICO**

Considerando-se o problema de pesquisa proposto, a escolha metodológica para o desenvolvimento desta pesquisa contempla princípios e procedimentos aplicáveis à resolução do mesmo, assim como engloba os procedimentos e os instrumentos de coleta de informações para a execução da pesquisa.

### **4.1 Caracterização e métodos da pesquisa**

Partindo-se da natureza desse trabalho e observando os aspectos objetivos e subjetivos que envolvem a temática, esta pesquisa é do tipo *quali-quantitativa*, ou de métodos mistos conforme Creswell e Plano Clark (2013), que dizem que este modelo combina os dois métodos de forma concomitante ou sequencial num (re)construir um ao outro, ou incorporação de um método no outro. Assim, esta pesquisa centra-se nos aspectos subjetivos que envolvem a ação educativa dos bibliotecários - aspecto qualitativo -, assim como compreende todos os dezoito sistemas/redes de bibliotecas formalmente instituídos no âmbito dos IF - aspecto quantitativo.

Ainda sobre a pesquisa *quali-quantitativa*, Flick (2009) diz que estes dois métodos podem ser utilizados enquanto campos complementares, sendo que a pesquisa qualitativa pode dar sustentação à pesquisa quantitativa e vice-versa. A pesquisa quantitativa enfatiza características estruturais, ao passo que a pesquisa qualitativa enfatiza os pontos de vista subjetivos. Ou seja, o problema da generalidade pode ser resolvido para a pesquisa qualitativa acrescentando-se resultados quantitativos. Tendo em vista tais aspectos, Kirschbaum (2013) pondera que as pesquisas *quali* são de características subjetivistas, em contraste com as pesquisas *quanti* que se referem ao paradigma “positivista”, cujos interesses são centrados no estabelecimento de leis causais. Independente dos objetivos que envolvem essas duas metodologias, ambas contribuem para a análise aqui proposta, permitindo a compreensão das especificidades presentes na abordagem dos dados da pesquisa.

Em virtude da abordagem *quali-quantitativa*, esta pesquisa emprega distintos procedimentos e técnicas de coleta de dados - pesquisa bibliográfica/documental, questionário e entrevistas -, não se enquadrando em um modelo específico. Nessa perspectiva, conforme Gil (2010), as

pesquisas podem ser classificadas sob dois aspectos principais: sob o aspecto dos objetivos e sob o aspecto dos procedimentos técnicos utilizados. Assim, do ponto de vista dos objetivos esta pesquisa é exploratória, já que procura compreender os aspectos relativos à ação educativa dos bibliotecários.

Partindo-se da perspectiva exploratória, esta pesquisa permitiu verificar como a institucionalização do sistema/rede de bibliotecas influencia os processos das bibliotecas dos IFs, principalmente, os relativos à ação educativa dos bibliotecários, no que tange à oferta de serviços informacionais e à capacitação dos usuários para o acesso, uso e compartilhamento da informação. Gerhardt e Souza (2009) destacam que pesquisas desta natureza contribuem na análise e correlação dos fatos, sem, contudo, manipulá-los, permitindo construir hipóteses e familiarização com o problema. Assim, considera-se necessária a identificação dos sistemas/redes de bibliotecas institucionalizados e das atividades educativas implementadas nas bibliotecas e que apoiam o processo de ensino-aprendizagem no âmbito dos IF.

Do ponto de vista dos procedimentos técnicos, onde os sujeitos e os ambientes são fontes de informação essenciais, entendeu-se que esta pesquisa também é um estudo de múltiplos casos, considerando-se a abordagem das especificidades em torno da ação educativa dos bibliotecários nos 18 sistemas/redes de bibliotecas instituídos no contexto dos IF. Medeiros (2009) diz que o estudo de caso parte dos acontecimentos particulares, aqui no caso a prática educativa do bibliotecário nos respectivos sistemas/redes de bibliotecas, para se obter as generalizações. Laville, Dionne e Siman (1999) enfatizam que o estudo de caso visa sobretudo a profundidade, onde o foco não está em ver, mas sim compreender o objeto de estudo. Nessa lógica, a educação técnica e profissional dos IF enquanto contexto de inserção das bibliotecas e da ação educativa dos bibliotecários enfatiza os aspectos que influenciam a atuação desses elementos tão necessários ao processo de ensino-aprendizagem e, portanto, precisam ser evidenciados para sua compreensão.

Quanto aos instrumentos de coleta de dados e informações para subsidiar a compreensão do problema proposto, utilizou-se a pesquisa documental, o questionário - APÊNDICE D -, e a entrevista semiestruturada - APÊNDICE E -. Acerca da pesquisa documental, objetivou-se a identificação dos sistemas/redes de bibliotecas formalmente institucionalizados no âmbito dos IF, assim como apontar as atividades educativas de usuários, desenvolvidas no âmbito das bibliotecas e que visam a aproximação e a capacitação dos sujeitos escolares em relação ao

uso dos recursos informacionais, com vistas à criação de conhecimento. Para Laville, Dionne e Siman (1999) os documentos são uma importante fonte de informações porque deixam vestígios da ação humana, na medida que definem orientações, enunciam políticas, expõem projetos, prestam contas de realizações, ou seja, contam experiências de sujeitos, grupos de sujeitos e instituições. Então, por apontar a informação diretamente, são de fácil acesso, bastando apenas fazer uma triagem do que é importante e criticá-los em função das necessidades da pesquisa.

Em relação à aplicação do questionário junto aos bibliotecários, visou-se a ampliação das informações obtidas com a pesquisa documental, bem como a identificação de novos elementos que caracterizassem a ação das bibliotecas e bibliotecários no âmbito dos IF. Laville, Dionne e Siman (1999) dizem que o questionário permite alcançar um grande número de pessoas, bem como permite uniformização e facilita a compilação e comparação das respostas. A opção por essa ferramenta para coleta de informações foi em virtude da rapidez das respostas, da economia de tempo, do número de sujeitos alcançados e abrangência geográfica, já que os IF cobrem todos os estados brasileiros.

O questionário foi construído utilizando-se a plataforma Google Drive Formulário - Google Forms. Antes da disponibilização desse instrumento aos bibliotecários, foi realizado um pré-teste em outubro de 2017 com quatro bibliotecários de instituições não componentes da amostra da pesquisa. Concomitantemente à realização do pré-teste, as coordenações das bibliotecas foram contatadas a fim de se obter os e-mails dos bibliotecários atuantes nos sistemas/redes de bibliotecas para envio do questionário. Sete coordenações retornaram os e-mails com o contato dos bibliotecários e cinco coordenações não forneceram os e-mails individuais dos mesmos, mas se dispuseram a encaminhar o instrumento aos respectivos bibliotecários, visto que possuíam um grupo eletrônico com os contatos destes profissionais.

Buscando-se captar a visão dos bibliotecários, a aplicação da entrevista semiestruturada teve como objetivo aprofundar a compreensão dos aspectos que dão características e sentido ao papel das bibliotecas e dos seus profissionais no âmbito da educação técnica e profissional, tendo em conta as especificidades do contexto *multicampi* dos IF. O roteiro enviado aos participantes nessa etapa da pesquisa abordou questões relativas a: sentido e significado do contexto histórico da educação profissional para a ação educativa do bibliotecário; o bibliotecário enquanto educador no contexto escolar; os saberes necessários à ação educativa

do bibliotecário - saber experiencial, atitudinal/comportamental, profissional e pedagógico; a estruturação *multicampi* e as condições humanas, estruturais e materiais para o desenvolvimento da ação educativa do bibliotecário; diversidade, inclusão, acessibilidade e ações educativas na biblioteca; necessidades informacionais, estudos de usuários e avaliação dos serviços; planejamento escolar e participação da biblioteca; formação do bibliotecário e ação educativa. Ressalta-se que o roteiro da entrevista também foi validado com a aplicação de um pré-teste com quatro bibliotecários em março de 2018.

Em relação ao aporte teórico para subsidiar a discussão proposta nesta pesquisa, recorreu-se também à pesquisa bibliográfica, esta composta por fontes impressas e *online*. A pesquisa bibliográfica constitui uma fase importante, visto ser o passo preliminar de qualquer trabalho científico (ANDRADE, 2010; GIL, 2010; MARCONI; LAKATOS, 2010), quer para atualização quanto ao estado da arte da temática, quanto para o entendimento dos limites e contribuições da própria pesquisa (RUIZ, 2006; CERVO; BERVIAN; DA SILVA, 2007).

Assim, o levantamento e seleção de textos foi através de buscas no sistema de bibliotecas da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), na *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO) e no Portal de Periódicos da Capes, abrangendo os seguintes conceitos: sistemas de bibliotecas, ensino técnico e profissional, prática educativa e formação do bibliotecário.

#### **4.2 Universo e seleção da amostra da pesquisa**

No âmbito da pesquisa documental, primeira etapa de coleta de dados e informações, foram verificados os *sites* dos 38 IF, universo desta pesquisa, procurando-se identificar políticas, normas, regulamentos e portarias que confirmassem a institucionalização formal dos sistemas de bibliotecas. Também, objetivou-se apurar informações acerca das práticas educativas implementadas pelos bibliotecários no âmbito das bibliotecas. De acordo com Flick (2009), os documentos representam uma versão específica de realidades construídas com objetivos específicos ou práticos, portanto, deve-se sempre os ver como instrumentos de comunicação, pois, os mesmos dizem muito sobre a realidade em estudo. É importante saber que os documentos são limitados a experiências e processos e, portanto, devem ser utilizados como estratégia complementar para outros métodos.

Assim, identificou-se que no âmbito dos 38 IF, existem 18 sistemas/redes de bibliotecas instituídos mediante normativas internas. Os IF com sistema/redes de bibliotecas são: Instituto Federal do Amazonas (IFAM), Instituto Federal da Bahia (IFBA), Instituto Federal de Brasília (IFB), Instituto Federal Catarinense (IFC), Instituto Federal do Ceará (IFCE), Instituto Federal de Goiás (IFG), Instituto Federal Goiano (IFGOIANO), Instituto Federal de Paraíba (IFPB), Instituto Federal de Pernambuco (IFPE), Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS), Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ), Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), Instituto Federal de Sergipe (IFS) e o Instituto Federal do Sertão Pernambucano (IFSertão). As redes de bibliotecas estão presentes nos seguintes IF: Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG), Instituto Federal do Paraná (IFPR), Instituto Federal de São Paulo (IFSP) e o Instituto Federal do Sul de Minas Gerais (IFSul de Minas).

A escolha dos IF para participação na aplicação do questionário seguiu o critério de possuírem sistema de bibliotecas, pois, acreditou-se que trabalhando de modo sistêmico, o desenvolvimento das ações no âmbito das bibliotecas seria mais equitativo. Mediante contato inicial com as coordenações das bibliotecas para a obtenção dos e-mails dos bibliotecários, as unidades que retornaram à solicitação foram: IFAM, IFB, IFBA, IFC, IFG, IF Goiano, IFPB, IFPR, IFRS, IFSC, IFSP e IFSertão. Apesar de não atenderem ao critério estabelecido para composição da amostra, considerou-se relevante incluir nesta etapa da pesquisa as redes de bibliotecas do IFPR e do IFSP, haja vista a amplitude destas instituições no Paraná e São Paulo, estados com apenas um IF cada.

Conforme apurado na pesquisa documental e por intermédio do contato via e-mail com as coordenações dos sistemas/rede de bibliotecas, são 289 o número de bibliotecárias e bibliotecários atuantes nas instituições acima mencionadas. Portanto, todos esses sujeitos foram contatados para a aplicação do questionário.

A primeira comunicação via e-mail com os bibliotecários para envio do *link* do questionário intitulado “Pesquisa de mestrado: práticas educativas dos bibliotecários dos Institutos Federais” ocorreu em dezembro de 2017. Aquelas coordenações que não forneceram os endereços de e-mail dos seus profissionais, encaminharam o *link* do instrumento aos mesmos com cópia ao pesquisador para conhecimento e registro. Como o primeiro contato foi realizado em dezembro de 2017, período de fechamento do ano letivo e início das férias

escolares, o retorno das respostas aos questionários ficou aquém do esperado. Até o início do mês de janeiro de 2018 foram obtidas apenas 55 respostas. Assim, um segundo contato também via e-mail foi realizado em meados de janeiro de 2018. Dessa forma, no início de março de 2018, período de início do contato para as entrevistas, o número de retorno dos questionários alcançou 89 respostas. Esse quantitativo representou 31% do total de questionários enviados, 289 ao todo. Considerando-se as vantagens e desvantagens do uso do questionário, esse percentual está dentro dos parâmetros considerados ideais, pois, segundo Markoni e Lakatos (2010), em média, a taxa de devolução gira em torno de 25%.

Na aplicação das entrevistas semiestruturadas, etapa iniciada em março de 2018, a escolha da amostra foi intencional e não-probabilística. Dentre os IF com sistemas/redes de bibliotecas instituídos, selecionou-se aqueles com o maior número de bibliotecas em cada uma das cinco regiões geográficas brasileiras, pois, julgou-se que as bibliotecas dessas instituições são representativas do universo da pesquisa. Assim, os IFs com o maior número de bibliotecas e que, conseqüentemente, concentram o maior número de bibliotecários são: região Norte, IFAM - 15 bibliotecas -; região Nordeste, IFCE - 30 bibliotecas -; região Centro-Oeste, IFG - 14 bibliotecas -; região Sudeste, IFSP - 37 bibliotecas -; região Sul, IFPR - 30 bibliotecas -.

Dentre os IF anteriormente relacionados, a seleção da amostra de bibliotecários para participação nas entrevistas também foi intencional e compreendeu dois bibliotecários de cada uma dessas instituições: cinco bibliotecários coordenadores dos sistemas/redes de bibliotecas e cinco bibliotecários atuantes nos *campi* com o maior número de cursos e, conseqüentemente, com o maior número de alunos. Destarte, na discussão dos resultados, os sujeitos entrevistados foram identificados por BIBLIOTECÁRIA(O) e numerados de 1 até 10, ordem de acontecimento das entrevistas. Com este cognome visou-se garantir o anonimato dos sujeitos quando da apresentação de trechos das falas dos mesmos na discussão dos dados.

### **4.3 Apresentação dos dados**

Com base nos dados obtidos na pesquisa documental e na aplicação das ferramentas - questionários e entrevistas - junto aos sujeitos da amostra da pesquisa, procedeu-se à apresentação dos dados nominais referentes aos sistemas/redes de bibliotecas, sobre os bibliotecários e em relação às atividades educativas de usuários. Essas informações dão conta do panorama geral acerca das especificidades que contornam a ação educativa dos

bibliotecários em seus respectivos sistemas e redes de bibliotecas, considerando-se sua inserção no ambiente *multicampi* dos IF.

Os dados obtidos na pesquisa documental versaram acerca dos sistemas/redes de bibliotecas institucionalizados no âmbito dos IF e o rol de atividades desenvolvidas para a educação de usuários. Quanto aos dados obtidos com a aplicação dos questionários, estes foram reunidos nas seguintes unidades temáticas: *Perfil dos respondentes; Os sistemas e redes de bibliotecas; Acerca do planejamento das ações educativas; Biblioteca e bibliotecários no âmbito do planejamento da EaD*. Em relação aos dados das entrevistas, os mesmos foram apresentados nas seguintes unidades temáticas: *Sentido e significado do contexto histórico da educação profissional e o perfil educador do bibliotecário; As condições infraestruturais para o desenvolvimento da ação educativa; Participação da biblioteca no planejamento escolar; Formação do bibliotecário para a ação educativa*.

#### **4.4 Interpretação e análise dos dados**

A análise dos dados apresentados foi com base no método de análise de conteúdo. Essa metodologia contribui para a investigação em curso, visto que seu procedimento compreendeu métodos quantitativos, considerando-se o número de sujeitos e espaços de componentes da amostra dessa pesquisa, assim como técnicas qualitativas, já que o objeto de investigação “ação educativa do bibliotecário” apresenta um caráter subjetivo e que se alicerça nas expectativas desses sujeitos envolvidos na ação no espaço da biblioteca.

Laville, Dionne e Siman (1999) dizem que em seu modo usual a análise de conteúdo se liga às frequências, ou seja, a enumeração das unidades presentes sob cada rubrica, ou as medidas do lugar ocupado pelos diversos temas descritos em um conteúdo. Sob o aspecto da abordagem qualitativa, a análise de conteúdo permite entender as nuances de sentido que existem entre as unidades, aos elos lógicos entre essas unidades ou entre as categorias que as reúnem, “[...] visto que a significação de um conteúdo reside largamente nas especificidades de cada um de seus elementos e na das relações entre eles, especificidade que escapa amiúde ao domínio do mensurável”. (LAVILLE; DIONNE; SIMAN, 1999, p. 227).

Para Bardin (2011) a análise de conteúdo tem como objeto a fala, ou seja, o aspecto individual e atual no ato da linguagem. Nesse aspecto, por intermédio da análise de conteúdo, os sujeitos

da fala são passíveis de serem identificáveis, podendo-se compreender como os mesmos e/ou o seu ambiente se apresentam em um dado momento ao observador.

Ainda Bardin (2011) estabelece algumas fases para a análise de conteúdo:

- ✓ Pré-análise: escolha dos documentos - exaustividade, representatividade, homogeneidade e pertinência -, formulação de hipóteses e objetivos, elaboração de indicadores para interpretação final;
- ✓ Exploração do material: operações de codificação, decomposição/enumeração;
- ✓ Tratamento dos resultados: estabelecimentos de quadros de resultados, diagramas, figuras e modelos para síntese, inferência e interpretação das informações.

De acordo com esses pressupostos foram construídos alguns eixos para a análise dos dados, conforme o seguinte: **da ótica institucional, da visão do bibliotecário e da perspectiva da ação pedagógica**. Para cada um desses eixos foram construídas unidades de análise, conforme o disposto abaixo:

- ✓ Da ótica institucional: *O sentido e significado da organização das bibliotecas e; Dos desafios das bibliotecas.*
- ✓ Da visão do bibliotecário: *A formação em Biblioteconomia e; A educação continuada, os saberes pedagógicos e a experiência na ação educativa.*
- ✓ Da perspectiva da ação pedagógica: *As atividades educativas de usuários e; A diversidade e acessibilidade no âmbito das práticas bibliotecárias*

Para subsídio dessa análise, o aporte teórico foi com base nos autores apontados ao longo do desenvolvimento dos capítulos que versam sobre a temática da pesquisa.

## **5 BIBLIOTECAS E BIBLIOTECÁRIOS NO CONTEXTO DOS INSTITUTOS FEDERAIS: DADOS EM DEBATE**

Neste capítulo apresentam-se os dados nominais referentes aos sistemas/redes de bibliotecas, bibliotecários<sup>8</sup> e atividades de educação de usuários. Esses dados foram levantados mediante o uso dos recursos de pesquisa documental, aplicação de questionários e entrevistas no âmbito dos sistemas e redes de bibliotecas dos IF, conforme critérios expostos nos procedimentos metodológicos.

Com esses dados objetivou-se mostrar um panorama geral acerca das especificidades que contornam a ação educativa dos bibliotecários nos respectivos sistemas/redes de bibliotecas, considerando-se sua inserção no ambiente *multicampi* dos IF.

### **5.1 As evidências da ação educativa: análise dos dados**

#### 5.1.1 A pesquisa documental

As ações de cooperação acompanham a evolução das organizações, tendo em vista a economia de recursos e de processos para o enfrentamento das mudanças ambientais. Nessa perspectiva, a gestão das bibliotecas também não foge a esta tendência, considerando-se que as diferentes unidades que compõem os sistemas/redes de bibliotecas pertencem a uma mesma instituição, ou seja, são partes integrantes do contexto ambiental *multicampi* dos IF.

No âmbito dos IF, a organização/estruturação em sistemas/redes surgiu da necessidade de integração e padronização de processos e serviços para a garantia do acesso equitativo pelos sujeitos ao acervo informacional disponível em cada biblioteca, estas localizadas nos diferentes *campi*. Desta forma, conforme foi apurado, existem 14 sistemas de bibliotecas e quatro redes de bibliotecas formalmente implantados no contexto dessas instituições, consoante apresentado no QUADRO 1 a seguir.

---

<sup>8</sup> Na apresentação e discussão dos dados optou-se por utilizar o termo “bibliotecário(s)” para se referir a ambos os profissionais, homens e mulheres, assim como “bibliotecário” e “bibliotecária” para destacar o sujeito na transcrição da fala.

Quadro 1 - Sistemas e redes de bibliotecas no âmbito dos IF

REGIÃO	INSTITUIÇÃO	SISTEMAS/REDES DE BIBLIOTECAS	REGULAMENTAÇÃO
CENTRO-OESTE	IFB IFG IFGoiano	SIBIFB SIB/IFG SIBI	Resolução nº 010/2014-CS-IFB Resolução nº 05/2013-CS-IFG Resolução nº 010/2014-CS-IF Goiano
NORDESTE	IFBA IFCE IFPB IFPE IFS IFSertão	SIB SIBI SIB SIBI SIB SIBI IF Sertão-PE	Resolução nº 11/2017 Regimento geral (Sem numeração) Resolução Ad Referendum nº 29/2016 RES Resolução nº 04/2018 Deliberação nº 02/2014/CD/IFS Aguardando portaria
NORTE	IFAM	SIBI-IFAM	Resolução nº 31/2017CONSUP
SUDESTE	IFMG IFRJ IFSP IFSul de Minas	Rede de Bibliotecas SIBi Rede de Bibliotecas Rede de Bibliotecas	IN 01/2014 Pró-Reitoria Ensino Resolução nº 23-2017 Regulamento Portaria nº 1279-2016 Regulamento Resolução nº 016/2013
SUL	IFC IFPR IFRS IFSC	SIBI-IFC Rede de Bibliotecas SiBIFRS SiBI/IFSC	Resolução nº 007 - CONSUPER/2014 Portaria nº 1484-2015 Resolução nº 036/2017 Resolução CEPE/IFSC nº 165/2011

Fonte: CBBI, 2017.

Com esses dados foi possível verificar que a maioria dos IF, 20 ao todo, ainda não tem suas bibliotecas estruturadas seja na forma de sistemas ou redes, o que revela a urgência e a necessidade dos bibliotecários se organizarem no sentido de refletir e propor políticas de integração para essas bibliotecas no âmbito de seus IF. Refletindo-se acerca do momento atual onde prevalece o avanço das tecnologias e o ambiente de informação que se torna cada vez mais complexo, demanda-se que as bibliotecas estejam em sintonia com essa nova realidade a fim de dinamizar seus processos e serviços no sentido da cooperação em prol da consecução dos objetivos, finalidades e metas que advém do arranjo *multicampi* dos IF.

O trabalho isolado das bibliotecas num contexto de muitas demandas intra e extrainstitucionais, como o caso dos IF, não contribui para o acesso equânime da informação, principalmente se observarmos a escassez e a pulverização de recursos no campo educacional em tempos de crise. A organização das bibliotecas dos IF em sistemas/redes mediante a adoção de estratégias de trabalho cooperativas comuns, a exemplo do estabelecimento de políticas de gestão, de desenvolvimento de acervo, de intercâmbio de serviços informacionais

etc., possibilitará o fortalecimento da sua identidade e importância em meio ao contexto onde estão inseridas.

No processo de constituição organizacional dos sistemas/redes de bibliotecas indicados no QUADRO 1 - página 76 -, um ponto positivo é que estas estruturas são órgãos cujas coordenações ou direções são exercidas por bibliotecários e com remuneração. Tais retribuições variam de função gratificada (FG 1, 2 e 3), 14 casos, a cargos de direção (CD 3 e 4), dois casos. Em apenas dois casos as coordenações desses organismos não são remuneradas, de acordo com informações do CBBI (2017). Também, de acordo com dados coletados não é possível afirmar se todas as bibliotecas em cada contexto possuem coordenações remuneradas, já que esta temática não foi objetivo de investigação.

As leituras empreendidas para a construção do texto dessa pesquisa permitiram apreender que o cenário histórico da educação técnica e profissional no contexto brasileiro sempre sinalizou para a valorização de saberes técnicos em detrimento de saberes humanos e sociais, saberes estes balizados pelas demandas e requisições de inserção no mercado de trabalho. Nessa acepção, a ação educativa do bibliotecário torna-se essencial e mais significativa aos sujeitos dessa modalidade de ensino ao mesmo tempo que através do acesso à informação novas visões e perspectivas de inserção social são possíveis, o que torna o processo de aprendizagem educacional mais equalizado em termos de saberes técnico-científicos, humanos e sociais. Assim, as atividades implementadas no âmbito dos sistemas/redes de bibliotecas, principalmente as de cunho educativo/pedagógico, têm a função de orientação aos usuários quanto ao adequado uso dos recursos informacionais, com vistas à contribuição ao processo de aprendizagem.

Essa expectativa orientou a busca pelas atividades de cunho educativo/pedagógicas implementadas no âmbito dos sistemas e redes de bibliotecas. Os dados coletados na pesquisa documental permitem dizer que tais ações são similares nas bibliotecas dos IFs, não diferindo quanto a sua variabilidade e natureza. No QUADRO 2 é apresentada uma síntese das atividades de orientação dos usuários mais recorrentes nas bibliotecas dos IFs. A relação completa das atividades de cunho educativo desenvolvidas no âmbito de cada de cada sistema/rede de bibliotecas está disposta no APÊNDICE A.

Quadro 2 – Principais atividades educativas desenvolvidas nas bibliotecas dos IF

		<b>SISTEMAS/REDES DE BIBLIOTECAS</b>																		
		IFB	IFG	IF Goiano	IF BA	IF CE	IFG	IF PB	IF PE	IFS	IF Sertão PE	IF AM	IF MG	IF RJ	IF SP	IF Sul de Minas	IFC	IF PR	IF RS	IF SC
<b>A T I V I D A D E S</b>	<b>Visita orientada à biblioteca</b>	X	X	X			X	X			X	X	X			X	X	X	X	X
	Normalização de trabalhos acadêmicos (normas ABNT)	X	X	X			X				X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	<b>Pesquisa no Portal de Periódicos Capes</b>	X	X	X	X	X	X		X	X	X		X	X	X		X		X	X
	Pesquisa no sistema de gestão do acervo (SIABI, Sophia, Pergamum)	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X		X	X	X	X		
<b>E D U C A T I V A S</b>	<b>Pesquisa em bibliotecas virtuais (Pearson, Ebrary, ABNT, etc.)</b>	X								X	X	X		X	X				X	X

Fonte: Do autor, 2018.

Percebe-se que as atividades apresentadas no QUADRO 2 “não fogem à regra”, são proposições voltadas para a orientação dos usuários quanto ao acesso/uso dos recursos informacionais que as bibliotecas disponibilizam, não havendo diferenças significativas entre as mesmas. Também, não é possível demonstrar, através dos documentos consultados, a forma como a biblioteca/bibliotecário atua ou deveria atuar nas atividades de ensino, pesquisa e extensão, em virtude da inexistência de registros da oferta sistemática dessas atividades, bem como da ausência de políticas institucionais que explicitem a ação educativa do bibliotecário e o desenvolvimento contínuo da biblioteca, enquanto aparato pedagógico de apoio ao ensino.

## **5.1.2 Dados gerais do questionário**

### *5.1.2.1 Perfil dos respondentes*

Acerca dos respondentes, a maioria está na faixa etária de 31 a 40 anos de idade, 50%. Do total de respostas, o percentual de profissionais entre 21 a 40 anos atuantes nos IF é de 73,3%, o que revela um grupo de profissionais com perfil bastante jovem, pensando comparativamente com a visão estereotipada do passado, onde as bibliotecárias eram vistas como “senhoras de óculos guardiãs de livros”. Também foi possível constatar que o tempo de formados da maioria desses profissionais em Biblioteconomia é de até 15 anos, 80%. O tempo de atuação profissional dos mesmos nos IF de até dois anos representa 24,4%, entre 3 e 5 anos, 43,3%, entre 6 e 8 anos, 20% e, desde a criação dos IF, 12,2%.

Como 12,2% dos respondentes atuam nos IF desde a sua criação em 2008, portanto, já eram funcionários das instituições que deram origem aos institutos, pode-se deduzir que os IF oportunizaram novas vagas no mercado de trabalho aos bibliotecários, pois 87,7% desses sujeitos atuam nos IF há menos de oito anos. Considerando-se que os IF têm apenas 10 anos de existência, observa-se que grande parte dos bibliotecários - aqueles acima de três anos de trabalho - vivenciaram as transformações dessas instituições, portanto contribuíram para o fortalecimento da historicidade e identidade das mesmas no contexto da educação profissional, como também possibilitaram a equalização do acesso à educação e da informação, que representam mecanismos de empoderamento dos sujeitos no curso dos processos sociais.

Sobre a formação continuada dos bibliotecários, aspecto importante para a atuação no contexto escolar, apenas 43,3% desses profissionais possuem formação superior além da Biblioteconomia. Os cursos de interesse para a complementação formativa variam de uma segunda graduação - licenciatura, bacharelado e de tecnologia - à pós-graduação - especialização, mestrado e doutorado -. Os dados acerca da tipologia dos cursos em cada nível de ensino estão apresentados no APÊNDICE B. Ressalta-se que os cursos de atualização não foram objeto dessa pesquisa.

Os dados acerca da formação continuada indicaram uma preferência pelos cursos de especialização e não por uma segunda graduação ou pelo mestrado e doutorado, o que é compreensível e pode ser justificado pelo fato do tempo para conclusão desses cursos serem mais rápidos, geralmente de apenas um ano, pela quantidade e variedade de oferta desses cursos em todas as regiões do país, pela facilidade de acesso aos mesmos e por não haver, regra geral, processos seletivos. Ainda, acerca da preferência pela formação no âmbito da especialização, ressalta-se que as tecnologias da informação e comunicação e a EaD cumprem um papel importante nesse processo ao possibilitar que os cursos *lato sensu* estejam ao alcance de todos. Nesse aspecto, 87,6% dos bibliotecários responderam positivamente terem utilizado essa modalidade de ensino para a formação continuada.

Também, a exemplo dos cursos praticados pelos bibliotecários foi possível identificar que os interesses formativos desses profissionais não se restringem a cursos correlatos ao seu campo de formação inicial. Observou-se também que há uma predominância por formações mais tecnicistas e ligados à gestão, seja de instituições ou de processos. Ficou igualmente evidente que os cursos afins ao campo da Educação têm percentual menor no global dos cursos de interesse dos respondentes. Estas afirmações podem ser verificadas no QUADRO 7 - APÊNDICE B.

#### 5.1.2.2 Os sistemas e redes de bibliotecas

Em termos de infraestrutura humana, as bibliotecas no contexto dos IF contam com um quantitativo mínimo de profissionais bibliotecários, a julgar pelas demandas informacionais e formacionais advindas da diversidade de sujeitos em aprendizagem, da diversidade de cursos nos vários níveis de ensino, das especificidades do arranjo *multicampi* e das demandas locais/regionais onde essas instituições estão inseridas. As bibliotecas que possuem apenas

um bibliotecário para o desenvolvimento de todas as atividades que lhes são inerentes - gestão, processamento técnico da informação, atendimento ao usuário, etc. - representa 44,4% do total das respostas. Outros 41,1% representam aquelas bibliotecas que possuem em seu quadro profissional apenas dois bibliotecários. Constatou-se, portanto, que 85,5% das bibliotecas contam com no máximo dois bibliotecários para atender satisfatoriamente as demandas educativas institucionais internas e externas. Ter três bibliotecários compartilhando os serviços no ambiente escolar é realidade de apenas 7,8% das bibliotecas.

Quanto à organização das bibliotecas em sistemas/redes, todas as unidades são assessoradas técnica e administrativamente pelo respectivo órgão central coordenador. A centralização/descentralização de serviços, característica desse modelo de estruturação, varia de uma instituição para outra. Todos os respondentes afirmaram não haver centralização de serviços na coordenação dos sistemas/redes de bibliotecas, ficando as atividades de aquisição e tratamento informacional dos materiais a cargo de cada biblioteca. À coordenação do sistema/rede de bibliotecas compete promover a padronização dos processos, a exemplo das políticas de desenvolvimento de acervo e catalogação, de forma a garantir a qualidade e equidade na prestação dos serviços pelas bibliotecas.

Acerca da responsabilidade decisória acerca da dotação orçamentária dos diversos setores, essa prerrogativa é exclusiva da direção geral do *campus* em cada IF, conforme relatou os respondentes. Nesse aspecto, cabe à cada biblioteca em particular somente o planejamento das suas necessidades em termos de atividades e serviços, a exemplo da aquisição de material informacional, porém, a decisão final acerca da disponibilização de verbas para custeio do que será adquirido é atribuição da direção do respectivo *campus*. Apenas 6,7% dos respondentes disseram haver no planejamento anual dos IF verba específica para a coordenação de bibliotecas subsidiar o custeio das suas atividades e serviços.

Percebe-se que no contexto de cada IF, a maioria dos sistemas/redes de bibliotecas não possuem autonomia orçamentária, pois não lhes cabem a definição do quantitativo de recursos a ser empregado na execução do planejamento das bibliotecas que lhes são subordinadas. Conquanto, o planejamento das atividades e serviços aos usuários é encargo de cada biblioteca, cabendo à coordenação do sistema/rede a assessoria técnica e administrativa para a implementação e execução desse planejamento.

### *5.1.2.3 Acerca do planejamento das ações educativas*

Fundamentando-se no princípio da descentralização e da autonomia, no âmbito dos sistemas/redes de bibliotecas o planejamento das atividades educativas de usuários é uma ação devida a cada biblioteca em particular, conforme afirmaram todos os respondentes. Apenas as capacitações para o uso de serviços informacionais comuns, a exemplo das bases de dados, bibliotecas virtuais, softwares e etc., apresentam uma padronização, a fim de equalizar os custos desses processos, bem como garantir a qualidade e o acesso equitativo de todos os usuários dessas instituições.

No rol de atividades educativas de usuários planejadas e implementadas no âmbito das bibliotecas, o treinamento para uso de bases de dados - Portal Capes, bibliotecas virtuais, softwares de gestão do acervo, etc. - e a normalização de trabalhos acadêmicos - regras da ABNT majoritariamente - aparecem como as ações principais praticadas pelos bibliotecários. Atividades culturais e literárias, de leitura e escrita, apresentação da biblioteca - visita guiada - dentre outras, aparecem como atividades esporádicas e dependem de cada biblioteca em particular, considerando-se a infraestrutura humana para a execução destas ações, bem como o perfil e interesse de cada bibliotecário.

Apesar dessas e outras atividades aparecerem nas políticas e/ou normativas dos sistemas/redes de bibliotecas, não há um padrão definido para todas as bibliotecas no que se refere a quando, o tipo e a forma como essas atividades serão desenvolvidas para capacitação dos usuários, variando conforme as situações e as demandas em cada contexto.

A proposição de atividades educativas de usuários ainda não é realizada a contento, haja vista a impossibilidade de uma padronização e sistematização para todas as bibliotecas devido as especificidades e demandas em cada contexto, dados correspondentes ao relatado por 98% dos bibliotecários. Também, 63,3% afirmaram não haver distinção de serviços informacionais para as tipologias de usuários quando da proposição das ações educativas, somada à pouca variedade de recursos informacionais para atendimento das demandas específicas de cada grupo de sujeitos.

Um desafio que se apresenta às ações educativas dos bibliotecários diz respeito ao alcance da diversidade de sujeitos em aprendizagem escolar. Segundo expuseram os bibliotecários,

47,8% das respostas, as ações educativas desenvolvidas no âmbito das bibliotecas só alcançam os sujeitos do ensino regular presencial. Enquanto 15,6% não tinham elementos para afirmar se as ações abarcavam a diversidade de sujeitos, outros 26,7% disseram que as ações contemplam também os sujeitos da modalidade da EaD. No entanto, não há como precisar se de fato os alunos da EaD se sentem contemplados pelas ações educativas das bibliotecas, visto que não há uma avaliação da efetividade dessas ações.

Ainda acerca da diversidade de sujeitos que deveriam ser atendidos pelas ações educativas implementadas pelos bibliotecários nas bibliotecas, a maior parte dos respondentes, 57,7%, reconheceram que as práticas educativas não foram planejadas de modo a incluir toda a diversidade de sujeitos, a julgar pelos usuários deficientes. Evidenciou-se que faltam instrumentos materiais e capacitação dos profissionais para inclusão de pessoas com deficiências, principalmente das pessoas com deficiência auditiva e visual. As questões arquitetônicas nas instituições onde esses profissionais atuam não se apresentam como barreiras significativas à inclusão dos deficientes físicos nas ações educativas.

Aqueles que disseram não haver proposições educativas nas bibliotecas, também afirmaram que falta infraestrutura humana e, em alguns casos, falta disposição de alguns profissionais em implementar ações educativas de usuários. Reforça-se, de acordo com os respondentes, que o número de profissionais em quantidade insuficiente ao ideal prejudica o andamento das ações educativas nas bibliotecas, já que esses sujeitos precisam se ocupar das atividades técnicas e administrativas para que esses espaços possam funcionar. Diante desse fator, a educação de usuários fica em segundo plano, ou seja, para quando o bibliotecário dispor de tempo e puder implementar tais práticas.

Sem desconsiderar as especificidades e dificuldades que as bibliotecas e bibliotecários enfrentam no dia a dia nos IF, já que nestas instituições tudo ainda é novidade e as mesmas ainda estão em processo de estruturação e consolidação no cenário educacional, quando questionados acerca das melhorias advindas da institucionalização dos sistemas e redes de bibliotecas, 45,6% dos bibliotecários que responderam essa questão visualizaram mudanças significativas nos processos das bibliotecas. 21,1% dos bibliotecários não tinham elementos para responder e outros 18,9% disseram “as coisas continuaram com anteriormente ao processo de institucionalização dos sistemas/redes de bibliotecas”. Também, 14,4% ponderaram que pelo fato da institucionalização dos sistemas/redes de bibliotecas serem

recentes, os processos das bibliotecas ainda estão em fase de estruturação, refletindo na visibilidade das ações educativas, visto que essas ações são de âmbito local e não global para todas as bibliotecas.

#### 5.1.2.4 Biblioteca e bibliotecários no âmbito do planejamento da EaD

A EaD como modalidade de ensino está presente em quase todas as instituições educacionais, não sendo diferente no contexto dos IF. Em relação à biblioteca e aos bibliotecários, a EaD ainda é um campo de atuação incerto, pois, a maioria dos respondentes, 61,1% disseram não participar do planejamento dessa modalidade educacional no âmbito dos IF. Apenas 6,7% deram conta que algumas coordenações das bibliotecas participam das questões decisórias no âmbito dessa modalidade. Outros 33,2% disseram desconhecer a atuação da coordenação das bibliotecas nessa modalidade, bem como afirmaram que a modalidade não era ofertada no âmbito do seu *campus*. Em relação a experiências anteriores de trabalho na EaD, 77,8% afirmaram não possuir experiências nesta modalidade, bem como não se consideram aptos a atuar na modalidade em virtude da ausência de formação específica para tal.

Essa ausência da biblioteca e dos bibliotecários na EaD aponta a existência de uma desconexão com os sujeitos dessa modalidade de ensino, que não são contemplados pelos serviços informacionais oferecidos. Compreende-se que a EaD seja novidade para muitos profissionais que atuam no contexto multimodal da educação técnica e profissional dos IF, mas também se depreende que há a necessidade de mais participação dos sistemas/redes de bibliotecas no planejamento macro e micro institucional para a modalidade, no sentido de propor políticas e soluções para inserção da EaD e seus sujeitos nas ações das bibliotecas.

Acredita-se que a não participação das bibliotecas nos processos da EaD no âmbito dos IF decorre do descompasso entre bibliotecários e gestores escolares, principalmente aqueles responsáveis pelo planejamento da modalidade. Tal situação tem reflexos na oferta de capacitação e serviços informacionais ofertados a distância aos sujeitos dessa modalidade. Os respondentes, 72,1%, afirmaram não haver capacitação de usuários a distância, seguidos de outros 11,1% que admitiram desconhecer a atuação dos bibliotecários nessa modalidade. Entre os que afirmaram haver a ação dos bibliotecários nessa modalidade, 16,7% indicaram que a capacitação dos usuários nesse contexto de aprendizagem diz respeito ao acesso e uso de bases de dados e bibliotecas virtuais. As mesmas são acessíveis via internet e os

responsáveis pela oferta desses serviços às bibliotecas dos IF já disponibilizam tutoriais e treinamentos *online*. Em relação ao catálogo eletrônico, busca-se remediar, através da disponibilização de informações e tutoriais para orientação dos usuários no ambiente eletrônico, a falta de atuação efetiva dos bibliotecários junto a esses sujeitos.

### 5.1.3 O discurso da ação educativa: dados da entrevista

#### 5.1.3.1 Sentido e significado do contexto histórico da educação profissional e o perfil educador do bibliotecário

Conforme mencionado no percurso metodológico, a princípio a pesquisa compreenderia 10 entrevistados. No entanto, em virtude da ausência de retorno de alguns profissionais às solicitações para participação na entrevista, foi possível entrevistar apenas seis bibliotecários, um bibliotecário e cinco bibliotecárias. Destes profissionais, cinco são coordenadores dos sistemas/redes de bibliotecas e um bibliotecário de *campus*. O QUADRO 3 a seguir apresenta um perfil dos entrevistados com informações referentes ao tempo de formação em Biblioteconomia, em relação aos cursos praticados na formação continuada e quanto ao tempo de trabalho nos respectivos IF.

Quadro 3 - Perfis dos entrevistados

DATA DA ENTREVISTA	ENTREVISTADO	TEMPO DE FORMAÇÃO	TEMPO DE INSTITUIÇÃO	FORMAÇÃO COMPLEMENTAR
25/03/2018	BIBLIOTECÁRIA 1	4 anos	3 anos e meio	Especialização: Educação Profissional e Tecnológica Mestrado: Mestranda em Educação Profissional e Tecnológica
28/03/2018	BIBLIOTECÁRIA 2	29 anos	23 anos	Graduação: Letras Especialização: Metodologia do Ensino e Gestão de Bibliotecas Mestrado: Linguística
10/04/2018	BIBLIOTECÁRIO 3	10 anos	8 anos	Especialização: Bibliotecas Mestrado: Comunicação
18/04/2018	BIBLIOTECÁRIA 4	17 anos	6 anos	Especialização: Gestão Pública
07/05/2018	BIBLIOTECÁRIA 5	13 anos	7 anos	Especialização: Gestão Pública e Gestão de Unidades de Informação Mestrado: Ciência da Informação
09/05/2018	BIBLIOTECÁRIA 6	12 anos	10 anos	Especialização: Metodologia do Ensino Superior Mestrado: Ciência da Informação

Fonte: Do autor, 2018.

Ressalta-se que a BIBLIOTECÁRIA 2 atua há 23 anos na instituição, tempo superior a existência dos IF que é de apenas 10 anos. Tal situação é plausível, já que a RFEPCT é formada por instituições antigas, a exemplo dos CEFET e outras, as quais deram origem aos IF. Como a mesma testemunhou algumas das principais mudanças e transformações no âmbito da educação técnica e profissional, sua visão, portanto, contribuiu com dados significativos para essa análise.

Acerca do **sentido e do significado do contexto histórico da educação profissional** para a ação educativa do bibliotecário, os entrevistados compreendem que conhecer essa historicidade faz diferença para o bibliotecário em sua ação educativa, tanto no âmbito institucional quanto no ambiente da biblioteca. A BIBLIOTECÁRIA 5 afirmou ser importante o conhecimento da estrutura, objetivos e finalidades da instituição, bem como do público que recebe, pois, estes aspectos acarretam impactos na ação educativa da biblioteca.

Nesse aspecto, a compreensão dos IFs em meio à historicidade da educação profissional e tecnológica contribui com os posicionamentos, ações e na prestação dos serviços informacionais, como salientaram dois entrevistados. A BIBLIOTECÁRIA 1 disse “a diferença na ação educativa se faz presente pelos rumos que tomamos, nossos posicionamentos e práticas diárias”. O BIBLIOTECÁRIO 3 destacou que conhecer a história da educação profissional possibilita não somente o conhecimento do público atendido, mas também permite a melhoria dos serviços, a partir dos interesses desses sujeitos.

As BIBLIOTECÁRIAS 2 e 6 enfatizaram que o conhecimento desse contexto histórico ajuda a compreender a estrutura e a dinâmica dos IF, principalmente para os novos profissionais, pois as bibliotecas das instituições da educação técnica e profissional tem uma dinâmica diferente das bibliotecas universitárias.

A compreensão do contexto de desenvolvimento da ação educativa também contribui com o sentimento de **ser educador** pelo bibliotecário e, nesse sentido, ambos os bibliotecários afirmaram serem educadores, principalmente em virtude do conhecimento, contato e orientação dos usuários quanto ao uso dos recursos informacionais. Entretanto, também salientaram que o curso de Biblioteconomia não prepara os bibliotecários para a atuação pedagógica no ambiente escolar, pois, conforme acentuou a BIBLIOTECÁRIA 6, “a gente começa a vivenciar isso quando está atuando”. Nesse sentido, apesar de se afirmar educadora,

a BIBLIOTECÁRIA 4 frisou que “[...] nossa formação é genérica, é uma formação que não nos capacita. Nós não temos nenhuma disciplina que tenha pedagogia ou técnicas de ensino, infelizmente”.

A BIBLIOTECÁRIA 2 se considera uma educadora nata por ser formada em Letras e por ter lecionado muitos anos, mas disse que sua formação em Biblioteconomia não a capacitou para o ensino, pois o curso “na época não formava pra função pedagógica não, pra ambiente escolar, só formava pra catalogar e classificar. Era muito técnico, bem técnico”. Com esse mesmo entendimento e complementando o exposto, a BIBLIOTECÁRIA 5 ressaltou que o curso é focado em questões técnicas e gerenciais da profissão, sendo necessária uma formação continuada para atuar na área de educação, seja em cursos de curta duração ou de pós-graduação. Sobre esse fato, exemplificou que a “oportunidade de ser tutora no curso de especialização em Bibliotecas Escolares da UFSC também colaborou para essa formação continuada”.

Para a BIBLIOTECÁRIA 1 sua formação não focou especificamente a ação pedagógica, porém se viu influenciada em muitos momentos acerca dessa perspectiva. Segundo explicitou, “a prática em bibliotecas e o contato e observação de outros profissionais e outras bibliotecas provavelmente teve maior influência do que o bacharelado em si, porém, sem ele, provavelmente o resultado teria ficado aquém do atual”. Já o BIBLIOTECÁRIO 3, destacou que o ambiente escolar demanda pelo papel educativo do bibliotecário, assim como este profissional também precisa “cultivar” esse sentimento dentro de si mesmo.

Por fim, considerando os aspectos que tornam o bibliotecário um educador, a BIBLIOTECÁRIA 6 fez uma ressalva quanto ao fato de que a função desempenhada no ambiente escolar também influencia em tal expectativa. Nesse aspecto enfatizou:

Quando eu atuava no *campus*, eu até me considerava uma educadora, no “tete a tete” constante com os alunos, desenvolvendo ações dentro da biblioteca que favorecesse essa questão de se tornar um educador. [...]. Hoje eu talvez não me considere assim uma educadora, precisamente porque todo o trabalho que eu faço é com foco primeiro no bibliotecário que está atuando no *campus*, esse que realmente vai ser educador, que está ali no contexto direto.

Por intermédio do que foi exposto, no QUADRO 4 foram elencados exemplos de atividades de orientação dos usuários que caracterizam o bibliotecário como um educador.

Quadro 4 - Atividades que caracterizam o bibliotecário como educador

ENTREVISTADO	ATIVIDADES
Bibliotecária 1	A introdução ao ambiente da biblioteca, [...] capacitação de grupos e individualmente; a discussão a respeito de livros e autores; promoção de eventos; projetos de extensão (grupo de estudo, clube de leitura); ações pontuais (ex.: caça aos ovos literária – cujo objetivo é conhecer o <i>campus</i> e serviços da biblioteca).
Bibliotecária 2	Sempre a gente fez muitas atividades relacionadas à leitura, [...], semana da biblioteca, várias atividades que eu acho é como educação. A gente já fez vários projetos também, projetos de extensão que a gente ofereceu aulas, por exemplo, na biblioteca, extraclasse com monitores, então, que acaba desenvolvendo trabalhos não exatamente de educador, digamos assim de professor, mas auxiliando na educação dos jovens.
Bibliotecário 3	Em relação as práticas educativas, assim é em questão de orientação, ministrar cursos, suporte de pesquisa, possibilidade de novas aprendizagens, estar de acordo com que é ensinado em sala de aula, fazer uma aproximação, trazer os docentes para integrar as ações da biblioteca.
Bibliotecária 4	É capacitação no acesso, organização da informação, como laboratório de pesquisa em bases de dados, orientação na elaboração de trabalhos acadêmicos, oficinas de leitura. Nos <i>campi</i> o pessoal trabalha muito com leitura em parceria com docentes, por exemplo o professor de língua portuguesa. Então, com certeza, a maioria dos bibliotecários tem assim uma ação educativa bem atuante, mas nem todos.
Bibliotecária 5	Realizo atividades ligadas ao ensino, pesquisa e extensão colaborando para qualificar esses projetos junto a professores e alunos, aprimorando o uso dos recursos informacionais, visibilizando o espaço da biblioteca para expandir conhecimentos, realizando atividades culturais que fazem ponte entre conteúdos da sala de aula e vivência de mundo. Orientação ao acervo; pesquisa bibliográfica; uso de bases de dados e acervo virtual; [...].
Bibliotecária 6	Quando eu estava na biblioteca gostava de desenvolver ações de formação mesmo, de estar orientando sobre ABNT, sobre redação, a gente atuava como produtor, realizava concurso de redação.

Fonte: Do ator, 2018.

Ainda em relação ao perfil educador, os bibliotecários entrevistados corroboraram os dados obtidos com a aplicação dos questionários e reforçaram que os cursos de Biblioteconomia não abordam, na formação dos mesmos, as questões pedagógicas, principalmente os conteúdos relativos à ação educativa. Essa ausência formativa termina por contribuir para com a construção do perfil mais tecnicista de alguns desses profissionais.

Em relação aos **saberes mobilizados na ação educativa**, os bibliotecários se identificaram com os saberes experiencial, atitudinal/comportamental e profissional, em detrimento do saber pedagógico, este não desenvolvido na formação em Biblioteconomia. A BIBLIOTECÁRIA 1 afirmou que “todos os saberes citados são importantes para o desenvolvimento da prática educativa, mas acredito especialmente que na prática em si, a experiência e a troca de experiências são essenciais”. Já a BIBLIOTECÁRIA 6 fez um paralelo entre os saberes pedagógico e profissional, onde evidenciou que:

Os cursos têm esse caráter tecnicista e aí isso dificulta muito a questão do pedagógico, principalmente, porque o curso molda o bibliotecário para atuar de uma forma geral. Eu acredito que até hoje realmente isso não tenha mudado não, eu acho que as universidades, os cursos estão focados pra questões práticas, técnicas da Biblioteconomia mesmo, não na questão pedagógica de atuar numa biblioteca escolar.

Ao falar dos aspectos que envolvem a interação com os sujeitos na escola, a BIBLIOTECÁRIA 4 evidenciou a necessidade de atualização como fator importante nesse processo. Também, salientou que dentre os saberes que dão base à atuação do bibliotecário, o profissional é essencial, principalmente para a oferta dos serviços informacionais.

Eu considero que o domínio dos fundamentos da Biblioteconomia é a base para o nosso trabalho, mas para além da capacidade técnica, é a capacidade de trabalhar colaborativamente, isso com a equipe pedagógica, com os professores, interação com os demais servidores do *campus*, com os discentes.

Dos saberes citados, o aspecto pedagógico é algo que o bibliotecário deve buscar através da formação continuada, principalmente porque os IF atendem um público diversificado. A esse respeito o BIBLIOTECÁRIO 3 destacou:

Você tem que ter essa didática para lidar com os alunos, porque a gente vive o contexto escolar e acadêmico, porque nos institutos você lida com alunos de quatorze anos até adultos [...]. Então a gente tem que atender um público diversificado. Então, a gente tem que ter essa prática educativa.

#### 5.1.3.2 As condições infraestruturais para o desenvolvimento da ação educativa

Em referência à **infraestrutura necessária ao desenvolvimento da ação educativa**, considerando-se as transformações no âmbito da estruturação *multicampi* dos IF, principalmente os desafios que se apresentam na constituição das novas unidades, a BIBLIOTECÁRIA 2 afirmou possuir todos os recursos necessários para a implementação das ações da biblioteca. No entanto, destacou como aspecto negativo em relação às proposições da biblioteca de âmbito institucional, o fato de não poder propor projetos sem a participação do professor.

Eu não posso coordenar projetos, mesmo que eu escreva projetos. Conforme eles avaliam o projeto, por exemplo conseguir monitores, alguma coisa assim, vale a titulação do professor. Assim, se eu quiser construir um projeto para biblioteca eu tenho que propor ele pra um professor. E eu não consigo desenvolver atividades de extensão sem a participação de professores.

Entretanto, a mesma revelou que com jeitinho consegue superar essa limitação, essa burocracia. “Mas há possibilidades da gente conseguir porque você vai aprendendo como lidar com essa estrutura, então, por exemplo, já escrevi projetos que eu convido professores para coordenar no papel. [...] se você é amigo, já é mais fácil”. (BIBLIOTECÁRIA 2).

As condições descritas pela profissional acima, no que se refere às condições infraestruturais, seriam as ideais para o desenvolvimento das ações bibliotecárias, porém, nem todas as bibliotecas dos IF possuem a infraestrutura necessária, seja humana, material, financeira e estrutural. Dos aportes necessários aos fazeres na biblioteca, o recurso humano é o que mais foi enfatizado pelos bibliotecários. Essa situação também é vivenciada pelo BIBLIOTECÁRIO 2, que disse trabalhar sozinho. “Então, eu faço o trabalho todo sozinho, eu poderia ter alguém aqui comigo, pra desenvolver, pra gente poder andar mais com os trabalhos. Isso um pouco nos limita, porque com a falta de pessoal a gente não consegue atacar todas as ações ao mesmo tempo [...]”. Com essa mesma percepção, a BIBLIOTECÁRIA 5 destacou que o quantitativo insuficiente de pessoal é o fator limitante para realizar mais ações e projetos educativos. Ainda ressaltou que:

Aumentam os cursos, os alunos, mas a equipe de biblioteca mantém a mesma e o bibliotecário precisa dar conta das atividades técnicas e gestão, além das educativas que acabam ficando muitas vezes em último plano. Não por falta de relevância, mas por priorizar a disponibilidade de acervo à comunidade escolar e por atividades burocráticas e administrativas com prazos a cumprir.

Além do recurso humano, a BIBLIOTECÁRIA 1 citou também que a burocracia e a escassez de recursos financeiros são desafios diários que as bibliotecas enfrentam para realizar suas ações. Para além dos aspectos supracitados, a BIBLIOTECÁRIA 4 observou também que outra condição limitante diz respeito a própria formação no curso de Biblioteconomia, que prepara profissionais generalistas. Contudo, notabiliza como possibilidades o aspecto da integração numa perspectiva multidisciplinar no *campus* para desenvolver ações conjuntas, o que requer atitude de iniciativa e visão sistêmica do ensino e da aprendizagem.

Os dados das entrevistas permitiram captar que a estruturação *multicampi* dos IF não é um dificultador ao desenvolvimento das ações educativas no âmbito das bibliotecas, como afirmou o BIBLIOTECÁRIO 3: “Mas assim, apesar de estarmos longe, hoje os aparatos tecnológicos nos aproximam. Então assim, eles compartilham as experiências deles, então, é a mesma coisa como se estivessem aqui do lado conversando. A estrutura tecnológica nos

permite esse contato”. Os entrevistados disseram que a união da equipe de bibliotecários e o compartilhamento das atividades numa perspectiva colaborativa superam as dificuldades existentes no tocante à infraestrutura humana, material, financeira e estrutural das bibliotecas. A tecnologia foi aludida como aliada nesse processo, conforme informações colhidas, suprimindo em parte o distanciamento espacial dos *campi* e os possíveis problemas decorrentes da ausência de um relacionamento pessoal mais aproximado entre os bibliotecários.

Dentro do contexto da infraestrutura de atendimento e prestação de serviços informacionais aos sujeitos, a **diversidade, inclusão, acessibilidade e ações educativas na biblioteca**, estes quesitos ainda precisam de melhor equalização, tanto pelas coordenações dos sistemas e redes de bibliotecas quanto por cada biblioteca em particular. A respeito dos sujeitos em processo de aprendizagem escolar e dos cursos ofertados, a diversidade é a característica principal dos IF, visto que estas instituições disponibilizam cursos nos vários níveis de ensino, desde a educação básica - ensino médio, ensino técnico, médio e técnico integrados, EJA e de formação inicial e continuada (FIC) - até o ensino superior - graduação, licenciatura, bacharelado e de tecnologia, pós-graduação *lato e stricto sensu*, assim como cursos superiores na modalidade EaD -. Nesta variedade de cursos, a pluralidade de sujeitos é igualmente marcante. São adolescentes e jovens cursando a educação básica, adultos em defasagem de aprendizagem nos cursos EJA, sujeitos em busca de qualificação nos cursos FIC e adultos cursando a graduação e a pós-graduação. Destaca-se ainda, nesse contexto, os sujeitos da EaD, que em alguns casos específicos superam em número os alunos regulares.

No âmbito da EaD, as bibliotecas não oferecem serviços informacionais direcionados e/ou específicos aos sujeitos dessa modalidade de ensino, em virtude da ausência de infraestrutura, principalmente de bibliotecas para a regularidade na prestação dos serviços informacionais nesse âmbito. Salienta-se, na visão dos bibliotecários, que a acessibilidade às bibliotecas fica prejudicada a essa parcela da comunidade escolar. Acerca das dificuldades de aproximação da biblioteca com os sujeitos da EaD, o BIBLIOTECÁRIO 3 destacou:

Sobre os cursos da EaD, a gente não desenvolve [serviços informacionais e ações educativas], a gente até pensou em desenvolver, mas devida a questão de estrutura mesmo a gente não consegue atender os alunos da EaD [...]. **Eles [direção/coordenação] também agora estão redefinindo o que é a EaD aqui no instituto porque eles fizeram muitos cursos e os cursos não eram reconhecidos. Então, a gente não desenvolve nada pra EaD, a gente não conhece a realidade dos nossos alunos**, porque não foi passada essa questão, a gente não tem conhecimento das demandas da EaD.

Sobre o conhecimento das necessidades informacionais dos sujeitos da EaD, a BIBLIOTECÁRIA 4 reconhece que as únicas informações sobre a modalidade vêm da leitura dos projetos pedagógicos de cursos (PPC) ofertados, porém, sabe que as bibliotecas não são plenamente acessíveis e que não há serviços informacionais específicos aos mesmos.

A “inexistência” ou mesmo a “desconsideração” de se contemplar os sujeitos da EaD não decorre de única opção das bibliotecas, mas de toda a conjuntura dos IF. O que é possível às bibliotecas fazerem restringe-se aos sujeitos do ensino regular. Conforme ponderou a BIBLIOTECÁRIA 1, todos os esforços empreendidos na biblioteca são direcionados aos alunos regulares. “Infelizmente, por conta da escassez de recursos humanos, centro minhas atividades no ensino médio integrado ao técnico”.

O planejamento de ensino da modalidade EaD não conta com a participação dos profissionais da biblioteca, o que justifica em parte a não contemplação dos sujeitos da modalidade pelos serviços informacionais ofertados aos sujeitos do ensino regular. No entanto, as coordenações das bibliotecas terão que iniciar essa discussão no âmbito dos respectivos IF, conforme explicitou a BIBLIOTECÁRIA 6. Outro aspecto é que bibliotecas e bibliotecários específicos para atendimento aos sujeitos da EaD é raridade no contexto dos IF. As iniciativas nesse sentido são ínfimas, levando-se em consideração as trinta e oito instituições existentes no país com seus diversos *campi* e a quantidade significativa de alunos em aprendizagem. Contudo, é uma questão que demanda planejamento institucional, onde as coordenações das bibliotecas devem ser parte integrantes desse processo. De acordo com o mencionado pela BIBLIOTECÁRIA 5, “temos o Centro de Referência em Formação e EaD desde 2014, mas apenas em 2017 recebeu uma bibliotecária que ainda está incipiente em suas ações”.

No QUADRO 5 a seguir foram relacionadas as iniciativas, em termos de serviços informacionais virtuais - bibliotecas e bases de dados - em cada um dos IF da amostra da fase da coleta de dados. Tais serviços, apesar de extensivos aos sujeitos EaD, foram pensados e planejados em virtude das demandas dos sujeitos do ensino regular. Ressalta-se que diferentemente e complementar ao mencionado no percurso metodológico, o IFGoiano e o IFBA figuram na apresentação dos dados seguintes em virtude do não retorno do contato dos bibliotecários de algumas das instituições selecionadas, quando da marcação das entrevistas.

Quadro 5 - Bibliotecas e bases dados virtuais

INSTITUIÇÃO	Nº DE BIBLIOTECAS	BIBLIOTECA PARA EaD	BIBLIOTECA VIRTUAL	BASES DE DADOS
IFAM	15 bibliotecas	NÃO	Sem Informação	Periódicos Capes ABNT
IFBA	22 bibliotecas	NÃO	Biblioteca Virtual Ebrary Biblioteca Virtual Cengage	Periódicos Capes ABNT
IFCE	30 bibliotecas	NÃO	Biblioteca Virtual Universitária	Periódicos Capes
IFG	14 bibliotecas	NÃO	Sem Informação	Periódicos Capes Repositório Digital
IFGoiano	13 bibliotecas	NÃO	Sem Informação	Periódicos Capes Portal de Periódicos do IF Goiano
IFSP	37 bibliotecas	NÃO	Sem Informação	Periódicos Capes ABNT
IFPR	25 bibliotecas	SIM	Sem Informação	Periódicos Capes ABNT

Fonte: Do autor, 2018.

No que se refere à inclusão, aspecto também relativo à pluralidade de sujeitos em aprendizagem nos IF, os bibliotecários argumentaram saber da existência na instituição de pessoas com algum tipo de deficiência, seja física, intelectual, visual e auditiva. A BIBLIOTECÁRIA 2 citou que há a intermediação por parte do núcleo de atendimento às pessoas com deficiência em sua instituição, bem como as bibliotecas possibilitam a mobilidade das pessoas com deficiência física, possui computadores com programas para acesso das pessoas cegas, etc. Entretanto, afirmou que nem todos os requisitos relativos à legislação são atendidos pelas bibliotecas, principalmente, a capacitação dos profissionais para atendimento desses usuários.

**Mas a gente não tem nenhum atendente que tem desenvoltura em Libras ou qualquer outra atividade.** A gente tem treinamentos na instituição, oferece aulas, a instituição oferece cursos, a gente já teve semana de inclusão para os servidores, para conhecer as diferenças, tudo isso, **mas a gente não tem pessoas habilitadas, digamos, que é uma dificuldade.** [...], mas a gente não consegue atender toda a legislação. **É uma questão, assim, pro futuro.** A gente precisa, mas a instituição está preocupada.

A dificuldade de comunicação entre o núcleo de apoio aos deficientes e a biblioteca, porém não é extensivo a todas as unidades, foi relatada pelo BIBLIOTECÁRIO 3. Ainda acrescentou a dependência da instituição para a aquisição de materiais para implementação de ações inclusivas, fato que limita em parte a proatividade da biblioteca. Assim disse: “a gente tenta

minimizar os efeitos que essas pessoas poderiam ter, até evitar o constrangimento, porém a gente não tem estrutura completa pra atender do jeito que ele se sinta autônomo dentro da biblioteca”. Sobre a sensibilização e envolvimento institucional nas questões de acessibilidade e inclusão, a BIBLIOTECÁRIA 4 disse que sua instituição tem apoiado a aplicação dos requisitos legais acerca da temática, mas reconhece que a situação ainda está longe do ideal.

A BIBLIOTECÁRIA 1 revelou sua preocupação com a capacitação dos profissionais para acolhimento às pessoas com deficiência, inclusive a sua própria formação nessa questão. Contudo, assim como os demais, reconheceu as deficiências institucionais e a necessidade de melhoria constante para atendimento às normas. A BIBLIOTECÁRIA 5 acrescentou a preocupação com a disponibilidade de recursos financeiros e o quantitativo reduzido de pessoal para implementação das políticas de inclusão, mas a expressão da realidade ficou por conta da BIBLIOTECÁRIA 6, quando confidenciou:

A gente tem casos de alunos com necessidades inclusivas, mas a gente não tem ainda um trabalho voltado pra essa área. Acho que não só a biblioteca, o *campus* como um todo. Na própria avaliação do MEC é um “corre corre”, não tem o piso tátil, sempre falta alguma coisa, um banheiro acessível e a biblioteca vai pelo mesmo caminho. A gente não tem softwares específicos pra atender alguns tipos de usuários.

No tocante ao **estudo de usuários e avaliação dos serviços** que poderiam versar sobre as necessidades informacionais dos sujeitos, em geral as bibliotecas não realizam estudos de usuários para identificação das necessidades informacionais dos usuários, nem mesmo avaliam a efetividade dos serviços informacionais prestados. Estas ações são pontuais e dependem da iniciativa individual em cada contexto. Segundo a BIBLIOTECÁRIA 5, as ações em cada biblioteca apresentam resultados mais pertinentes e condizentes com a realidade, apesar de já haver realizado estudo de âmbito institucional.

Sobre a realização de estudo de usuários, a BIBLIOTECÁRIA 6 revelou ter realizado tal estudo, porém, nem todas as bibliotecas do sistema se empenharam na divulgação do estudo juntos aos usuários quando da iniciativa no âmbito do seu IF. Situação parecida foi informada pelo BIBLIOTECÁRIA 3, que disse ter tentado realizar um estudo de âmbito institucional, contudo, não obteve êxito devido à falta de adesão das bibliotecas, o que comprometeu a iniciativa. Outros bibliotecários disseram haver iniciativas individuais e pontuais em alguns

*campi*, mas nada com o rigor exigido nesse tipo de atividade, ou seja, objetivou-se apenas colher impressões dos usuários acerca de alguma atividade desenvolvida.

Assim, ficou perceptível, através dos relatos advindos dos dados coletados, a necessidade do bibliotecário dar melhor visibilidade ao seu trabalho no contexto da biblioteca, através da proposição de atividades além daquelas habituais, de modo a melhor evidenciar a importância do seu papel e da biblioteca na vida escolar dos sujeitos em aprendizagem. Com essa perspectiva de ação, salienta-se que a prerrogativa do planejamento de ações de avaliação dos serviços disponibilizados aos usuários, assim como a avaliação de demandas objetivando adequar as ações da biblioteca às necessidades dos sujeitos no curso do processo educativo.

Resguardadas a autonomia e as especificidades das bibliotecas quanto à proposição e desenvolvimento das suas atividades de educação de usuários, bem como superadas as situações desafiadoras inerentes ao cotidiano das bibliotecas e do contexto escolar dos IF, os sistemas/redes de bibliotecas têm conseguido dar andamento às ações relativas às bibliotecas propostas no plano de desenvolvimento institucional, como revelaram os bibliotecários.

#### *5.1.3.3 Participação da biblioteca no planejamento escolar*

Quanto à **participação da biblioteca no planejamento escolar**, esta é uma questão que varia em cada *campus* para *campus*. A BIBLIOTECÁRIA 5 expressou que um contato mais aproximado do bibliotecário com os diretores de ensino e professores contribuem para incluir as questões da biblioteca no planejamento do ensino escolar. A iniciativa do bibliotecário é importante nesse processo, o mesmo deve mostrar sua importância e da biblioteca para a aprendizagem, assim como trabalhar no sentido da inclusão no planejamento escolar. Visando-se essa perspectiva, a participação nas reuniões pedagógicas foi destacada pelos bibliotecários entrevistados, corroborando os dados do questionário.

Na perspectiva do ideal, a biblioteca ainda não se encontra presente nos processos pedagógicos escolares, portanto, a proatividade do bibliotecário é essencial para que a biblioteca tenha assento nesse espaço de discussão, conforme pontuaram os BIBLIOTECÁRIOS 2 e 3.

A gente faz muita atividade pra, digamos, as pessoas poderem visualizar como um todo a biblioteca. Mesmo a nível da diretoria de todas as bibliotecas a gente faz relatórios, mostra a quantidade de utilização, de investimentos, a gente trabalha muito com a visualização da biblioteca [...]. (BIBLIOTECÁRIA 2).

Olha, até poucos meses atrás a gente não tinha espaço, mas a gente tem que se fazer presente, ne!?. Se fazer presente nessas ações. Assim, aqui o jeito pra gente conseguir ganhar espaço foi indo nas reuniões de colegiado que tem os gestores, pedir pra eles incluírem a bibliotecas nessas discussões educativas. [...] A gente faz o planejamento e apresenta lá para o pessoal, mas a gente já tem espaço nas semanas pedagógicas que tem todo início de semestre, a gente já consegue ter esse espaço lá. A gente já consegue colocar umas datas importantes nossas no calendário acadêmico e escolar também. Então, a gente já conseguiu um espaço, essa inclusão da biblioteca nas discussões pedagógicas da instituição, sim. (BIBLIOTECÁRIO 3).

Não há uma “receita” pronta para visibilizar as bibliotecas no contexto escolar dos IF e, nesse sentido, demanda-se do bibliotecário traçar suas próprias estratégias de ação de acordo com as necessidades percebidas no espaço escolar. Como estratégias para dar visibilidade à biblioteca, os bibliotecários citaram estabelecer parcerias com coordenadores de curso e docentes para realizar ações conjuntas e para efetivar as atividades de educação quanto ao uso dos recursos informacionais disponíveis. As ações educativas são instrumentos para o fortalecimento dos vínculos com os sujeitos no ambiente escolar. As redes sociais também são utilizadas como estratégia de aproximação entre a biblioteca e os usuários, conforme citou a BIBLIOTECÁRIA 4, visto que são “veículos” de divulgação das novas aquisições, serviços, eventos, assuntos culturais e outras temáticas de interesse da comunidade escolar.

#### *5.1.3.4 Formação do bibliotecário para a ação educativa*

Um aspecto importante e que culmina com a articulação de tudo que foi pontuado, é o referente à **formação do bibliotecário para a ação educativa**. Como já foi exposto pelos bibliotecários, os cursos de Biblioteconomia no Brasil por privilegiarem os aspectos técnicos do tratamento, organização e disponibilização da informação, acabam por não abordar as especificidades da prática pedagógica na formação do bibliotecário para o exercício da sua profissionalidade no ambiente escolar.

No contexto do trabalho, a formação para a ação educativa não é a centralidade das ações de capacitação dos bibliotecários no âmbito dos sistemas/redes de bibliotecas. Consoante às informações fornecidas pelos entrevistados, o cerne das preocupações dos momentos de discussão é referente à estruturação e fortalecimento das bibliotecas no ambiente escolar, a

formulação de políticas e regulamentos de uso do acervo e do espaço, a gestão das unidades bibliotecárias, a aquisição de materiais informacionais e a informatização do acervo, etc.

Essas perspectivas orientaram a formação dos grupos de trabalho para discussão dessas e outras questões referentes às bibliotecas, de acordo com o relatado pelos bibliotecários e conforme frisou a BIBLIOTECÁRIA 2.

Enquanto sistema, **a gente trabalha com ações coletivas, então a gente trabalha com grupos de estudo, digamos assim, comissões de estudo temático**, então a gente tem uma comissão que é de coordenação de uma bibliotecária de outro *campus* que é de ações culturais. E a gente trabalha com algumas ações coletivas em todas as bibliotecas, a semana da biblioteca e algumas outras ações. [...]. Além disso, a gente tem participado de eventos, digamos assim, incentiva a participação em eventos relacionados à formação de bibliotecários, algumas coisas até online, treinamentos online [...].

Ressalta-se que a pesquisa possibilitou o despertar da atenção dos bibliotecários quanto à formação dos mesmos para a ação pedagógica no âmbito dos sistemas/rede de bibliotecas. As palavras da BIBLIOTECÁRIA 4 corroboram essa afirmação:

Achei bem interessante o questionário, tem algumas coisas assim que me deixaram, eu falei, “o que?”. Foi bem interessante, até para a gente refletir, principalmente em relação à ação educativa. Eu achei bem interessante a abordagem, a gente sempre nas nossas conversas, mas informalmente, considera que a gente também é educador. Mas por exemplo, eu nunca tinha refletido a respeito da possibilidade de uma qualificação em relação a ações pedagógicas. Então, foi bem interessante e colaborou muito com minha reflexão, sabe.

Os dados apresentados até aqui, os quais foram coletados na pesquisa documental e na aplicação dos questionários e das entrevistas, permitiram delinear e compreender o contexto de inserção e atuação dos bibliotecários, contexto esse de alguns desafios e demandas - institucionais, educacionais, sociais etc., mas também de grandes possibilidades, visto congregar realidades distintas (multicampia), pluralidade de cursos e perspectivas formacionais na educação verticalizada - ensino técnico e superior - e diversidade de sujeitos - alunos, professores, funcionários e a comunidade.

## **5.2 A ação educativa do bibliotecário: dados em discussão**

Conforme já mencionado no percurso metodológico, a discussão dos dados acerca da ação educativa dos bibliotecários no âmbito dos sistemas/redes de bibliotecas dos IF apresentados

no tópico anterior, em virtude da pesquisa documental e do uso das ferramentas questionário e entrevistas, está ancorada em três eixos principais: da perspectiva institucional, da visão do bibliotecário e da perspectiva da ação pedagógica.

### 5.2.1 Da perspectiva institucional

#### 5.2.1.1 *O sentido e significado da organização das bibliotecas*

Conforme já apresentado, no âmbito dos trinta e oito IF existem quatorze sistemas e quatro redes de bibliotecas, estruturação de acordo com o entendimento dos seus proponentes. Embora os sistemas/redes de bibliotecas sejam compreendidos como organizações semelhantes por muitos sujeitos, Varela Orol, Garcia Melero e Gonzalez Guitian (1988) entendem que apresentam sentidos diferentes. Os mesmos entendem os sistemas de bibliotecas enquanto organismos compostos de unidades - bibliotecas - pertencentes a uma mesma estrutura organizacional e hierarquicamente dependentes de uma unidade administrativa, com objetivos e planejamento comuns. Já as redes de bibliotecas são referentes ao conjunto de bibliotecas conectadas, trabalhando de modo cooperativo e integrado, onde cada uma mantém sua autonomia administrativa.

Na perspectiva das definições dos autores supracitados e independentemente das especificidades e intencionalidades que orientaram a criação dos sistemas/redes de bibliotecas no âmbito dos IF, percebe-se que em ambos os casos estas estruturas podem ser compreendidas enquanto redes, visto que essas organizações em sua constituição são apenas órgãos consultivos, já que da perspectiva administrativa dos sistemas/redes de bibliotecas as unidades que lhes são subordinadas são autônomas. Esta autonomia é em virtude da estruturação *multicampi* dos IF, onde os *campi* possuem autonomia em sua gestão, bem como na aplicação dos seus recursos. Assim, as bibliotecas como parte da estrutura de cada *campus* são dependentes das suas direções gerais quanto à percepção de recursos, sejam humanos, materiais e financeiros. Portanto, diferentemente da organização no contexto universitário, nos IF as bibliotecas não são administrativamente e hierarquicamente subordinadas política e administrativamente às coordenações dos sistemas/redes de bibliotecas, mas sim aos respectivos *campi*.

Essa condição de autonomia pôde ser observada nos documentos que regulam a constituição dos sistemas/redes de bibliotecas. Para ilustração do exposto, a seguir são apresentados alguns trechos de normativas de algumas das instituições componentes da amostra dessa pesquisa:

Art. 1º. O Sistema de Bibliotecas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), doravante denominado SIBI, diretamente vinculado à Pró-Reitoria de Ensino [...]. **Art. 4º. O Sistema de Bibliotecas é subordinado, tecnicamente, ao Departamento de Bibliotecas – PROEN.** [...]. **Art. 8º Todas as bibliotecas dos *campi* estarão subordinadas, administrativamente, ao dirigente ou coordenador de Ensino do *campus* a que pertence e, tecnicamente, ao Departamento de Bibliotecas.** (IFCE, 2015).

Art. 1º. O presente Regulamento tem como objetivo regulamentar as atividades e rotinas dos serviços prestados pelas Bibliotecas do Sistema Integrado de Bibliotecas (SIBi) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), a fim de garantir o melhor desempenho das bibliotecas. [...]. **Art. 4º. As Bibliotecas serão subordinadas administrativamente à Diretoria Geral de cada *campus* e vinculadas tecnicamente à Coordenação Geral de Bibliotecas (CGBiblio).** (IFRJ, 2017).

Art. 1º O Sistema de Bibliotecas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (SiBIFRS) é composto pelo conjunto de bibliotecas do IFRS, [...], órgão vinculado à Pró-Reitoria de Ensino do IFRS (Proen) [...]. **Art. 13 As bibliotecas que compõem o SiBIFRS funcionarão de forma integrada, buscando a padronização da gestão, dos procedimentos internos e dos serviços disponibilizados. Art. 14 As bibliotecas serão mantidas com recursos orçamentários de cada *campus*, podendo também receber doações e estabelecer convênios e parcerias com instituições afins.** (IFRS, 2017).

O surgimento dos sistemas/redes de bibliotecas abordados nessa pesquisa acompanhou o contexto de transformações da RFEPCCT que culminou com a criação dos IF em 2008. Portanto, suas identidades, finalidades, objetivos e metas estão atrelados e refletem os interesses institucionais e educacionais dos IF aos quais estão vinculados. Comumente, a criação de sistemas e redes bibliotecárias visa sobretudo a hierarquização e subordinação administrativa e financeira das unidades bibliotecárias, na perspectiva da integração, cooperação, economicidade e padronização de processos em torno de metas e objetivos comuns.

A criação de sistemas/redes de bibliotecas, no caso dos IF, visou sobretudo a padronização de processos e procedimentos técnicos relativos à informação, em virtude da autonomia das unidades bibliotecárias. Nessa visão, essas organizações apenas compartilham políticas de desenvolvimento de acervo, sistema de gestão de acervo - software -, manuais e normas de circulação dos materiais comuns. Essa afirmativa também foi confirmada por Santos (2017, p. 71) em sua pesquisa de mestrado acerca da regulamentação e organização das bibliotecas no

âmbito dos IF, que apontou, “a estruturação em Sistema de Biblioteca (SIBI) surge da necessidade de integrar bibliotecas, haja vista que, embora localizadas em *campi* diferentes, são parte de uma mesma instituição”.

Em linhas gerais, de acordo com os documentos normativos desses sistemas/redes de bibliotecas, os objetivos que nortearam a constituição dessas organizações foram:

- ✓ Implementar uma gestão integrada e em rede;
- ✓ Coordenar as políticas e ações relativas às bibliotecas;
- ✓ Possibilitar a interação das bibliotecas com os demais segmentos institucionais;
- ✓ Adotar padrões unificados de funcionamento;
- ✓ Viabilizar a integração com as redes de cooperação existentes e firmar parcerias interinstitucionais;
- ✓ Adotar padrões e critérios de organização e administração de sistemas de informação;
- ✓ Possibilitar a criação de repositórios institucionais;
- ✓ Otimizar os serviços e produtos informacionais;
- ✓ Oferecer suporte informacional às atividades de ensino, pesquisa e extensão;
- ✓ Aprimorar os instrumentos de disseminação e uso da informação;
- ✓ Aprimorar continuamente a qualidade do atendimento por meio do compartilhamento de serviços e produtos;
- ✓ Estabelecer padrões para as publicações técnico-científicas da instituição, etc.

Para além das motivações técnicas apontadas, a organização das bibliotecas fundamenta-se no abandono do trabalho isolado em direção a uma perspectiva integrativa e cooperativa frente ao contexto estrutural *multicampi* dos IF, ante às transformações dos processos informacionais e dos avanços tecnológicos que possibilitam a economia de esforços e o compartilhamento de dados/informações e serviços.

Importa-se destacar que a iniciativa pela constituição dos sistemas/redes de bibliotecas não é fruto de políticas institucionais ou da sensibilidade dos gestores que compreendem a importância da biblioteca para a educação, mas sim do desejo dos próprios bibliotecários. Estes profissionais compreendem a importância e o papel das bibliotecas no processo de aprendizagem dos sujeitos, principalmente na educação técnica e profissional, onde a valorização de conteúdos técnicos das profissões são mais evidenciados que conteúdos sócio-

histórico-culturais. Considerando-se as especificidades do contexto de criação dos IF, sua estruturação *multicampi*, as demandas informacionais dos sujeitos e etc., o intuito dos bibliotecários com a estruturação das bibliotecas em sistemas/redes foi o fortalecimento da identidade e a visibilidade desses espaços no contexto escolar, num esforço de inseri-los no planejamento dos processos de ensino-aprendizagem.

Os dados das entrevistas também possibilitaram apreender que a compreensão por parte dos bibliotecários do processo de transformação da educação técnica e profissional, que culminou com a criação dos IF, também se fez importante na constituição dos sistemas/redes de bibliotecas. Essa compreensão contribuiu com as discussões acerca da direcionalidade das decisões em meio às demandas dos sujeitos frente às transformações educacionais, sociais e do trabalho. Ao mesmo tempo, também foi uma aprendizagem estar e compartilhar experiências com aqueles profissionais que, assim como os IF, também passaram por todas as mudanças educacionais e estruturais. O trecho a seguir reforça a visão dos bibliotecários quanto ao sentido e significado que esse histórico representa para os entrevistados.

Sim, possibilita compreender a estrutura, os objetivos e finalidades da instituição, bem como o público que recebe. Enquanto biblioteca, a história da instituição e seus objetivos impactam diretamente a atuação educativa. É comum discutir se somos biblioteca escolar ou universitária. Há quem diga que somos híbridas ou multiníveis por atender um público heterogêneo. (BIBLIOTECÁRIA 5).

Reitera-se que a compreensão do ideal de sistema/rede de bibliotecas é uma dimensão a ser apreendida pelos bibliotecários, com vistas à inserção efetiva das bibliotecas no contexto escolar, portanto, um dos desafios a ser equacionado pelos bibliotecários. Ressalta-se que a inserção da biblioteca no planejamento do ensino-aprendizagem é uma das faces da política sistêmica, bem como essa inserção depende do planejamento e implementação das ações educativas de usuários que proporcionem uma aproximação com a biblioteca. Consequentemente, essa aproximação possibilita a valorização desse espaço no contexto do ensino-aprendizagem. Entretanto, a autonomia administrativa e didático-pedagógica dos *campi* na estrutura *multicampi* dos IF demanda a reflexão em torno da ideia de sistema, já que não há uma dependência total das partes a uma administração central. Este aspecto impacta diretamente as bibliotecas, que ao mesmo tempo precisam compreender e assimilar esse contexto em seus processos, principalmente na sua inserção institucional.

### 5.2.1.2 Dos desafios das bibliotecas

Os desafios enfrentados pelas bibliotecas no contexto dos IF são semelhantes aos desafios de outros contextos institucionais em sua incursão no ambiente ao qual estão inseridas, compreendidas as especificidades do contexto escolar. Do ponto de vista institucional, um desafio que se apresenta às bibliotecas em sua atuação no contexto *multicampi* dos IF, diz respeito à compreensão e incorporação da dimensão de trabalho sistêmica. Conforme apresentado no referencial teórico, Donaires, (2014, p. 7) alerta para o ingênuo equívoco de confundir o uso de algum tipo de abordagem sistemática com visão sistêmica. Ao mesmo tempo, como um sistema aberto e sujeito às influências ambientais que mudam constantemente, Maciel e Mendonça (2000, p. 5) dizem que as organizações não podem sobreviver na dependência das variações ambientais. Espera-se, nesse sentido, que as bibliotecas se adaptem às mudanças, mas sem deixar de preservar uma regularidade estrutural frente às incertezas do ambiente.

Assim, entende-se que as coordenações das bibliotecas precisam ter clareza em seus horizontes e foco quanto ao seu espaço de atuação, no sentido de se atentarem para as especificidades e demandas dos *campi* referentes às condições infraestruturais, assim como as características locais/regionais onde os IF estão inseridos. Além de questões da estrutura *multicampi* dos IF, questões essas relativas a interesses organizacionais quanto às concepções institucionais e interesses dos grupos no espaço escolar, a gestão sistêmica das bibliotecas precisa também equacionar os problemas internos às bibliotecas para sua organização, planejamento, controle, operação e funcionalidade.

Na perspectiva da atuação efetiva em cada contexto escolar, os problemas enfrentados pelas bibliotecas no dia a dia de trabalho são variados e geralmente comuns a ambas as unidades, conforme relatado pelos entrevistados. Sublinha-se que entre os principais problemas vivenciados nas bibliotecas, na visão dos bibliotecários, destacam-se:

- ✓ Falta de recursos humanos;
- ✓ Falta de capacitação profissional;
- ✓ Ausência de cooperação em ações conjuntas;
- ✓ Inadequação das condições de acessibilidade e inclusão, etc.

Um quadro sintético detalhando os principais problemas evidenciados pelos bibliotecários no cotidiano de trabalho, de acordo com cada contexto, está apresentado no APÊNDICE C, os quais também se apresentam como desafios à gestão das bibliotecas e ao desenvolvimento das ações educativas empreendidas para atendimento e capacitação dos usuários. Ressalta-se ainda que tais problemas são acentuados em virtude do processo de expansão da educação profissional em 2008 com a criação dos IF. A expansão em si não é o problema, mas sim a falta de planejamento desse processo, já que muitas unidades dessas novas unidades não possuem infraestrutura adequada - espaço físico, recursos humanos e materiais, etc. - para o desenvolvimento do projeto educativo, dependendo em muitos casos do apoio de governos locais para cessão de espaço para o funcionamento provisório dos cursos. Soma-se a isso a falta de uma identidade sólida que caracterize toda a instituição, aspecto complicado devido ao grande número de *campus* que compõe cada IF e as realidades locais/regionais de inserção dessas unidades. Entretanto, salienta-se que apesar dos problemas que ora são evidentes, essa parceria é importante em virtude do compromisso dessas unidades escolares em articulação com forças locais para o enfrentamento das desigualdades regionais e sociais.

Em relação aos problemas apontados, apesar de serem comuns às rotinas dos sistemas/redes de bibliotecas, os mesmos não podem ser generalizados, já que cada realidade apresenta demandas específicas e estes problemas se mostram as vezes pontuais em uma dada realidade, assim como de fácil resolução pelos bibliotecários. Aqueles problemas que fogem ao controle dos bibliotecários e que são relativos à infraestrutura dos *campi* são mais complexos e de resolução a longo prazo. Contudo, conforme mencionado pelos bibliotecários, as coordenações dos sistemas/redes de bibliotecas têm orientado os profissionais na execução do planejamento anual das ações que demandam uma infraestrutura básica para o funcionamento das bibliotecas. Em relação à infraestrutura física e material, os bibliotecários relataram que a maioria das bibliotecas possui as condições mínimas e necessárias às condições de funcionalidade e acessibilidade, em razão da expansão das instalações nos últimos. Mesmo nos *campi* novos, as bibliotecas possuem espaços adaptáveis à realidade do seu contexto, mesmo que não ideais. Portanto, apesar de contraditório, a infraestrutura não se apresentou como um problema ao desenvolvimento das ações educativas da/na biblioteca junto à sua comunidade escolar.

Acerca da falta de pessoal, problema que desafia o bom desenvolvimento das ações bibliotecárias, conforme apurado junto aos entrevistados, essa é uma situação recorrente em

todas as bibliotecas, não exclusiva destes setores, mas de todo o contexto institucional. O déficit de profissionais é devido em grande parte à estruturação de muitos IF, visto que a criação de novas unidades se deu sem um planejamento prévio, conforme já mencionado. A priorização em muitos casos da infraestrutura física e material dos *campi* para seu funcionamento desencadeou impactos nos demais processos, visto que os recursos humanos ficaram em segundo plano, principalmente no contexto das bibliotecas. Esse processo refletiu nas ações das bibliotecas, conforme relato pelos profissionais. A fala do BIBLIOTECÁRIO 3 retrata essa situação: “Isso um pouco nos limita, porque com a falta de pessoal a gente não consegue atacar todas as ações ao mesmo tempo, a gente tem que priorizar umas coisas e deixar outras. A falta de pessoal impacta nos serviços prestados”. Assim, há um prejuízo nas atividades de atenção aos usuários, já que o trabalho na biblioteca gira em torno do básico, ou seja, no empréstimo e na devolução, segundo a BIBLIOTECÁRIA 4.

Todavia, os bibliotecários também disseram que os problemas cotidianos não impedem que as ações das bibliotecas aconteçam. A falta de pessoal deve ser encarada com boa vontade, criatividade e trabalho efetivo, aspecto destacado pela BIBLIOTECÁRIA 6:

**Mesmo assim acho que as pessoas conseguem desenvolver, precisa de um pouco mais de boa vontade também pra desenvolver ações, mesmo com todas as dificuldades.** Eu acho que falta muito mesmo é a ação humana, mas se a pessoa tem essa vontade de estar intermediando entre as áreas, professores das áreas pedagógicas num projeto[...]. **A gente tem bibliotecários aqui que desenvolvem ações bacanas** assim nos *campi*, feiras de livros, exposição, cineminha, várias coisas e tem outros que não fazem nada o ano todo. **Desde que quem está ali na frente e queira realmente participar, se integrar com outras áreas,** eu acho que dá pra fazer.

Sobre a sistematização das atividades para a dinamização das bibliotecas, Limas (2015) observou em sua pesquisa junto a alguns sistemas de bibliotecas escolares municipais que esta ação é mais complicada que a padronização dos processos técnicos de tratamento da informação. Este fato também foi constatado nesta pesquisa quando da análise dos dados acerca do trabalho equitativo nos sistemas/redes de bibliotecas no âmbito dos IF. A autonomia, aspecto característico dos *campi* dos IF, assim como das respectivas unidades de informação em relação à dependência das coordenações dos sistemas/redes de bibliotecas, é um fator que colabora por dificultar o processo de sistematização de algumas ações, principalmente as de cunho educativo. Nesse sentido, os bibliotecários compreendem que não há como impor um padrão de trabalho único para que as ações sejam realizadas. Em virtude da autonomia e em relação às especificidades de cada biblioteca, a imposição de uma

padronização dos processos bibliotecários poderia estremecer as relações entre os bibliotecários e terminar por atrapalhar a implementação das ações numa perspectiva sistêmica. No entanto, os relatos dos bibliotecários evidenciaram que, apesar das especificidades de cada contexto, o trabalho de sensibilização das coordenações dos sistemas/redes de bibliotecas com todos os bibliotecários tem resultado em efeitos positivos, possibilitando a apropriação pelos *campi* das propostas apresentadas, bem como fortalecendo as estratégias de inserção das bibliotecas no ambiente institucional.

Considerando-se o pouco tempo de constituição dos sistemas/redes de bibliotecas no contexto dos IF, a pesquisa possibilitou constatar que as coordenações dessas organizações são conscientes dos esforços a serem empreendidos na gestão das bibliotecas, bem como também são otimistas quanto a integração das unidades bibliotecárias em relação à mudança da cultura de isolamento e individualização de trabalho. Com a estruturação *multicampi* e a criação dos sistemas/redes de bibliotecas em algumas realidades, torna-se evidente a necessidade de uma nova aculturação, na perspectiva da integração e cooperação acerca do planejamento conjunto das ações a serem executadas, de modo a possibilitar o contorno de alguns problemas enfrentados pelas bibliotecas, que se apresentam ora gerais/pontuais.

Observadas suas singularidades e características dos IF, em virtude dos cursos e da diversidade de alunos atendidos, aventou-se no planejamento desta pesquisa que o fator *multicampi* poderia ser um empecilho ao trabalho na perspectiva sistêmica no âmbito das bibliotecas, levando-se em consideração as distâncias entre os *campi*, as especificidades e demandas de cada unidade dessa estrutura, as características locais/regionais do ambiente de inserção e os interesses de cada biblioteca. No entanto, é possível dizer que a estruturação *multicampi* dos IFs não se apresenta como uma situação que incapacita a realização de um trabalho conjunto entre as bibliotecas. Os bibliotecários visualizam as singularidades e especificidades das bibliotecas como oportunidades de aprendizagem e como fator para a cooperação profissional. Nesse sentido, a formação de grupos de trabalhos tem contribuído para a construção de um planejamento colaborativo, bem como favorecido a aproximação dos bibliotecários. As TICs também têm contribuído neste sentido, ao possibilitar a comunicação, a troca de experiências e a divisão de responsabilidades na condução dos processos, bem como permitir a superação das barreiras físicas e temporais entre as bibliotecas.

## 5.2.2 Da visão do bibliotecário

### 5.2.2.1 A formação em Biblioteconomia

No âmbito da Biblioteconomia/Ciência da Informação muito se debate acerca do papel do bibliotecário no que se refere aos aspectos relativos à informação, de como o mesmo deve ser - perfil e competências - e fazer para cumprir com seu papel/missão enquanto gestor e disseminador da informação. No entanto, seu papel/função no contexto escolar é pouco debatido, mesmo sendo as instituições de ensino - escolas e faculdades/universidades - um dos principais campos de trabalho/atuação desse profissional. Mesmo nesse contexto, sua ação educativa e seu papel de apoio ao processo de aprendizagem ficam em plano secundário, tendo em vista sua que sua formação está direcionada para a gestão das unidades de informação e para o tratamento técnico da informação.

A necessidade de uma formação sólida que atenda às exigências da sociedade quanto ao perfil e habilidades para a atuação no universo escolar parecem não ser o foco principal na formação desses profissionais. A realidade evidencia a ausência de reflexões desses papéis na formação do bibliotecário, visto que a biblioteca ainda não é vista e nem percebida por muitos enquanto recurso efetivo para a formação dos sujeitos, assim como o bibliotecário está à parte dos processos escolares, muitas vezes isolado. Sua formação acadêmica ainda é falha em lhe garantir os saberes necessários a uma atuação mais firme em contribuição ao processo de ensino-aprendizagem.

Sobre a formação do bibliotecário - assim como de outros profissionais da informação -, considerando que os avanços nas TICs envolvem e alteram vários segmentos e instituições sociais, Mota e Oliveira (2005, p. 99) dizem:

Tais profissionais passaram a se deparar com um novo contexto que lhes exigia, e exige, não só um corpo de conhecimento especializados, mas também conhecimentos e habilidades no uso de tecnologias para organizar, processar, recuperar e disseminar informações, independentemente do suporte no qual elas estejam registradas.

Na situação descrita pelas autoras, o bibliotecário a partir da mudança do conceito de biblioteca passou a ressignificar seu papel e suas atividades à luz das novas tecnologias presentes em todos os setores e campos de trabalho, inclusive na biblioteca. No curso desse

processo, cabe também aos bibliotecários capacitação contínua, senso crítico, criatividade, ousadia, curiosidade, proatividade, dinamismo, perfil empreendedor entre tantos outros saberes para a abordagem da informação numa perspectiva mais tecnológica. Ainda de acordo com Mota e Oliveira (2005), resguardadas as especificidades dos vários setores de atuação, dos vários profissionais da informação, assim como do surgimento de novas tecnologias da informação, o cerne de formação desses profissionais, inclusive do bibliotecário, continua inalterado, ou seja, na prática gira em torno do gerenciamento, organização, armazenamento, processamento e disseminação da informação.

No contexto da sociedade da informação, a função da biblioteca e do bibliotecário fica restrita aos contornos acima descritos. Nesse sentido e contexto, Araújo e Dias (2005) compreendem que as bibliotecas têm como funções: preservação dos registros informacionais, organização da informação e a disseminação da informação. Considerando essa perspectiva de ação, cabe ao bibliotecário a função de gerenciar todos os processos em decorrência da função da biblioteca. Essas funções descritas para a biblioteca dão contorno à perspectiva de atuação do profissional bibliotecário nos diversos setores, inclusive no contexto escolar. No sentido expressado pelos autores, a atuação dos bibliotecários em escolas ficaria restrita às atividades técnicas, o que não contribui com a desmistificação em torno da biblioteca, que a mesma existiria somente para preservar e oferecer materiais informacionais. A biblioteca enquanto espaço de aprendizagem perderia seu sentido e sua função social, ou seja, de aproximar os sujeitos da cultura e da memória da humanidade, de lugar de estímulo à leitura e ao lazer. É claro que não se pode generalizar, visto os interesses de cada profissional quando do desenvolvimento da sua prática e as demandas do contexto escolar que lhes proporcionam o direcionamento mais adequado.

Não obstante, considera-se que a mutabilidade da educação técnica e profissional e o contexto *multicampi* dos IF demandam por profissionais mais críticos, conscientes do seu meio e capazes de adaptação às transformações e mudanças. Nesse aspecto, fica evidente que os bibliotecários devem dialogar com o seu contexto de inserção, no caso aqui apresentado, as instituições de educação técnica e profissional. Além de uma postura crítico-reflexiva, é necessária também a ressignificação do seu processo formativo para sua profissionalidade no meio escolar/acadêmico. Profissionalidade que requer saberes no sentido de lhes possibilitar compreender e apreender as demandas formativas dos sujeitos para inserção num contexto social cada vez competitivo, excludente e de incertezas.

Conforme se observou nos relatos nas entrevistas, esse quadro tem mudado em virtude do esforço dos bibliotecários que reconhecem seu papel no contexto escolar e o quanto podem ajudar para divulgar a biblioteca e seus serviços, como também contribuir para uma formação plena dos sujeitos, principalmente no que se refere ao diálogo entre sujeito, escola, trabalho e sociedade. Do lado institucional, apesar da ausência de respaldo acerca dos papéis a serem exercidos no âmbito do ensino-aprendizagem, os gestores tem reconhecido o valor dos bibliotecários e das bibliotecas para os processos escolares, haja vista que a constituição e coordenação dos sistemas/redes de bibliotecas dão os contornos legais à atuação dos bibliotecários nas bibliotecas, na melhoria da infraestrutura dessas unidades, no desenvolvimento do acervo e na abertura de espaço às ações da bibliotecas nas instâncias decisórias do ambiente escolar.

As instituições de formação dos bibliotecários têm papel essencial na atuação desses profissionais, inclusive no contexto escolar, universo dessa pesquisa. Quando questionados acerca da capacitação nos cursos de Biblioteconomia para ação educativa no âmbito dos IF, ambos foram unânimes em dizer que o curso é bem generalista e tecnicista, que pouco ou nada foca em questões pedagógicas, portanto, não preparam o bibliotecário para a ação educativa. Algumas falas das bibliotecárias a seguir ilustram essa situação:

Trabalhar assim com o usuário de forma pedagógica, os nossos cursos não nos capacitam, isso é uma parte que os bibliotecários têm que correr atrás. Nossa formação é genérica, **é uma formação que não nos capacita, nós não temos nenhuma disciplina que tenha pedagogia ou técnicas de ensino**, infelizmente. (BIBLIOTECÁRIA 4).

Quando você vai atuar pela primeira vez você se perde um pouquinho. **A gente vê muitos colegas recém-formados que vão atuar e acabam se fechando na biblioteca porque não tem esse perfil, a faculdade não molda a gente nessa coisa de estar atuando entre os setores, interdisciplinar, a gente fica muito focado no que é técnico da Biblioteconomia.** (BIBLIOTECÁRIA 6).

Ficou evidenciado através dos relatos que para a atuação no contexto escolar não bastam somente os conhecimentos adquiridos com a formação em Biblioteconomia, de modo a possibilitar o desenvolvimento da profissionalidade do bibliotecário à contento das demandas escolares. Na perspectiva da educação continuada, âmbito preponderante para a aquisição de saberes didático-pedagógicos pelo bibliotecário, Felix (2014) evidencia que esse profissional não pode ficar preso e na dependência apenas do que foi apreendido na academia - saberes profissionais específicos da Biblioteconomia -. Ele precisa buscar novos conhecimentos e, acima de tudo, aprimorar os saberes e habilidades requeridas pelo universo escolar.

Mediante o que foi apresentado, ao fazer a correlação entre a ação educativa do bibliotecário, centralidade deste trabalho, com o fato da necessidade de formação condizente com o desenvolvimento da função educativa no ambiente escolar, foi possível inferir que a formação pedagógica que proporciona a base para a atuação no contexto escolar/acadêmico ainda não se apresenta como demanda efetiva e necessária no momento da escolha dos cursos da formação continuada para muitos desses profissionais, bem como essa temática inexistente nos momentos de encontro dos bibliotecários para discussão de questões das bibliotecas.

Assim, ressalta-se uma contradição no discurso dos bibliotecários quando reivindicam o reconhecimento do seu papel educativo no ambiente escolar/acadêmico, aspecto que a formação nos cursos de Biblioteconomia não lhes possibilita, mas que, no entanto, essa formação não é pleiteada na educação continuada. Os dados acerca da formação continuada dos bibliotecários que possibilitam essa afirmação estão descritos no APÊNDICE B. Reforça-se a necessidade dos bibliotecários refletirem acerca desta questão, de modo que esta reivindicação não fique apenas no âmbito do ideal, mas que seja uma meta a ser alcançada por cada um individualmente ou que seja objetivo de atenção da coletividade nos momentos de formação, quando dos encontros para discussão das questões das bibliotecas.

#### *5.2.2.2 Os saberes pedagógicos, a educação continuada e a experiência na ação educativa*

É certo que a atuação do bibliotecário em relação às questões técnicas de tratamento da informação e na gestão da biblioteca está ancorada sobretudo nos saberes específicos, conforme Saviani (1996), ou saber conceitual/procedimental denominado por Zabala (1998), saber do conhecimento/científico em Pimenta (2009) e mesmo disciplinar, curricular e profissional, de acordo com Candau (2009) e Gaultier (1998, *apud* MACIEL *et al.*, 2010). Esta tipologia de saber tão necessária ao exercício profissional do bibliotecário no âmbito do tratamento da informação é advinda da formação nos cursos de Biblioteconomia. No entanto, a prática no âmbito escolar demanda por outros saberes, principalmente o pedagógico.

Para muitos bibliotecários, o alcance dos saberes acerca da prática pedagógica, bem como para o desenvolvimento da ação educativa ficam condicionados à formação complementar e à atuação no dia a dia de trabalho nas escolas. Nessa lógica, conforme se verá mais adiante, a

experiência como “campo de saber” também propicia a sustentação e as condições necessárias à atuação do bibliotecário, já que a academia falha nesse processo.

Para além dos saberes profissionais já citados, o trabalho no ambiente escolar demanda também por saberes pedagógicos, estes tão necessários ao desenvolvimento da ação educativa dos educadores. É natural que as demandas no ambiente escolar requeiram um perfil profissional e uma atuação mais educativa. Na pesquisa ficou evidente que os bibliotecários reconhecem a necessidade desses saberes em sua atuação no contexto da biblioteca dos IF, em virtude dos serviços oferecidos e das relações que estabelecem com os usuários a partir das suas demandas. Reforçando essa visão, o BIBLIOTECÁRIO 3 disse o seguinte:

[...] a gente vive o contexto escolar e acadêmico, porque nos institutos você lida com alunos de quatorze anos até adultos [...]. Então a gente tem que atender um público diversificado. Então, também a gente tem que ter essa prática educativa. **Eu acho primordial preparar o bibliotecário pra enfrentar a parte pedagógica mesmo**, a parte de educação [...]. Não adianta, a gente tem que exercer essa área, o bibliotecário tem esse compromisso com a educação.

Sobre o exercício da prática educativa, este ato requer formação e este processo inclui a reflexão da própria prática e o reconhecimento da necessidade da educação permanente, em virtude das mudanças e transformações nos processos sociais. Conforme já pontuado anteriormente no referencial teórico, Freire (2001, p. 259-260) diz: “[...] de modo algum, que o ensinante se aventure a ensinar sem competência para fazê-lo. Não o autoriza a ensinar o que não sabe. O ensinante tem [...] o dever de se preparar, de se capacitar, de se formar antes mesmo de iniciar sua atividade docente”. Mesmo falando especificamente do profissional docente, esses dizeres também são importantes ao bibliotecário, que devem possuir a capacitação necessária para a ação no ambiente escolar, principalmente no contexto da educação técnica e profissional, onde a formação dos sujeitos muitas vezes se restringe aos saberes técnicos da profissão. Compete aos bibliotecários inserido no âmbito da educação colaborar com os docentes e outros profissionais do ensino, no sentido de expandir o universo de saberes dos sujeitos em processo de ensino-aprendizagem.

A formação pedagógica para a prática educativa, papel que também é devido ao bibliotecário que atua nas escolas, é uma questão decisória que cabe somente a esse profissional, já que tal formação não é exigência para sua atuação no ambiente escolar. No caso dos bibliotecários, o processo de aquisição desses saberes acontece por intermédio da educação continuada, em

formações de curta duração, a exemplo dos cursos de atualização, quanto no âmbito de uma nova graduação e na pós-graduação, especialmente nos cursos de especialização. Os saberes para a ação pedagógica do bibliotecário não são os mesmos saberes dos docentes, mas dizem respeito aos conteúdos que possibilitam a reflexão crítica acerca da prática profissional, dos processos envolvidos no planejamento do ensino-aprendizagem e das relações entre os sujeitos que possibilitam a aquisição e desenvolvimento de novos saberes. A formação em Biblioteconomia exerce grande influência nas escolhas formativas dos bibliotecários no âmbito da formação continuada. Essa formação nem sempre coincide com os interesses do ambiente escolar. Infere-se que a desconexão entre as escolhas dos cursos praticados e as demandas pedagógicas é devida ao perfil tecnicista de muitos bibliotecários, como salientaram os entrevistados. As escolhas formativas dos bibliotecários foram assinaladas no QUADRO 3 - dados das entrevistas, página 85 -, e no QUADRO 7 - dados dos questionários, APÊNDICE B -, evidenciando-se que os cursos que proporcionam saberes pedagógicos tem percentual menor em relação aqueles que compreendem saberes técnico-gerenciais e que corroboram com o perfil tecnicista desse profissional.

Portanto, na expectativa da educação continuada, âmbito preponderante para a aquisição de saberes didático-pedagógicos pelo bibliotecário, Felix (2014) assinala a necessidade deste profissional se qualificar para atuar no contexto escolar/acadêmico. Na ausência de uma formação dos bibliotecários para a aquisição dos saberes necessários ao atendimento das demandas dos sujeitos e para a resolução dos problemas informacionais, perde-se um pouco da essência da função desse profissional, conforme ressaltou Silingovschi (2013). Pois, o bibliotecário ao não cumprir com sua função/papel, desqualifica-se o papel social da biblioteca no contributo ao cumprimento da formação plena dos sujeitos.

Para além dos saberes técnicos e pedagógicos, a experiência enquanto uma tipologia de saber (CANDAU, 2009; PIMENTA, 2009; GAULTIER, 1998, *apud* MACIEL *et al.*, 2010) também influencia e evidencia os demais saberes do bibliotecário, tanto os relativos à sua formação profissional quanto os relativos ao seu perfil de atuação (os saberes relacionais, atitudinais e crítico-contextuais). A experiência quando orientada ao ensino e visando mudanças de comportamentos dos sujeitos na perspectiva da educação escolar, auxilia na aquisição dos saberes pedagógicos. Na direção dessa assertiva, a experiência através da prática cotidiana de trabalho contribui para o fortalecimento do sentimento de ser educador do bibliotecário. Do mesmo modo, também proporcionam a segurança necessária ao exercício da prática

pedagógica. Os bibliotecários evidenciaram a importância da experiência na atuação profissional, principalmente no desenvolvimento da prática educativa. Como exemplo do exposto, a BIBLIOTECÁRIA 4 diz: “acredito que todos os saberes são importantes para o desenvolvimento da prática educativa, mas acredito especialmente que a prática em si, a experiência e a troca de experiências são essenciais, bem como a atualização constante [...]”.

O perfil do bibliotecário também é outro aspecto lembrado e que qualifica o profissional como educador. De acordo com Candau (2005), algumas características são observáveis no perfil dos educadores: o compromisso com os sujeitos e com os rumos da escola; a recusa ao imobilismo e a luta constante para fazer com que as ações aconteçam; concepção da educação como espaço para problematização e reflexão, numa busca pela mobilização dos sujeitos no sentido de reivindicar mudanças; recusa ao autoritarismo institucionalizado em favor do reconhecimento através do trabalho. Nesse aspecto, os bibliotecários se veem como educadores, pois acreditam que na perspectiva educativa, a aproximação com os usuários, tanto profissional quanto pessoal, possibilita a efetividade da biblioteca no processo de aprendizagem dos mesmos. Os perfis de trabalho dos bibliotecários, seja tecnicista ou educador, são traços adquiridos ao longo do processo formativo e na experiência cotidiana no contexto educacional. Conforme frisou a BIBLIOTECÁRIA 4, “alguns colegas são proativos e participam mais, é que também depende muito do perfil profissional, quando o bibliotecário, enfim..., ele tem essa comunicação mais aproximada com a direção de ensino, com as coordenações de ensino. É bem relativa essa participação, sabe”.

Acerca do perfil mais tecnicista, esse traço é uma característica cunhada em grande parte na formação profissional nos cursos de Biblioteconomia, conforme relataram os entrevistados. Sobre esse aspecto a BIBLIOTECÁRIAS 6 narrou o seguinte:

**Aí as vezes quando você vai atuar pela primeira vez você se perde um pouquinho. A gente vê muitos colegas recém-formados que vão atuar e acabam se fechando na biblioteca porque não tem esse perfil [educador], a faculdade não molda a gente nessa coisa de estar atuando entre os setores, interdisciplinar, a gente fica muito focado no que é técnico da Biblioteconomia.**

Ainda segundo os entrevistados, a função educativa do bibliotecário também pode ser confirmada por intermédio das atividades de cunho educativo que realizam no âmbito da biblioteca. Essa visão foi confirmada na fala da BIBLIOTECÁRIA 5 que disse o seguinte: “sim, sou educadora, pois realizo atividades ligadas ao ensino, pesquisa e extensão,

colaborando para qualificar esses projetos junto a professores e aluno”. A relação das atividades desenvolvidas de orientação aos usuários que qualifica os bibliotecários como educadores foi listada no QUADRO 2, página 78, e no APÊNDICE A.

### 5.2.3 Da perspectiva da ação pedagógica

#### 5.2.3.1 *As atividades educativas de usuários*

A ação educativa do bibliotecário no contexto da biblioteca se efetiva por meio da educação de usuários. Se o objetivo é proporcionar aos sujeitos as condições de inserção nos diversos sistemas sociais, o desenvolvimento dessa prática é a condição primeira para que esses indivíduos possam de modo sábio se apropriar e utilizar a informação como artefato para o seu progresso, tanto pessoal quanto social. Conforme referenciado no aporte teórico, a IFLA (2005) ressalta que a efetividade dessa ação depende da participação do bibliotecário no planejamento e execução dos programas de ensino, numa perspectiva de ação cooperativa e de apoio da direção escolar, da equipe pedagógica e, principalmente, dos professores.

Se a finalidade do trabalho do bibliotecário é a ação educativa dos sujeitos em prol da aprendizagem escolar e, para além desse espaço, a capacitação para a participação nos processos sociais, a IFLA (2005) recomenda que se desenvolva no âmbito da biblioteca uma série de atividades, objetivando atender os usuários em suas demandas de aprendizagem. Assim, entre as atividades/serviços componentes dessa ação educativa, citam-se: a apresentação da biblioteca aos novos alunos, explicitando sua missão, objetivos, recursos e serviços; o serviço de referência; a educação de usuários, por meio da adoção de programas de treinamento/capacitação em grupo e/ou individual; programas para a competência em informação; projetos de leitura e escrita, etc. As atividades desenvolvidas pelos bibliotecários e que fazem parte do conjunto de ações para a capacitação dos usuários, observando-se as recomendações da IFLA, estão elencadas no QUADRO 2, página 78, e mais detalhadamente por sistema/rede de bibliotecas no APÊNDICE A.

Pondera-se que a oferta dessas atividades educativas nas bibliotecas é inerente aos serviços informacionais prestados. Entretanto, observa-se que não há evidências da existência de planejamento conforme critérios didático-pedagógicos estabelecidos, portanto, parte de uma cultura que não está registrada (plano de ação) e nem mesmo há uma avaliação da sua

efetividade na capacitação dos usuários. Assim, as mesmas são desenvolvidas “ao sabor” dos acontecimentos e demandas dos sujeitos no dia a dia de trabalho nas bibliotecas.

Conforme já afirmado anteriormente, destaca-se que o número insuficiente de profissionais nos IFs, especialmente de bibliotecários e auxiliares no âmbito das bibliotecas, é o que impacta o desenvolvimento de atividades e a proposição de projetos diferentes do habitual. Consoante às recomendações da IFLA e conforme mencionado pelos entrevistados, as atividades executadas pelos profissionais ficam, em muitos casos, orientadas em torno das atividades básicas. Aos bibliotecários competem as atividades relativas à indexação e catalogação de materiais para disponibilização no acervo para acesso e uso dos usuários, enquanto aos auxiliares cabem as atividades de circulação de materiais, empréstimo, renovação e devolução. Quando não existem auxiliares em número suficiente, os bibliotecários também executam as atividades de atendimento ao público. O trecho destacado na fala da BIBLIOTECÁRIA 4 a seguir evidencia essa problemática vivenciada no trabalho cotidiano das bibliotecas:

No momento nós temos 25 *campi* e 35 bibliotecários e alguns dos *campi* tem dois bibliotecários, mas são pouquíssimos. A maioria dos *campi* tem um bibliotecário e um auxiliar. E alguns casos, um bibliotecário e dois auxiliares, então a equipe é pequena, claro ne, a gente sabe que o pessoal tem um volume de atividades muito grande, nós temos uma política de aquisição de acervo expressiva. Isso envolve um volume de trabalho de preparação, catalogação que toma muito tempo do bibliotecário. [...] uma equipe muito pequena, ela impossibilita muitas ações educativas, porque não vai ter tempo, não vai ter disponibilidade, enfim, fica mais no básico, no empréstimo e na devolução. Como eu falei, muitos tem uma atitude bem proativa, apesar dos problemas ainda conseguem fazer umas atividades bem criativas, bem legais.

A falta de pessoal também contribui em parte com a construção do perfil tecnicista de alguns bibliotecários, visto que em virtude das demandas internas da comunidade escolar estes profissionais precisam priorizar aquelas atividades de caráter mais técnico e que impactam na rotina de funcionamento das bibliotecas, como a gestão da unidade, a aquisição, a indexação/catalogação dos materiais informacionais e a circulação de materiais - o empréstimo, a devolução e renovação, considerando a rotina diária de mais de 12 horas ininterrupta de funcionamento das bibliotecas. Aquelas atividades de cunho mais educativo, a exemplo da apresentação da biblioteca, capacitação de usuários para usos dos recursos, atividades culturais, incentivo à leitura, dentre outras, são preteridas em função da rotina de funcionamento das bibliotecas. Também, a execução dessas atividades em desacordo com as demandas dos usuários contribui, em parte, para a (in)visibilidade das bibliotecas e dos seus

profissionais, no que se refere ao reconhecimento destes como elementos essenciais aos processos escolares.

No que se refere às atividades culturais e o incentivo à leitura, apesar destas serem atividades comuns às bibliotecas, como constatado na pesquisa documental quando da análise das normativas das unidades informacionais, as mesmas são temáticas um pouco controversas para muitos bibliotecários. O seu desenvolvimento depende do profissional à frente da coordenação de cada biblioteca, bem como das condições humanas, materiais e tempo para sua execução, situação parecida de outras tantas atividades que não são relativas às atividades habituais da rotina diária. No entanto, muitas atividades ligadas à promoção da leitura e cultura são realizadas no contexto de alguns *campi*, revelando-se por vezes em casos pontuais. Exemplos dessas atividades e ações desenvolvidos nas bibliotecas foram citados por alguns participantes dessa pesquisa:

- ✓ **Rodas de Leitura** – projeto que objetiva trazer ao campus pessoas com expertise para discorrer sobre as leituras obrigatórias cobradas no vestibular.
- ✓ **Hora do Conto** – projeto realizado sempre que possível como o apoio dos alunos do Curso Técnico em Biblioteconomia que realizam estágios obrigatórios na biblioteca.
- ✓ **“Bibliocharadas”** – atividade com aspecto lúdico quando da aquisição de livros para divulgação à comunidade escolar. Também, a montagem de “quebra-cabeças” com pistas nas estantes.
- ✓ **Semana da biblioteca** – são planejadas para todas as bibliotecas ações artísticas e culturais. Cada biblioteca planeja e a coordenação organiza e divulga as ações em todos os *campi*.
- ✓ **Xadrez** – atividade desenvolvida com peças recicladas e apresentada na semana de ciência e tecnologia de um *campus*.
- ✓ **Farol Literário** – concurso de contos onde os estudantes premiados pela comissão julgadora ganham uma viagem para visitar a FLIP em Parati.

- ✓ **Jogos Literários** – são vários jogos que as pessoas vencedoras no final ganham um kit com brindes, incluindo DVD, doces e outras coisas.

As atividades acima listadas - casos esporádicos e pontuais -, as mesmas não são desenvolvidas de forma sistemática em todas as bibliotecas, vistas as condições e demandas em cada contexto. Conforme ponderado pelos entrevistados, com boa vontade e planejamento é possível o desenvolvimento de muitas ações criativas que agregam valor e contribuem com a inserção da biblioteca no roteiro de interesse da comunidade escolar. A BIBLIOTECÁRIA 6 ressaltou esse contexto descrito ao dizer: “desde que quem está ali na frente e queira realmente participar, se integrar com outras áreas, eu acho que dá pra fazer”. Frisa-se que essas ações dependem do perfil profissional e da atitude proativa do bibliotecário à frente da gestão da biblioteca nos *campi*, em consonância com as condições ambientais e infraestruturais que contornam as bibliotecas.

Acerca do serviço/setor de referência, diferentemente da estruturação das bibliotecas universitárias onde os setores são bem demarcados e onde há profissionais bibliotecários respondendo especificamente por estes serviços/setores, a estrutura das bibliotecas nos IF não comporta tal organização. No âmbito dos IF, as bibliotecas são percebidas enquanto possuidoras de dois setores “simbólicos”: da perspectiva dos serviços de atendimento aos usuários e da perspectiva dos serviços técnico-administrativos. No entanto, mesmo nessa estruturação/organização, não há bibliotecários respondendo especificamente por tais setores, pois o quantitativo de pessoal não possibilita este formato organizativo. Assim, no contexto geral das atividades executadas na biblioteca, o serviço de referência, apesar da importância que representa no acesso à informação pelos sujeitos, não se apresenta como um serviço diferenciado que é disponibilizado aos usuários e nem é executado por um profissional específico. No caso dos IF, os bibliotecários atuam em todas as frentes ao mesmo tempo: gestão da unidade, aquisição, catalogação, atendimento, treinamentos/capacitações, etc. É no âmbito dessa atuação que o serviço de referência acontece, ou seja, na interação entre os usuários e o bibliotecário/auxiliar de biblioteca em meio às demandas do atendimento.

Em relação à apresentação da biblioteca aos novos alunos e em relação à educação de usuários para usos dos recursos - capacitação/treinamentos -, estas ações apesar de aparecerem no rol de atividades na rotina das bibliotecas, também dependem das condições em cada realidade. Em muitas bibliotecas estas ações acontecem somente mediante demanda

e conforme a disponibilidade de pessoal para sua realização. De acordo com o informado pelos entrevistados, não há nenhum dado coletado no âmbito dos sistemas/redes de bibliotecas pesquisados acerca da realização dessas atividades e a frequência com que são ofertadas nos *campi*. Assim, reitera-se que essas atividades devem ser sistematizadas pelos bibliotecários e que haja regularidade em sua frequência de realização, não dependendo apenas das demandas da comunidade, haja vista a importância das mesmas no acesso à informação. A apresentação da biblioteca - ou visita orientada - é a primeira aproximação entre a biblioteca e os novos usuários, pois possibilita a ambientação desses sujeitos com a estrutura física do espaço, políticas de controle, sistemas de acervo, serviços e conhecimento dos funcionários. Acerca da capacitação/treinamento, esta possibilita a familiarização com os serviços e recursos informacionais oferecidos, bem como oportuniza a autonomia dos sujeitos em relação ao acesso e uso da informação.

No que se refere aos programas de competência em informação, não é usual aos bibliotecários dos IF implementarem essa atividade, por várias razões, sendo a principal o quantitativo de profissionais reduzido nas bibliotecas para sua execução, bem como a mesma demandar tempo, planejamento e participação de outros profissionais, principalmente do professor. Para que essa atividade possa acontecer, é necessário um estreitamento de laços entre o bibliotecário e o professor, de forma que a biblioteca possa contribuir com os conteúdos abordados em sala de aula. Entretanto, a proposição de projetos dessa natureza esbarra num problema evidenciado por alguns bibliotecários, a dependência de um professor para proposição de projetos da biblioteca. No entanto, evidencia-se que a biblioteca/bibliotecário deva participar do planejamento do ensino, a fim de que seu papel e sua atuação sejam conhecidos e compreendidos pelos professores e gestores escolares. De acordo com os bibliotecários, existe a compreensão da importância da cooperação com a biblioteca por parte da coordenação escolar e dos professores e, nesse sentido, relataram terem conseguido espaço na agenda escolar para implementação das ações da biblioteca. Salienta-se, também, que essa cooperação, apesar de importante para o fortalecimento da biblioteca no contexto escolar, ainda depende em parte de cada bibliotecário. Não foi possível precisar essa situação nesta pesquisa, já que não existem dados a esse respeito, ainda considerando o fato de cada unidade informacional possuir autonomia para a condução das suas ações.

No tocante à necessidade de avaliação dos serviços e atividades oferecidos, a fim de se corrigir os erros/falhas, omissões e/ou melhorar/aperfeiçoar as práticas instituídas em relação

à realização das ações, foi possível constatar que os serviços informacionais oferecidos no âmbito dos sistemas/redes de bibliotecas dos IF em geral não são avaliados. No âmbito institucional, somente a BIBLIOTECÁRIA 6 mencionou ter realizado tal estudo, mas o mesmo ficou aquém do esperado, já que muitas unidades enviaram dados incompletos e outras não aderiram ao estudo. Assim, não existem dados sistematizados pelas coordenações das bibliotecas para se estabelecer um parâmetro de análise acerca da efetividade dos serviços ofertados aos usuários. Segundo a maioria dos entrevistados, o que existe é apenas a coleta de opiniões dos usuários quando da realização de alguma atividade, mas são ações pontuais/esporádicas, em casos e contextos específicos, mas que não representam a dimensão real. Salienta-se, também, que a realização de estudos de usuários para verificação de novas demandas ou a remodelação dos serviços existentes não é prática usual no universo das bibliotecas pesquisadas, situação compreensível considerando que tudo ainda está em construção/estruturação nos sistemas/redes de bibliotecas. Ressalta-se que tais estudos devam ser implementados em tempos regulares de maneira a fortalecer a presença da biblioteca no cotidiano das instituições de ensino.

Diante dos dados analisados, evidencia-se a necessidade de o bibliotecário atuar de forma mais efetiva junto à comunidade escolar/acadêmica, promovendo as ações da biblioteca, bem como procurando estabelecer parcerias com os gestores, coordenadores de curso e professores, a fim de elevar a biblioteca à condição de instância de apoio aos processos de ensino-aprendizagem.

#### 5.2.3.2 *A diversidade e acessibilidade no âmbito das práticas bibliotecárias*

Conforme já mencionado nessa pesquisa, os IF por possuírem uma estruturação *multicampi*, bem como ofertar uma ampla variedade de cursos nos diversos níveis de ensino - educação superior, básica e profissional -, acabam por abranger uma diversidade de sujeitos em processo de aprendizagem, tanto no ensino regular quanto na EaD. Considerando-se as características e especificidades da comunidade escolar, no que se refere à diversidade, as práticas adotadas nas bibliotecas não contemplam a diferenciação existente nas demandas informacionais e de aprendizagem de cada grupo de sujeitos. Ou seja, os serviços informacionais oferecidos não refletem as especificidades desses sujeitos, bem como a formação de acervo informacional e o acesso ao mesmo, apesar de comuns aos diversos usuários, ainda está distante dos sujeitos da EaD.

Acerca do tratamento dispensado aos usuários na biblioteca, foi perceptível com os dados coletados que mesmo a biblioteca tendo as características universitária, escolar e especializada, em virtude da cobertura de assuntos e do seu público, prevalece uma isonomia em relação ao tratamento dos sujeitos. Não há, pois, uma diferenciação dos serviços oferecidos em detrimento das características da diversidade de público e nem mesmo ações e direcionamento para um determinado perfil de sujeito ou nível de ensino. A infraestrutura física, material e, principalmente a humana, foi lembrada como um dos fatores que impedem a atuação à contento das demandas específicas da diversidade em cada nível de ensino.

Sob esse aspecto, a acessibilidade aos serviços não obedece ao princípio da inclusão, já que os sujeitos da EaD e as pessoas com deficiência não encontram as mesmas condições de tratamento e acesso em relação a satisfação das suas demandas informacionais em equiparação ao ensino regular. Os entrevistados afirmaram focar seus serviços e atividades nos sujeitos do ensino regular, em virtude das características e condições infraestruturais de atendimento das bibliotecas estarem centradas nesse público. Nesse aspecto, de acordo com os relatos, apesar dos bibliotecários terem consciência das demandas dos sujeitos da EaD, as bibliotecas não oferecem serviços informacionais para os usuários desta modalidade.

A despeito dos IF atuarem na modalidade EaD, as bibliotecas não participam do planejamento desta modalidade educacional, portanto, corrobora-se para que os serviços e atividades não contemplem os sujeitos oriundos desse contexto de aprendizagem. Esta situação não se mostrou diferente do constatado por Silva (2014) em pesquisa de mestrado desenvolvida junto às bibliotecas universitárias federais brasileiras, visto que as equipes de planejamento da modalidade não contemplam os bibliotecários, revelando a falta de sintonia entre este profissional e a coordenação da EaD. De acordo com a autora, esse desencontro acarreta prejuízos aos sujeitos desse âmbito de ensino, que não são atendidos em suas demandas informacionais.

Ainda conforme Silva (2014), a ausência da biblioteca no âmbito da EaD impõe um duplo desafio aos bibliotecários, por um lado, oferecer assessoria pedagógica e informacional aos alunos dos cursos a distância e, de outro lado, a partir das demandas desses indivíduos, abarca-los quanto aos serviços oferecidos aos alunos regulares. Nesse sentido, demanda-se aos bibliotecários disporem dos saberes relacionais, na perspectiva de trabalho integrado com

a equipe gestora e pedagógica da EaD no contexto dos IF, a fim de formar uma equipe de trabalho multidisciplinar. Isto no sentido de poder conhecer as necessidades informacionais dos usuários desta modalidade e poder atuar na mediação e reestruturação dos canais de disseminação da informação junto aos mesmos.

Destaca-se que de certa forma, as bibliotecas dos sistemas/redes abordados nesta pesquisa trabalham a distância, haja vista que alguns dos seus serviços já são acessíveis via dispositivos conectados à internet, a exemplo da comunicação - sitio institucional, correio eletrônico, redes sociais, aplicativos etc. -, do acesso ao catálogo eletrônico para consulta do acervo físico e *online*, da renovação e reserva de materiais, da solicitação de documentos, do acesso às bases de dados de periódicos *online* e às bibliotecas virtuais, etc. No QUADRO 6, APÊNDICE A, foi apresentada a relação dos serviços informacionais virtuais - bibliotecas e bases de dados - que são utilizados para suporte dos sujeitos no ensino regular. É perceptível que as bibliotecas possuem algumas condições para se inserir no âmbito da EaD, entretanto, resta investimento em formação/capacitação profissional do bibliotecário para atuação nessa modalidade, assim como a criação de bibliotecas e contratação de profissionais específicos para atendimento às demandas informacionais dos sujeitos desta modalidade. Ainda conforme Silva (2014), a EaD, como um campo profissional aberto à atuação do bibliotecário, requer deste a incorporação desta modalidade como uma das dimensões de atuação deste profissional, sendo necessário, porém, ao mesmo perceber e assumir esse espaço. Ressalta-se que esse fato ainda não é uma realidade no âmbito dos IF, o que demanda mais integração e parceria entre a coordenação dessa modalidade de ensino e o bibliotecário.

Em relação aos sujeitos com deficiência, outra dimensão da diversidade abordada neste trabalho, esta pesquisa aponta para as conclusões de Costa (2015), que evidenciou em sua investigação com bibliotecários do setor de referência e estudantes com deficiência de uma universidade federal mineira, que tanto as unidades do sistema de bibliotecas desta instituição quanto os bibliotecários não estão preparados para o acolhimento e atendimento das pessoas com deficiências. Também, a universidade como um todo não contempla efetivamente as normas relativas à acessibilidade/inclusão que possibilitaria a autonomia dos sujeitos com deficiências, seja ela visual, auditiva ou físico/motora. Essa ausência institucional é percebida e sentida cotidianamente por essa parcela de sujeitos, os quais observam que mesmo havendo dispositivos legais para lhes garantir o mínimo de acessibilidade, ainda se deparam com o descaso institucional em relação as suas demandas formativas.

Ressalta-se que a situação evidenciada por Costa (2015) também foi observada nas bibliotecas dos IF analisados nesta pesquisa, ou seja, não apresentam contextos diferentes do demonstrado por esta pesquisadora. Conclui-se que as bibliotecas dos IF e seus profissionais também não estão preparados para a acessibilidade/inclusão e atendimento das pessoas com deficiências, seja em termos da proposição de políticas inclusivas, da adequação arquitetônica, da sinalização dos espaços, da aquisição de materiais e equipamentos, da implantação de núcleos para o acolhimento e atendimento, ou mesmo acerca da capacitação de funcionários e alunos para a melhoria da comunicação com esses sujeitos.

Assim, destaca-se que faltam investimentos em infraestrutura para a inclusão das pessoas com deficiências diversas, principalmente física, visual e auditiva. Sobre essa questão, os bibliotecários enfatizaram a necessidade de adequação às normas de acessibilidade. Os relatos dos entrevistados a seguir expressam um pouco essa realidade:

**Lá fora eles têm acessibilidade pra entrar, mas dentro da biblioteca não tem nenhuma.** Nenhuma unidade. Mas tem três prédios em que a área de estudos fica na parte de cima. Estava prevista a inclusão de um elevador, mas só que até o momento não foram instalados em nenhuma unidade. (BIBLIOTECÁRIO 3).

[...] **algumas bibliotecas precisam de elevadores e rampas, pisos táteis e identificação acessível.** O espaço entre as estantes e o mobiliário em geral são adequados a diferentes necessidades. Algumas bibliotecas têm ou previram para compra lupas eletrônicas e impressora em braille. Algumas unidades contam com leitores de telas e fazem uso do NVDA, mas com limitações. Cursos de libras são ofertados aos servidores. (BIBLIOTECÁRIA 5).

A gente não tem softwares específicos pra atender alguns tipos de usuários. A gente tem alguns materiais audiolivros e braille, mas são doados. A gente não compra especificamente livros em braille, o que a gente tem é doado e não são todas as bibliotecas que possuem. [...] **a gente ainda não se estruturou na verdade pra atender esse tipo de usuário.** (BIBLIOTECÁRIA 6).

A comunicação entre os núcleos de atenção aos deficientes e a biblioteca também foi questionada nesta pesquisa. A este respeito, as respostas dos entrevistados variaram, mas ambos enfatizaram a necessidade de melhorias nesse processo, principalmente na sistematização do trabalho cooperativo entre os núcleos e as bibliotecas. Segundo os mesmos relataram, os profissionais das bibliotecas geralmente tomam conhecimento da presença de sujeitos com deficiência na instituição quando os mesmos chegam à biblioteca procurando por atendimento.

**A comunicação interna dentro da instituição não é muito boa**, ai não tem essa..., aqui vai chegar um estudante tal, vai ter que adaptar, aumentar o espaço entre as estantes pra eles poderem circular livremente, pra ter sua autonomia, essas coisas assim. [...] **você só vai descobrir quando ele chega, quando ele resolve entrar na biblioteca, ai você descobre que ele precisa de uma demanda. Ai é hora de você ir atrás, mas o núcleo mesmo não informa.** (BIBLIOTECÁRIO 3).

**Sobre os núcleos de acessibilidade, a gente só tem o núcleo nos *campi* maiores, nos *campi* que ainda são menores eles não tem esse núcleo de atendimento.** Então, esse atendimento fica mais por conta do pedagogo da instituição. Eu mesma **quando atuei no *campus* uma vez soube que ia ter um aluno de baixa visão, mas ninguém estava preparado pra receber e eles tinham que estar passando, olha vai entrar um aluno com essa necessidade especial e ai cada setor ia tentando ver como poderia ajudar aquele aluno.** Até hoje a gente ainda tem *campus* que não tem o núcleo de apoio. (BIBLIOTECÁRIA 6).

A BIBLIOTECÁRIA 4 relatou sensibilização institucional para as questões de acessibilidade, visto que foi instituída uma comissão para cuidar dessa temática internamente. No entanto, ressaltou que o seu IF, assim com suas bibliotecas não atendem plenamente as normas de acessibilidade.

**Então, aqui a gente tem um grupo de trabalho instituído por portaria, e entre essas comissões tem uma comissão que trata a acessibilidade.** Então essa comissão tem orientado os bibliotecários sobre as ações a fim de promover a acessibilidade [...]. **Os nossos prédios, eles têm uma arquitetura que prevê a acessibilidade, mas a gente sabe que não na plenitude,** nós não temos profissionais interpretes de Libras na biblioteca. Então, aí também já é um restritivo.

Ademais, todos esses relatos evidenciaram que a realidade acerca da acessibilidade e inclusão está longe do ideal, muito aquém do estabelecido nas normativas legais. Evidencia-se que os profissionais das bibliotecas precisam saber acolher as pessoas com deficiências, de modo a evitar constrangimentos aos mesmo no momento do atendimento. Nesse aspecto, a capacitação para o desenvolvimento dos profissionais é essencial, fato que também deve ser abarcado pelas coordenações dos sistemas/redes de bibliotecas. Salienta-se que atitudes inclusivas não dependem de normas ou outras medidas para que possam acontecer, pois são ações que dependem mais da boa vontade dos indivíduos em querer praticar.

## 6 A AÇÃO EDUCATIVA DOS BIBLIOTECÁRIOS: REFLEXÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Discutiu-se, neste trabalho, a ação educativa dos bibliotecários no contexto dos sistemas/redes de bibliotecas dos IF, onde se procurou assinalar as perspectivas e os desafios enfrentados por estes profissionais no dia a dia de trabalho junto aos usuários dessas unidades de informação. A ação educativa dos bibliotecários é uma prática essencial no âmbito dos IF - instituições que se ocupam do ensino nos diversos níveis, ensino médio, técnico/profissional e superior em atenção às demandas de desenvolvimento local e regional - pois, possibilita que os sujeitos em aprendizagem nesses espaços tenham contato com a produção técnico-histórico-social da humanidade. Para além dos saberes técnicos das profissões, a ação educativa no âmbito da biblioteca possibilita novos olhares a esses indivíduos e futuros profissionais quando do ingresso no mercado de trabalho ao término do processo formativo. Olhares que tornam possível uma reflexão crítica acerca da inserção no seu meio social, acerca do mundo do trabalho e, sobretudo, enquanto sujeitos que interagem com os seus semelhantes e que colaboram para a construção de uma sociedade mais justa, equitativa e inclusiva.

Nesta perspectiva, a pesquisa teve como questão indagar dos bibliotecários os desafios e as perspectivas presentes no exercício da sua ação educativa junto aos usuários das bibliotecas em meio à realidade *multicampi* dos IF. De forma a tornar resolvida esta questão, foram mapeados os sistemas/redes de bibliotecas instituídos no contexto dos IF e as práticas educativas de usuários, assim como foram apreendidos os desafios e as perspectivas em relação ao exercício da ação educativa, a partir da visão dos bibliotecários. Também, foram notabilizados os saberes necessários à profissionalidade deste sujeito no contexto da educação técnica e profissional.

Quanto aos impactos sofridos pelas bibliotecas quando da transformação de algumas das escolas técnicas existentes em IF, principalmente, considerando-se a estruturação *multicampi*, foram ressaltadas, com maior relevância, as dificuldades referentes à escassez de recursos humanos e financeiros, em virtude da criação das novas unidades dessas instituições. A característica *multicampi* não foi considerada com um desafio, mas sim encarada pelos bibliotecários como oportunidade para a integração e desenvolvimento das bibliotecas. Nesse sentido, o fator *multicampi* não aparece como um aspecto segregador, mas como uma possibilidade de harmonização de ideias e realidades, embora muitas vezes distintas. A fim

desta perspectiva, a formação de grupos de trabalho/discussão tem orientado e possibilitado a união dos bibliotecários em torno de objetivos comuns, o que contribui para o fortalecimento das atividades e ações no âmbito dos sistemas/redes de bibliotecas. Como resultados positivos do somatório de esforços, os bibliotecários destacaram o reconhecimento e o fortalecimento do papel e importância das bibliotecas perante à comunidade escolar. Mediante o trabalho de aproximação com os gestores escolares, foi possível a padronização e melhoria dos serviços prestados, a exemplo da aquisição de serviços informacionais comuns - bibliotecas e bases de dados virtuais, a informatização dos acervos mediante o uso de *softwares* de gerenciamento em rede para todas as unidades, o estabelecimento de políticas de desenvolvimento de acervo e uso dos espaços -. Essa aproximação possibilitou também, conforme relatado nos questionários e nas entrevistas, maior valorização do trabalho dos bibliotecários no contexto institucional.

No contexto da ação prática, no que concerne à organização das bibliotecas em sistemas/redes, apurou-se que dos trinta e oito IF, vinte ainda não possuem uma estruturação integrada e cooperativa das suas bibliotecas, o que pode evidenciar um trabalho isolado de cada uma das unidades informacionais no respectivo IF. No contexto social atual, onde a escassez de recursos financeiros faz com que as instituições revejam seus planejamentos, a cooperação informacional mostra-se como um fator importante para a sustentabilidade das bibliotecas, para a viabilização da economia de recursos e para a melhoria da qualidade dos processos e serviços informacionais, tendo em vista a importância do acesso dos sujeitos às fontes e recursos informacionais em meio as transformações e mudanças nos processos sócio-históricos-culturais. Evidencia-se que a organização das bibliotecas em sistemas/redes possibilita compreendê-las enquanto organizações de serviços informacionais que, integradas e atuando cooperativamente, favorece a troca de experiências, assim como permite o compartilhamento de recursos informacionais, tecnológicos, culturais e educativos com vistas à superação das desigualdades existentes no âmbito específico de cada realidade.

Considerando os aspectos da cooperação bibliotecária, foi possível confirmar que a intencionalidade na estruturação/organização das unidades em sistemas/redes partiu primeiramente dos bibliotecários, que compreendem o sentido e o significado da biblioteca enquanto espaço que colabora na formação dos sujeitos em aprendizagem escolar. A inserção da biblioteca no planejamento do ensino-aprendizagem foi a motivação primeira para a institucionalização desses espaços, assim como criar e fortalecer sua identidade na busca de

reconhecimento, pela comunidade escolar, da sua essencialidade para a aprendizagem dos indivíduos. Enquanto sistemas/redes, respeitada a autonomia administrativa e organizativa de cada biblioteca, objetivou-se a construção de processos comuns, como a política de desenvolvimento de acervo, a informatização e a implementação do catálogo em rede em todas as bibliotecas, a equiparação e padronização dos procedimentos de tratamento e organização da informação, a instituição de normas de circulação de materiais, bem como a transformação e a construção de uma cultura de práticas de trabalho na perspectiva da integração e cooperação, em prol das demandas institucionais, educacionais e formativas dos sujeitos.

Ainda conforme os bibliotecários participantes da pesquisa, a institucionalização dos sistemas/redes de bibliotecas foi significativa, pois contribuiu para a construção e fortalecimento identitário das bibliotecas perante a comunidade escolar/acadêmica, bem como para a sua inclusão tanto na estrutura organizativa dos IF, reitoria e *campi*. Ressalta-se que essa conquista só foi possível mediante o trabalho de aproximação dos bibliotecários com o corpo diretivo e pedagógico, principalmente, com os professores, sujeitos encarregados da efetivação do processo de ensino-aprendizagem. No entanto, apesar do esforço para a inserção efetiva das bibliotecas nos processos decisórios institucional, nem todos os bibliotecários atuam de maneira aproximada com os atores educacionais, visto possuírem um perfil de trabalho mais tecnicista e de clausura em relação às práticas da biblioteca. Apesar disto, tendo em vista a visão progressista de muitos bibliotecários em relação às práticas bibliotecárias, mediante à aproximação e participação em reuniões pedagógicas, proposição de projetos de trabalho com professores e do exercício efetivo da ação educativa dos usuários, tem-se conseguido fazer exitoso o papel da biblioteca na instituição e na concretização da aprendizagem.

Ante aos desafios organizacionais enfrentados quando da abordagem sistêmica dos processos, sabe-se que na prática as instituições enquanto sistemas não funcionam de modo perfeito, aspecto não diferente nos sistemas/redes de bibliotecas. Conforme pontuado por Donaires (2014, p. 5), é preciso que os bibliotecários não confundam sistema com sistematização, pois “[...] a ideia de sistema representa um ideal de compreensibilidade daquilo que não se pode conhecer no todo”. Urge, pois, a necessidade de reflexão crítica na inevitável falta de compreensibilidade do nosso entendimento acerca do projeto sistêmico.

Em relação às atividades implementadas pelos bibliotecários para o desenvolvimento da ação educativa de usuários, as práticas compreendem visitas guiadas à biblioteca direcionadas aos novos alunos, com vistas à familiarização destes em relação aos espaços, acervos, recursos e serviços; treinamentos para pesquisas no catálogo e para localização de itens do acervo; treinamentos para uso das bibliotecas virtuais e bases de dados de livros e periódicos; orientação quanto à normalização de trabalhos acadêmicos e citação/referenciação de documentos, no que se refere às normas da ABNT; ações de incentivo à leitura, atividades culturais, etc., além das atividades habituais de circulação de materiais informacionais. Salienta-se que o desenvolvimento dessas atividades representa em parte as recomendações da IFLA (2005), que evidencia que as práticas educativas se bem desenvolvidas capacitam os sujeitos para a construção do seu conhecimento, mediante aquisição de competências em informação, como também lhes possibilita o instrumental informacional necessário para a participação na complexidade dos processos sociais, sobretudo no contexto do trabalho.

Entretanto, reforça-se ainda que as práticas da educação de usuários precisam ser mais sistematizadas em todas as unidades dos sistemas/redes de bibliotecas dos IF, inclusive no âmbito daquelas instituições onde as bibliotecas não trabalham de forma integrada e cooperativa. De acordo com o pontuado pelos bibliotecários nas entrevistas, alguns profissionais não desenvolvem as ações educativas de usuários à contento do esperado, seja por questões infraestruturais ou por questões formativas. Nesse sentido, a abordagem da ação educativa do bibliotecário, neste trabalho, possibilitou assinalar que as práticas educativas de usuários tão consagradas no âmbito das bibliotecas precisam ser ressignificadas, tendo em vista que os anseios de aprendizagem dos sujeitos confrontam-se com as novas exigências ambientais, sejam estas tecnológicas, políticas, econômicas, sociais, educacionais e culturais. Assinala-se, portanto, a necessidade da abertura de um espaço para reflexão, no âmbito dos sistemas/redes de bibliotecas, acerca da prática didático-pedagógica do bibliotecário no contexto da biblioteca, com foco na sua formação em atenção às demandas dos usuários, para a troca de experiências no sentido da ressignificação e melhoria das práticas educativas, dentre outras questões que envolvam a educação de usuários.

De maneira a garantir que as ações da biblioteca sejam efetivas na vida escolar/acadêmica dos sujeitos, evidencia-se a necessidade da implementação de um planejamento, para que a execução das ações bibliotecárias aconteça de maneira satisfatória. Independentemente da forma como as ações são realizadas, seja por meios formais ou informais, a educação de

usuários se efetiva em ações nas quais a biblioteca é um elemento educacional e o bibliotecário atua como educador. Ficou claro que, em geral, os bibliotecários agem de maneira “amadora”, confiando-se muito nos saberes experienciais advindos da prática cotidiana de trabalho para a implementação das ações, dispensando-se o planejamento. Considerando a gestão das necessidades das bibliotecas, reforça-se a necessidade da adoção de estratégias de ação do contexto gerencial: *planejamento* (elaboração de ações lógicas que incluem diagnóstico situacional, definição de objetivos, escolha de conteúdos programáticos, seleção dos procedimentos de ensino, seleção dos recursos de ensino, estabelecimento do plano de ensino); *execução* (ação prática do planejamento, o que envolve divulgação, preparação dos materiais instrucionais, teste e implementação do programa e análise para melhoria do programa); *avaliação e controle* (ação esta ao longo e ao final do processo para verificação da eficácia do programa e serve para adequações ou redefinições do programa de modo a sua adequação às novas situações). O planejamento possibilita não somente a delimitação e localização das ações, mas a compreensão dos sentidos da aprendizagem e o que se espera dela. Nesse aspecto, esse é um desafio na convergência dos saberes dos bibliotecários, planejar suas ações frente às finalidades e objetivos da escola, de maneira integrada/cooperativa e visando fortalecer a presença da biblioteca na aprendizagem dos sujeitos.

Acrescenta-se ao aspecto do planejamento, a necessidade de trabalho dos coordenadores dos sistemas/redes de bibliotecas com foco na gestão. É necessário o desenvolvimento de políticas para auxílio do bibliotecário na tomada de decisão, no que se refere aos rumos da biblioteca frente às demandas informacionais e acerca dos desafios cotidianos - falta de recursos humanos, redução dos recursos financeiros, adequação à acessibilidade e inclusão, formação dos profissionais da biblioteca, provisionamento dos recursos informacionais e materiais, sistematização da ação educativa, participação nos processos decisórios da instituição, integração/cooperação com o corpo diretivo e pedagógico, entre outros aspectos evidenciados pelos sujeitos da pesquisa -. Assinala-se que o objetivo principal é o esforço organizado com vistas a fortalecer interna e externamente a representatividade das bibliotecas no âmbito institucional. No contexto *multicampi*, onde as realidades se apresentam por vezes distintas, a gestão é um aspecto importante, pois atua como um fator de equilíbrio na equalização das relações entre as unidades informacionais e a instituição como um todo.

A gestão também ocupa um lugar estratégico na compreensão dos objetivos, finalidades e anseios escolares/acadêmicos pelos bibliotecários, bem como nas relações de força e poder na aproximação com o corpo diretivo e pedagógico, principalmente, com o professor. Ressalta-se que o trabalho isolado dos processos do ensino-aprendizagem afasta a biblioteca das expectativas dos docentes e dos discentes, fato também pontuado na pesquisa. É preciso que os objetivos da escola e da biblioteca estejam alinhados na consecução da aprendizagem dos sujeitos, ou seja, há a necessidade da construção de uma arquitetura de participação e cooperação com os gestores escolares, docentes, discentes e outros profissionais na consolidação do papel da biblioteca no ensino-aprendizagem, aspecto a ser respaldado na adoção de estratégias de ação gerenciais. A participação do bibliotecário no planejamento educacional torna real o potencial da biblioteca como um dos pilares do processo educativo dos alunos, tendo em vista a superação da compreensão da educação profissional e tecnológica como mera instrumentalizadora de pessoas para ocupação de postos de trabalho no competitivo mercado das profissões. Cabe, pois, ao bibliotecário (re)significar suas práticas e suas estratégias de ação em direção à cooperação/integração, de modo a diminuir o distanciamento e o isolamento da biblioteca em relação ao ensino-aprendizagem com vistas ao ideal de emancipação dos sujeitos. Acrescenta-se, ainda, a emergência da colaboração entre os bibliotecários para o fortalecimento dos sistemas/redes de bibliotecas no âmbito de cada IF.

Outra questão que deve ser observada no curso das ações bibliotecárias, é em respeito à acessibilidade e inclusão dos usuários, considerando-se a diversidade de sujeitos no contexto *multicampi* dos IF. Acessibilidade e inclusão no sentido da abrangência dos serviços e atividades informacionais disponibilizados na biblioteca compreenderem todos os indivíduos, principalmente os sujeitos da EaD e as pessoas com deficiências. No contexto dos IF, conforme relatado pelos bibliotecários, as ações e serviços das bibliotecas não contemplam os as pessoas da modalidade EaD, seja por questões estruturais, organizacionais ou pedagógicas, já que bibliotecas/bibliotecários não participam dos processos de planejamento dessa modalidade de ensino. Portanto, os acervos, serviços e atividades das bibliotecas ficam circunscritos aos sujeitos do ensino regular, restando aos sujeitos da EaD somente o acesso aos conteúdos informacionais contidos em apostilas e textos avulsos preparados e disponibilizados nos ambientes virtuais dessa modalidade. Torna-se evidente que as bibliotecas, na realidade *multicampi* dos IF, devem desenvolver acervos virtuais e processos de trabalho *online*, como forma de superação do distanciamento entre a biblioteca tradicional

e os usuários virtuais. O investimento bibliotecário em processos online/virtuais minimiza os problemas decorrentes da ausência da biblioteca em relação à EaD, problemas que por vezes acarretam impactos às relações entre a diversidade de sujeitos e os vários espaços de aprendizagem do contexto educacional *multicampi* dos IF.

Acerca dos sujeitos com deficiência, as bibliotecas também não são/estão adequadas para atendimento aos mesmos, tanto em questões estruturais quanto materiais. No aspecto estrutural, as bibliotecas não contemplam plenamente as normas legais no que se refere à adequação dos espaços para atendimento aos deficientes, visto que em casos pontuais/específicos faltam rampas de acesso e elevadores para cadeirantes, sinalização em braille e piso tátil para cegos, sinalização em Libras para surdos, etc. Em relação aos aspectos materiais, falta o desenvolvimento de acervos em atenção às demandas específicas desses sujeitos, principalmente para os cegos, como livros em braille e/ou audiolivros, computadores com softwares e equipamentos específicos, a exemplo de leitores de tela, etc. A barreira comunicacional muitas vezes se apresenta como dificultador na relação entre os profissionais da biblioteca e os usuários, especificamente com deficientes auditivos.

Em atenção às demandas dos sujeitos com deficiências, ressalta ser preciso que os bibliotecários tenham suporte dos núcleos de apoio a esses sujeitos, inclusive em relação à capacitação profissionais, de forma a dispensar o atendimento adequado aos usuários deficientes quando da compreensão das suas necessidades informacionais e de aprendizagem. Conforme ponderou Costa (2015) em sua pesquisa de mestrado junto a uma universidade pública, a ausência de demanda quantitativa desses sujeitos no espaço escolar/universitário faz com que as adaptações, modificações e adequações para atendê-los não aconteçam, principalmente nos espaços da biblioteca, aspecto também recorrente no âmbito dos IF. Nesse sentido, compreende-se que as nossas bibliotecas estão preparadas somente para funcionar, mas não estão adequadas para a inclusão da diversidade, ou seja, para o atendimento das demandas específicas dos sujeitos. Entretanto, atitudes inclusivas podem e devem ser praticadas, como forma de minimização e superação das deficiências estruturais, instrumentais e formacionais que impedem ou dificultam que a biblioteca seja acessível à diversidade. Cabe, pois, à gestão dos sistemas/redes propor ações de formação dos seus profissionais, bem como buscar apoio institucional no sentido de recomendar ações, em concordância às normas legais, que visem mitigar as barreiras à acessibilidade/inclusão da diversidade de sujeitos. Essa aproximação e integração/cooperação é necessária e benéfica,

pois, além possibilitar a acessibilidade e inclusão, também contribui para visibilizar a biblioteca no contexto institucional.

Perante os aspectos mencionados, revela-se também importante a ação reflexiva do bibliotecário, principalmente no sentido da compreensão do sentido histórico da educação técnica e profissional no Brasil, assim como a inserção dos IF neste contexto, aspecto necessário à profissionalidade do bibliotecário. A defesa dos saberes da reflexão crítico-contextual sobre instituições tão complexas como são os IF, demanda dos bibliotecários considerar os múltiplos aspectos que envolvem direta ou indiretamente o desenvolvimento e a trajetória dessas instituições e sua importância na formação dos sujeitos e no desenvolvimento local/regional. A complexidade da estruturação *multicampi* e a ausência de uma cultura e identidade próprias e fortalecidas evidenciam os desafios e questionamentos que impactam o desenvolvimento dos processos dos IF, não diferente com as questões inerentes à biblioteca. Esses desafios incluem aspectos de natureza político-legal, organizacional, profissional, didático-pedagógico e humano que precisam ser mensurados e analisados, com vistas a sua superação.

A contextualização da inserção da biblioteca e da ação bibliotecária na história da educação profissional possibilita apreender as contradições e as demandas formativas dos sujeitos no âmbito desta modalidade de ensino ao longo dos anos. Os saberes profissionais do bibliotecário muitas vezes se sobrepõem ao conhecimento do meio onde o mesmo está inserido e desenvolve sua prática. Assim, entender os desafios passados, os atuais e prever as demandas futuras é um exercício prático necessário que contribui para a melhora da ação educativa do bibliotecário, pois localiza e situa sua prática no contexto dessas instituições, o que lhes possibilita traçar estratégias de ação que contribuam com o processo de ensino-aprendizagem dos sujeitos.

Ainda acerca da ação reflexiva, outro aspecto que se apresenta desafiante ao bibliotecário é em respeito à análise da sua própria prática, bem como sobre sua condição por vezes de “alienação” frente às situações do cotidiano e os reflexos na ação junto aos usuários da biblioteca, considerando-se as urgências e demandas formativas para o trabalho na conjuntura social atual. O que se pretende com este apontamento é evidenciar a necessidade de reflexão constante acerca do trabalho, uma atitude esperada de todo profissional, não diferente com o bibliotecário, diante das situações de conflitos e incertezas relativas à formação inicial e em

relação a sua profissionalidade. Como o bibliotecário por vezes está apartado dos processos educacionais, o mesmo acaba por não pensar e refletir acerca do potencial do seu trabalho educativo e dos impactos das suas ações na aprendizagem dos sujeitos, o que acaba por contribuir com a perpetuação do estado de alienação de muitos indivíduos no contexto educacional, e em particular a educação técnica e profissional, modalidade de ensino por vezes balizada pelo mercado e pelos interesses do capital.

É evidente que a situação de inercia da grande massa trabalhadora frente à perda de direitos garantidos constitucionalmente deve-se, sobretudo, à falta de perspectivas crítico-reflexivas acerca desse aspecto, muitas vezes assimilado como natural e necessário. O posicionamento reflexivo do bibliotecário acerca dos impactos dos acontecimentos políticos, econômicos e sociais atuais em suas ações e na vida futura dos educandos também é uma das facetas da sua ação educativa, aspecto capaz de lhe possibilitar romper com a supracitada condição de inercia e alienação. Portanto, reforça-se que a reflexão, na perspectiva da formação de cidadãos como agentes políticos capazes de ultrapassar obstáculos, pensar e agir em favor de transformações sociais, é imprescindível para a construção de uma nova realidade sociocultural, aspecto a ser assumido pelo bibliotecário enquanto sujeito de transformação. Nessa perspectiva, salienta-se a necessidade das coordenações dos sistemas/redes de bibliotecas possibilitarem um espaço de reflexão e formação dos bibliotecários para além dos aspectos técnicos da profissão, em direção a compreensão da sua profissionalidade no contexto das transformações educacionais, principalmente, no campo de atuação dos IF.

Ademais, o sistema educacional demanda por profissionais capacitados, que compreendam os sentidos e os rumos do processo de educativo. Entretanto, os participantes da pesquisa reconhecem que a formação profissional do bibliotecário nos cursos de Biblioteconomia não possibilita o arcabouço de saberes didático-pedagógicos necessários a sua ação educativa. A não percepção pelos bibliotecários das reais necessidades formativas de alunos e professores reflete na desvalorização da importância do seu papel no contexto escolar, bem como do papel da biblioteca. As deficiências na formação profissional do bibliotecário, com foco na aprendizagem escolar/universitária, desafiam a ação pedagógica do mesmo, pois, a não percepção dessa formação como necessária à profissionalidade bibliotecária termina por colaborar com a não visão das bibliotecas e seus profissionais como recursos efetivos à aprendizagem, sobretudo em tempos das facilidades dos livros didáticos e do mundo de possibilidades que a internet oferece.

Observando o trabalho diário na biblioteca, percebe-se que a ausência de saberes pedagógicos, aspecto justificável em virtude dos cursos de Biblioteconomia serem de graduação e não licenciatura, não impede a ação educativa do bibliotecário, fato também destacado pelos respondentes das entrevistas. Contudo, essa ausência formativa corrobora para o fortalecimento da visão tecnicista da profissão, já que no senso comum os saberes e fazeres do bibliotecário são caracterizados pela técnica, inexistindo uma articulação com as questões próprias do campo educacional. Diante deste aspecto, a figura do bibliotecário educador fica em segundo plano, em virtude do caráter tecno-burocrático do trabalho com a informação, mesmo num espaço onde a diversidade de sujeitos demanda por uma postura mais educativa, mas sem a perda da essência dos serviços da biblioteca. Muitas vezes a desvalorização do trabalho do bibliotecário é em virtude da biblioteca encontrar-se apartada dos acontecimentos do processo de planejamento do ensino-aprendizagem e da não compreensão pelo mesmo do seu potencial educativo. Acreditar e investir em sua formação é importante, pois evidencia o seu potencial, principalmente quando está em jogo o reconhecimento, pelos sujeitos, do trabalho desenvolvido na biblioteca. Destaca-se, ainda, ser necessário ao bibliotecário compreender que o trabalho com a informação descontextualizado dos sentidos e finalidades da educação escolar é fluido e se perde no tempo/espaço e não agrega valor a sua ação educativa.

Em atenção ao exposto, ressalta-se a necessidade de apreensão e sensibilização pelo bibliotecário do sentido da sua profissionalidade educativa, faceta indispensável ao fortalecimento da sua atuação no ambiente escolar/universitário. Nessa expectativa, a pesquisa possibilitou apreender que o bibliotecário é o responsável por administrar sua profissionalização, bem como os rumos do seu percurso formativo. Em relação ao perfil tecnicista cunhado na sua formação primeira, suas escolhas formativas na educação continuada tendem à mesma direção. Entretanto, o ambiente ensino requer do bibliotecário a capacidade de dialogar com este contexto, no sentido de contribuir com as questões que lhe são inerentes. Essa compreensão/formação por parte do bibliotecário é essencial, visto que as atitudes assertivas no âmbito da sua atuação dependem da apreensão de um arcabouço de saberes, principalmente didático-pedagógicos, além daqueles conhecimentos técnicos da profissão bibliotecária. Ademais, a ação educativa como ato intencional requer e exige também a mobilização de saberes experienciais e atitudinais/comportamentais na perspectiva

crítico-reflexiva e ética, saberes esses que são (re)construídos e aperfeiçoados com tempo no intercurso experiencial com os pares e com os educandos na ação profissional.

Dentre tudo o que foi relatado até aqui, dos desafios histórico-contextuais da educação técnica e profissional, aqueles de natureza organizacional/infraestrutural dos IF e os de caráter didático-pedagógicos relativos à ação educativa vivenciados no dia a dia de trabalho nas bibliotecas, foi possível evidenciar com esta pesquisa que o desafio mais significativo é o número insuficiente de profissionais, principalmente de bibliotecários. A carência deste profissional nas bibliotecas acarreta reflexos ao desenvolvimento e oferta dos serviços informacionais, realidade, não exclusiva dos IF, mas realidade de muitas instituições, mas que, no entanto, mostra-se significativa se observada a expansão rápida destas unidades escolares em descompasso com o quantitativo de recursos humanos. Em decorrência desta situação, há um prejuízo na prática educativa do bibliotecário, prática muitas vezes relegada a um plano secundário e que não acontece à contento do almejado, já que num primeiro momento a ausência das atividades dessa natureza não acarreta prejuízos ao “bom funcionamento” da biblioteca, haja vista que o acesso aos recursos informacionais é mais urgente.

Resta, pois, que a ausência de debates e reflexões, sobretudo no campo de formação profissional, acerca do papel/função do bibliotecário, do ponto de vista dos saberes pedagógicos necessários a sua profissionalidade, colabora com a indefinição do que seja o papel educativo e os contornos da ação bibliotecária no ambiente escolar/acadêmico. Conclui-se que este fato contribui para o distanciamento da biblioteca e bibliotecário dos processos de ensino, já que estes papéis/funções não estão plenamente respaldados nos documentos que subsidiam o planejamento educacional. Salienta-se que não é possível afirmar, por intermédio da pesquisa documental, a forma como a biblioteca deve ser e como o bibliotecário deve atuar nas atividades de ensino, pesquisa e extensão no contexto dos IF, em virtude da inexistência de políticas institucionais que explicitam o papel/ação do bibliotecário e o desenvolvimento contínuo da biblioteca, enquanto aparatos pedagógicos de apoio ao ensino-aprendizagem. No entanto, destaca-se a importância da oferta e desenvolvimento de atividades e ações educativas de usuários, como forma de lhes possibilitar a autonomia necessária às escolhas informacionais que possam contribuir com o seu progresso educativo.

Mediante as reflexões aqui propostas, sobretudo acerca da importante e essencialidade da compreensão da natureza educativa do trabalho dos bibliotecários no espaço da biblioteca, compreende-se que as coordenações dos sistemas/redes de bibliotecas precisam proporcionar aos seus profissionais um espaço de formação acerca dos saberes necessários à ação educativa. Nesse sentido, a pesquisa possibilitou o despertar da atenção dos bibliotecários quanto à formação para a ação pedagógica no âmbito da biblioteca, conforme afirmação da BIBLIOTECÁRIA 4 na passagem citada na página 97. Portanto, à luz das teorias que embasaram essa discussão e observando as considerações da entrevistada acima mencionada, ficou evidenciada a necessidade do bibliotecário refletir acerca da sua profissionalidade em relação à ação educativa, de maneira a estar inserido no ensino e poder colaborar com o processo de ensino-aprendizagem dos sujeitos no âmbito dos IF.

Considerando-se os aspectos pessoal e profissional envolvidos nessa pesquisa, afirma-se que a mesma possibilitou a apreensão quanto à reflexão de como o bibliotecário se percebe enquanto sujeito em meio aos contextos social e profissional e o quanto pode colaborar com as reflexões acerca das diversas questões que se apresentam na realidade cotidiana, sobretudo em relação aos conteúdos correlatos ao seu contexto de inserção/atuação, ou seja, a biblioteca.

Ponderando também a respeito da insuficiência de pesquisas que abordam a formação didático-pedagógica do bibliotecário para a atuação no ambiente escolar/acadêmico, principalmente no âmbito da educação técnica e profissional, acredita-se que a discussão proposta nesta pesquisa contribui com as investigações empreendidas no campo da Biblioteconomia/Ciência da Informação, âmbito de formação do bibliotecário, assim como nas investigações no campo da Educação, espaço de profissionalidade de muitos bibliotecários. Ainda, ressalta-se a relevância da discussão acerca da atuação dos bibliotecários em um contexto de ensino tão específico e institucionalmente complexo como são os IF, com sua estruturação *multicampi*. Um ambiente que é ao mesmo tempo escolar e universitário e que compreende uma diversidade de sujeitos sem igual em outras instituições.

Diante dos resultados obtidos com essa pesquisa, enfatiza-se a necessidade de desenvolvimento de novos estudos no âmbito das bibliotecas dos IF, bem como em toda a RFEPCT. Entre as várias vertentes, destaca-se a abordagem das especificidades das bibliotecas sob diversos aspectos:

- ✓ Em relação às políticas institucionais no âmbito da RFEPCT, tanto da perspectiva político-administrativa quanto do ponto de vista educacional, para compreendê-las enquanto organizações escolares;
- ✓ Sob a perspectiva dos usuários - alunos, professores, funcionários, etc. - no contexto *multicampi* dos IF, com a finalidade de se captar informações acerca da atuação dessas unidades informacionais frente às demandas educacionais;
- ✓ Da perspectiva dos IF que não possuem uma estruturação/organização integrada/cooperativa dessas unidades informacionais, visando-se apreender as relações de forças e poder presentes nas questões institucionais, estruturais, educacionais e bibliotecárias que interferem na integração das bibliotecas;
- ✓ Sob a ótica da acessibilidade - arquitetônica, informacional e instrumental - e da inclusão da diversidade de sujeitos, sobretudo das pessoas com deficiências e dos sujeitos da EaD;

Para finalizar a discussão, é perceptível a importância dos IF como instrumentos de formação e oportunidade de acesso aos sujeitos à educação técnica e profissional de qualidade enquanto projeto societário, mas resta também as dificuldades e limitações de sua ação, questões que precisam ser colocadas em debate, tendo como destaque notadamente a contribuição da ação educativa dos bibliotecários para a formação no âmbito da realidade *multicampi* dos IFs.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico**: elaboração de trabalhos na graduação. 10. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- ANDRE, Marli Elisa Dalmazio Afonso de; OLIVEIRA, Maria Rita Neto Sales. A prática do ensino de didática no Brasil: introduzindo a temática. In: \_\_\_\_\_. **Alternativas no ensino de didática**. 10. ed. Campinas: Papyrus, 2009. p. 7-18.
- ARAÚJO, Eliany Alvarenga de; DIAS, Guilherme Atayde. A atuação profissional do bibliotecário no contexto da sociedade da informação: os novos espaços de informação. In: OLIVEIRA, Marlene de. (Org.). **Ciência da informação e biblioteconomia**: novos conteúdos e espaços de atuação. Belo Horizonte: Ed da UFMG, 2005.
- BAMPI, Aumeri Carlos; DIEL, Jeferson Odair. O modelo multicampi de universidade e suas relações com a sociedade. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL SOBRE GESTÃO UNIVERSITÁRIA NAS AMÉRICAS, 13., 2013, Buenos Aires. **Anais...** Florianópolis: UFSC, 2013. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/114920>>. Acesso em: 13 abr. 2017.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BERNARDINO, Maria Cleide Rodrigues; SUAIDEN, Emir Jose. O papel social da biblioteca pública na interação entre informação e conhecimento no contexto da ciência da informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.16, n.4, p.29-41, out./dez. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pci/v16n4/v16n4a04>>. Acesso em: 17 maio 2017.
- BRANDÃO, Zaia. Abordagens alternativas para o ensino da didática. In: CANDAU, Vera Maria (Org.). **A didática em questão**. 31. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. Parte 3: Abordagens alternativas para o ensino da didática. p. 55-65.
- BRASIL. Decreto nº 19.402, de 14 de novembro de 1930. Cria uma Secretaria de Estado com a denominação de Ministério dos Negócios da Educação e Saúde Pública. **Diário Oficial da União**, Rio de Janeiro, Seção 1, p. 20883, 1930. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19402-14-novembro-1930-515729-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 13 ago. 2016.
- BRASIL. Decreto nº 7.566, de 23 de setembro de 1909. Cria nas capitais dos Estados as Escolas de Aprendizes Artífices, para o ensino profissional primário e gratuito. **Diário Oficial da União**, Rio de Janeiro, Seção 1, p. 6975, 1909. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf3/decreto\\_7566\\_1909.pdf](http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf3/decreto_7566_1909.pdf)>. Acesso em: 13 ago. 2016.
- BRASIL. Decreto-Lei nº 200, de 25 de fevereiro de 1967. Dispõe sobre a organização da Administração Federal, estabelece diretrizes para a reforma administrativa e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 1967. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/Del0200.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del0200.htm)>. Acesso em: 11 mar. 2016.

BRASIL. Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 2008. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/111892.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111892.htm)>. Acesso em: 13 ago. 2016.

BRASIL. Lei nº 12.244, de 24 de maio de 2010. Dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País. **Diário Oficial da União**, Brasília, 2010. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2010/lei/112244.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112244.htm)>. Acesso em: 17 maio 2017.

BRASIL. Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961. Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, Seção 1, p. 11429. 1967. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-4024-20-dezembro-1961-353722-publicacaooriginal-1-pl.html>>. Acesso em: 11 mar. 2016.

BRASIL. Lei nº 8.948, de 8 de dezembro de 1994. Dispõe sobre a instituição do Sistema Nacional de Educação Tecnológica e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 1994. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L8948.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8948.htm)>. Acesso em: 13 ago. 2016.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, 1996. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L8948.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8948.htm)>. Acesso em: 13 ago. 2016.

BRASIL. Lei nº 9.649, de 27 de maio de 1998. Dispõe sobre a organização da Presidência da República e dos Ministérios, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 28 maio 1998. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9649cons.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9649cons.htm)>. Acesso em: 13 ago. 2016.

BRASIL. Lei nº 6.545, de 30 de junho de 1978. Dispõe sobre a transformação das Escolas Técnicas Federais de Minas Gerais, do Paraná e Celso Suckow da Fonseca em Centros Federais de Educação Tecnológica e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 1978. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L6545.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L6545.htm)>. Acesso em: 13 ago. 2016.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Portaria nº 67, de 6 de fevereiro de 1987. Cria Unidades de Ensino Descentralizadas. **Diário Oficial da União**, Brasília, 6 fev. 1987. Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/diarios/3196334/dou-secao-1-10-02-1987-pg-18/pdfView>> DOU de 10/02/1987, Seção I, p. 2062>. Acesso em: 14 abr. 2017.

CAMPELLO, Bernadete Santos. A função educativa da biblioteca escolar no Brasil: perspectivas para o seu aperfeiçoamento. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., 2003a, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte, Escola de Ciência da Informação da UFMG, 2003. p. 1-29. Disponível em: <<http://gebe.eci.ufmg.br/downloads/ENAN054.pdf>>. Acesso em: 28 mar. 2017.

CAMPELLO, Bernadete Santos. **Letramento informacional no Brasil**: práticas educativas de bibliotecários em escolas de ensino básico. 2009. 208 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo

Horizonte, 2009. Disponível em:

<<http://gebe.eci.ufmg.br/downloads/tese%20campello%202009.pdf>>. Acesso em: 31 mar. 2017.

CAMPELLO, Bernadete. O movimento da competência informacional: uma perspectiva para o letramento informacional. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 32, n. 3, set./dez. 2003b. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-19652003000300004](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19652003000300004)>. Acesso em: 05 fev. 2017.

CAMURÇA, Tatiana Apolinário; ARAÚJO, Islânia Fernandes; MORAIS, Sara Maria Peres de. A construção de um sistema integrado de bibliotecas no Instituto Federal do Ceará: motivação, dificuldade e expectativas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25., 2013, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: CBBB, 2013. Disponível em: <<https://portal.febab.org.br/anais/article/view/1464>>. Acesso em: 11 mar. 2016.

CANDAU, Vera Maria. A didática e a formação de educadores – da exaltação à negação: a busca da relevância. In: CANDAU, Vera Maria (Org.). **A didática em questão**. 31. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. Parte 1: Papel da didática na formação de educadores. p. 13-24.

CANDAU, Vera Maria. Da didática fundamental ao fundamental da didática. In: ANDRE, Marli Elisa Dalmazio Afonso de; OLIVEIRA, Maria Rita Neto Sales. **Alternativas no ensino de didática**. 10. ed. Campinas: Papirus, 2009. p.71-95.

CANDAU, Vera Maria. **Rumo a uma nova didática**. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino; SILVA, Roberto da. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, c2007.

COMISSÃO BRASILEIRA DE BIBLIOTECAS DA REDE FEDERAL DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA. **Dados sobre sistemas de bibliotecas instituídos na RFEPC**: atualização 2017. Disponível em: <<http://www.cbbionline.org>>. Acesso em: 14 maio 2018.

COSTA, Maria Adélia da. **Políticas de formação docente para a educação profissional: realidade ou utopia?** Curitiba: Appris, 2016.

COSTA, Michelle Karina Assunção. **Inclusão e acessibilidade nas bibliotecas universitárias: a formação e atuação do bibliotecário**. 2015. 163 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação, Belo Horizonte, 2015. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1843/BUBD-A8SHQ3>>. Acesso em: 07 jun. 2017.

CRESWELL, John W.; PLANO CLARK, Vicki L. **Pesquisa de métodos mistos**. 2. ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

CUNHA, Lelia G. C. Sistemas e redes de informação. **Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 35-43, 1977. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/90/90>>. Acesso em: 11 mar. 2016.

CUNHA, Murilo Bastos da. A biblioteca universitária na encruzilhada. **DataGramaZero – Revista de Ciência da Informação**, v. 11, n. 6, dez. 2010. Disponível em: <[http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/14869/1/ARTIGO\\_BibliotecaUniversitariaEncruzilhada.pdf](http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/14869/1/ARTIGO_BibliotecaUniversitariaEncruzilhada.pdf)>. Acesso em: 19 jan. 2017.

DIAS, Maria Matilde Kronka; PIRES, Daniela. **Usos e usuários da informação**. São Carlos: EdUFSCar, 2004. Disponível em: <<https://bibliotextos.files.wordpress.com/2012/12/usos-e-usuarios-da-informacao.pdf>>. Acesso em: 19 jan. 2017.

DONAIRES, Omar Sacilotto. Desafios para a aplicação da visão sistêmica nas empresas e no meio acadêmico. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SISTEMAS. 10., 2014, Ribeirão Preto. [Anais...]. São Paulo: ISSS Brasil, 2014. Disponível em: <<http://www.issbrasil.usp.br/ocs/index.php/cbs/10cbs/paper/viewFile/32/25>>. Acesso em: 25 mar. 2017.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE ASSOCIAÇÕES DE BIBLIOTECÁRIOS E INSTITUIÇÕES. **Diretrizes da IFLA/UNESCO para a biblioteca escolar**. São Paulo, 2005. Disponível em: <[http://www.ifla.org/files/assets/school-libraries-resource-centers/publications/school-library-guidelines/school-library-guidelines-pt\\_br.pdf](http://www.ifla.org/files/assets/school-libraries-resource-centers/publications/school-library-guidelines/school-library-guidelines-pt_br.pdf)>. Acesso em: 13 jan. 2017.

FÉLIX, Andreza Ferreira. **Práticas educativas em bibliotecas escolares: a perspectiva da cultura escolar – uma análise de múltiplos casos na RME/BH**. 2014. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014. Disponível em: <[http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/BUOS-9UFN8D/disserta\\_\\_o\\_afflelix\\_versaofinal\\_final\\_revisado.pdf?sequence=1](http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/BUOS-9UFN8D/disserta__o_afflelix_versaofinal_final_revisado.pdf?sequence=1)>. Acesso em: 31 mar. 2017.

FERREIRA, Lusimar Silva. **Centralização e descentralização das bibliotecas universitárias brasileiras**. 1976. 250 f. Dissertação (Mestrado em Administração Pública) – Escola Brasileira de Administração Pública, Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 1976. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10438/8861>>. Acesso em: 6 nov. 2016.

FLICK, Uwe. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FREIRE, Paulo. Carta de Paulo Freire aos professores. **Estudos Avançados**, v. 15, n. 42, p. 259-268, 2001. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142001000200013](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142001000200013)>. Acesso em: 13 jan. 2017.

FREIRE, Paulo. Educação e participação comunitária. In: CASTELLS, Manuel *et al.* **Novas perspectivas críticas em educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996a. p. 53-62. (Educação: teoria e crítica).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996b. (Coleção Leitura).

FREITAS, I. M. S. *et al.* Identidade e fazer docência: aprendendo a ser e estar na profissão. In: FARIAS, Isabel Maria Sabino de *et al.* **Didática e docência: aprendendo a profissão**. Brasília: Liber, 2009. Cap. 2. p. 55-78.

FRIGOTTO, Gaudêncio. A relação da educação profissional e tecnológica com a universalização da educação básica. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 100 - Especial, p. 1129-1152, out. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v28n100/a2328100.pdf>>. Acesso em: 08 maio 2017.

GASQUE, Kelley C. G. D.; CASARIN, Helen C. S. Bibliotecas escolares: tendências globais. **Em questão**, Porto Alegre, n. 1, p. 1-21, 2016. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/viewFile/60697/38415>>. Acesso em: 22 jan. 2018.

GERHARDT, Tatiana Engel; SOUZA, Aline Corrêa de. Aspectos teóricos e conceituais. GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (Org.). Métodos de pesquisa. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. p. 31-42. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>>. Acesso em: 18 jul. 2017.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOMES, Henriette Ferreira; SANTOS, Raquel do Rosário. Atividades de mediação para a leitura e escrita: uma análise dos níveis de mediação em experiências realizadas por bibliotecas de universidades públicas. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 43, n. 2, p. 257-271, maio/ago. 2014. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/article/viewFile/1408/1586>>. Acesso em: 13 jan. 2017.

GOUVEIA, Fernanda Paixão de Souza. A expansão dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia no território brasileiro: entre o local e o nacional. **Espaço e Economia: Revista Brasileira de Geografia Econômica**, Ano 5, n. 9, 2016. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/espacoeconomia/2434>>. Acesso em: 01 mar. 2018.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO CEARÁ. Pró-Reitoria de Ensino. Departamento de Bibliotecas. **Regimento interno do sistema de bibliotecas**. Fortaleza, 2015. Disponível em: <<https://ifce.edu.br/proen/bibliotecas/arquivos/portaria-criacao-sibi-410-gr.pdf>>. Acesso em: 01 mar. 2018.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO DE JANEIRO. Diretoria de Desenvolvimento Institucional e Expansão. Coordenação Geral de Bibliotecas. **Resolução nº 23**, de 25 de julho de 2017. Aprova o regulamento institucional das bibliotecas, no âmbito do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio De Janeiro - IFRJ. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <<http://portal.ifrj.edu.br/conselho-superior/resolucoes>>. Acesso em: 01 mar. 2018.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO SUL. Conselho Superior. **Resolução nº 036**, de 20 de junho de 2017. Aprova o Regimento Interno do Sistema de Bibliotecas do Instituto Federal do Rio Grande do Sul – SiBIFRS. Bento Gonçalves, 2017. Disponível em: <<https://ifrs.edu.br/wp->

content/uploads/2017/07/Resolucao-36-2017-Regimento-SiBIFRS.pdf>. Acesso em: 01 mar. 2018.

KASPER, Patrícia Penha. **Formação de professores: um olhar sobre a educação profissional**. Curitiba: Appris, 2016.

KIRSCHBAUM, Charles. Decisões entre pesquisas quali e quanti sob a perspectiva de mecanismos causais. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 28, n. 82, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v28n82/v28n82a11>>. Acesso em: 12 jan. 2017.

LACERDA, Cecília Rosa. Saberes necessários à prática docente no ensino superior: olhares dos professores dos cursos de bacharelado. **Revista Docência do Ensino Superior**, Belo Horizonte, v. 5, n. 2, p. 79-100, out. 2015.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean; SIMAN, Lana Mara de Castro. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

LIMA FILHO, Domingos Leite. O ensino técnico-profissional e as transformações do estado-nação brasileiro no século XX. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 2., 2002, Natal. **Anais...** Natal: Núcleo de Arte e Cultura da UFRN, 2002. v. 1. p. 1-12. Disponível em: <<http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema6/0668.pdf>>. Acesso em: 13 abr. 2017.

LIMA, Etelvina. A biblioteca no ensino superior. **Revista de Biblioteconomia**, Brasília, v. 5, n. 2, jul./dez. 1977. Disponível em: <<http://basessibi.c3sl.ufpr.br/brapci/index.php/article/view/0000002045/cc0de2bcbb1c111742352e0521e3d7c0>>. Acesso em: 08 mar. 2016.

LIMAS, Rubeniki Fernandes de. **Redes de bibliotecas escolares no Brasil**. 2015. 142 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação, Belo Horizonte, 2015. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1843/BUBD-A8SJNL>>. Acesso em: 06 jun. 2017.

LUCK, Ester Hermes *et al.* A biblioteca universitária e as diretrizes curriculares do ensino de graduação. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 11, 2000, Florianópolis, SC. **Anais...** Florianópolis: UFSC, 2000. Disponível em: <<http://snbu.bvs.br/snbu2000/parallel.html>>. Acesso em: 21 jan. 2017.

LUCKESI, Cipriano Carlos. O papel da didática na formação do educador. In: CANDAU, Vera Maria (Org.). **A didática em questão**. 31. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. Parte 1: Papel da didática na formação de educadores. p. 25-34.

LUDKE, Menga. Novos enfoques da pesquisa em didática. In: CANDAU, Vera Maria (Org.). **A didática em questão**. 31. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. Parte 4: A pesquisa em didática: realidades e propostas. p. 79-93.

MACIEL, Alba Costa; MENDONÇA, Marília Alvarenga Rocha. A função gerencial na biblioteca universitária. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 11., 2000, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis, UFSC, 2000.

Disponível em: <<http://www.repositorio.uff.br/jspui/handle/1/479>>. Acesso em: 25 mar. 2017.

MACIEL, Margareth de Fátima *et al.* Apontamentos sobre o trabalho da docência. In: SILVA, Jefferson Olivatto da; NEVES, Isabel Cristina (Org.). **Da formação do professor às práticas pedagógicas**. Curitiba: CRV, 2010. p. 43- 67.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARTINI, Márcia M.J., VENTURA, Paulo C. S., PEREIRA, Bernadeth M. A história da educação tecnológica em Belo Horizonte no contexto da criação da capital mineira. In: CONGRESSO DE PESQUISA E ENSINO EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO EM MINAS GERAIS, 3., 2005, São João Del Rei. **Anais...** São João Del Rei, 2005. Disponível em: <<http://www.fae.ufmg.br/portalmineiro/conteudo/externos/3cpehemg/congresso/tema7.htm>>. Acesso em: 13 abr. 2017.

MEDEIROS, João Bosco. **Redação científica: a prática de fichamentos, resumos, resenhas**. 11. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MEDEIROS NETA, O. M.; NASCIMENTO, J. M.; RODRIGUES, A. G. F. Uma escola para aprendizes artífices e o ensino profissional primário gratuito. **Holos**, Ano 28, v. 2, 2012. Disponível em: <<http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/viewFile/919/534>>. Acesso em: 15 mar. 2016.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Centenário da rede federal de educação profissional e tecnológica**. Brasília, [2016]. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/centenario/historico\\_educacao\\_profissional.p](http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/centenario/historico_educacao_profissional.p)>. Acesso em: 6 nov. 2016.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica**. 2009. Disponível em: <<http://redefederal.mec.gov.br/colegiados>>. Acesso em: 13 ago. 2016.

MIRANDA Ana Cláudia Carvalho de; D'AMORE Ticiano Maciel; PINTO Virginia Bentes. Gestão documental da informação jurídica. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.18, n.3, p. 96-110, jul./set. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pci/v18n3/07.pdf>>. Acesso em: 25 mar. 2017.

MIRANDA, Antonio. Políticas e planejamento de sistemas de informação no Brasil: um caminho tortuoso. In: ENCONTRO NACIONAL DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 4., 2004, Salvador. **Anais...** Salvador: CINFOM, 2004. Disponível em: <[http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/682/1/EVENTO\\_PolíticasPlanejamento.pdf](http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/682/1/EVENTO_PolíticasPlanejamento.pdf)>. Acesso em: 11 mar. 2016.

MOTA, Francisca Rosaline Leite. OLIVEIRA, Marlene de. Formação e atuação profissional. In: OLIVEIRA, Marlene de. (Org.). **Ciência da informação e biblioteconomia: novos conteúdos e espaços de atuação**. Belo Horizonte: Ed da UFMG, 2005.

NASCIMENTO, Maria José; BURIN, Camila Koerich. A presença da web nos serviços de referência em unidades de informação: revisão da literatura. **Revista ABC: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 11, n. 1, p. 129-142, jan./jul., 2006. Disponível em: <<https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/472>>. Acesso em: 13 jan. 2017.

NEZ, Egeslaine de. A qualidade do ensino numa universidade multicampi: desafios da gestão institucional. In: SEMINÁRIO NACIONAL INTERDISCIPLINAR EM EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS, 5., 2015, Francisco Beltrão. **Anais...** Cascavel: UNIOESTE, 2015. Disponível em: <<http://www.unioeste.br/eventos/senieseminario/anais/>>. Acesso em: 19 abr. 2017.

PACHECO, Eliezer. **Os institutos federais: uma revolução na educação profissional e tecnológica**. Natal/RN: IFRN, 2010. v. 1. 26 p. Disponível em: <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000013531.pdf>>. Acesso em: 19 abr. 2017.

PALETTA, Francisco Carlos *et al.* Planejamento de serviços de informação em biblioteca escolar uma proposta prática. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia**, João Pessoa, v. 9, n. 1, p. 001-017, 2014. Disponível em: <[periodicos.ufpb.br/index.php/pbcib/article/download/18908/10895](http://periodicos.ufpb.br/index.php/pbcib/article/download/18908/10895)>. Acesso em: 17 maio 2017.

PEREIRA, M. F. R. Dois sentidos para a educação na década de 1980: democracia e cidadania/implicações históricas. In: LOMBARDI, José Claudinei *et al.* (Org.). **Navegando pela história da educação brasileira**. Campinas: Histedbr, 2006. p. 1-29. Disponível em: <[http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/artigos\\_frames/artigo\\_071.html](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/artigos_frames/artigo_071.html)>. Acesso em: 13 ago. 2016.

PERRENOUD, Philippe. **Dez novas competências para ensinar: convite à viagem**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

PILETTI, Claudino. **Didática geral**. 24. ed. São Paulo: Ática, 2010. (Série educação).

PIMENTA, Selma Garrido. A didática como mediação na construção da identidade do professor: uma experiência de ensino e pesquisa na licenciatura. ANDRE, Marli Elisa Dalmazo Afonso de; OLIVEIRA, Maria Rita Neto Sales. **Alternativas no ensino de didática**. 10. ed. Campinas: Papyrus, 2009. p. 37-69.

QUEIROZ, Ângelo Azevedo *et al.* (Org.). **Capacitação tecnológica da população**. Brasília: Câmara dos Deputados, 2007. (Cadernos de altos estudos; 4).

QUIRINO, Raquel. Saberes e práticas do pedagogo como coordenador pedagógico. **Revista Docência do Ensino Superior**, Belo Horizonte, v. 5, n. 2, p. 31-56, out. 2015.

RAYS, Oswaldo Alonso. Pressupostos teóricos para o ensino da didática. In: CANDAU, Vera Maria (Org.). **A didática em questão**. 31. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. Parte 2: Pressupostos teóricos do ensino da didática. p. 43-52.

REIS, Alcenir Soares dos. **Educação a distância no Brasil: uma leitura sob a ótica da razão jurídica**. 2002. 278 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, Belo Horizonte, 2002.

RUIZ, João Alvaro. **Metodologia científica: guia para eficiência nos estudos**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

SANTIAGO, Sandra Maria Neri; AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier de. Educação de usuários: um estudo junto ao sistema integrado de bibliotecas da UFPE. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 17, n. 2, p. 246-268, jul./dez. 2012. Disponível em: <<https://revista.acbsc.org.br/racb/article/download/835/pdf>>. Acesso em: 05 fev. 2017.

SANTOS, Maria Aparecida Brito. **Regulamentação e concepção das bibliotecas dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia: em busca de sua historicidade e identidade**. 2017. 149 p. Dissertação (Mestrado em Ciência, Tecnologia e Sociedade) - Universidade Federal de São Carlos, Centro de Educação e Ciências Humanas, São Carlos, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/8919/DissMABS.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 05 fev. 2017.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2006.

SAVIANI, Demerval. Os saberes implicados na formação do educador. In: BICUDO, M. A. V.; SILVA JUNIOR, C. A. (Org.). **Formação do educador: dever do Estado, tarefa da universidade**. São Paulo: UNESP, 1996. p. 145-155.

SILINGOVSKI, Regina Rita Liberati. **A função pedagógica da biblioteca universitária enquanto organização e espaço educacional: estudo de caso**. 2013. 161 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Oeste Paulista – UNOESTE, Presidente Prudente, São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://bdtd.unoeste.br:8080/jspui/handle/tede/889>>. Acesso em: 17 nov. 2016.

SILVA, Edna Lúcia da; CUNHA, Miriam Vieira da. A formação profissional no século XXI: desafios e dilemas. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 31, n.3, p. 77-82, set./dez. 2002. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-19652002000300008](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19652002000300008)>. Acesso em: 24 mar. 2018.

SILVA, Cleonice Maria da; SILVA, Regina Maria da. Institutos federais: diversidade de sujeitos, formações plurais. **Revista Científica Interdisciplinar**, n. 4, v. 2, p. 343-482, out./dez. 2015. Disponível em: <<http://revista.srvroot.com/linkscienceplace/index.php/linkscienceplace/article/view/175/11>>. Acesso em: 17 maio 2017.

SILVA, Moema Brandão da. **Bibliotecas universitárias na EAD: processos e trajetórias em discussão**. 2014. 165 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1843/BUOS-9V4Q4N>>. Acesso em: 22 nov. 2016.

SOUSA, Beatriz Alves; SANTOS JÚNIOR, Mardônio Lacet. O que é biblioteca: um olhar dos alunos da educação profissional. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 17., 2012, Gramado. **Anais...** Gramado: CBBU, 2012. Disponível em: <<http://www.snbu2012.com.br/anais/pdf/4QAZ.pdf>>. Acesso em: 17 maio 2017.

SOUSA, Margarida Maria de. **A função educativa do bibliotecário no século XXI: desafios para sua formação e atuação.** 2014. 194 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-20102014-111350/pt-br.php>>. Acesso em: 17 nov. 2016.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional.** 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

TOMAÉL, Maria Inês. Práticas de Inovação do Bibliotecário no Ambiente Virtual. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência Da Informação**, v. 19, n. 39, p. 83-112, jan./abr., 2014. DOI: 10.5007/1518-2924.2014v19n39p83.

VARELA OROL, Concha; GARCIA MELERO, Luis Angel; GONZALEZ GUITIAN, Carlos. Redes de bibliotecas. **Boletín de La Anabad**, La Coruña, v. 38, n. 1-2, p. 215-242, 1988. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=904109>>. Acesso em: 01 mar. 2018.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar.** Porto Alegre: Artmed, 1998.

**APÊNDICE A – Atividades educativas nas bibliotecas**

**Quadro 6 - Atividades educativas desenvolvidas nas bibliotecas dos IFs**

<b>SISTEMAS/REDES DE BIBLIOTECA</b>	<b>ATIVIDADES EDUCATIVAS</b>
SIBIFB	<ul style="list-style-type: none"> <li>* orientação para normalização bibliográfica;</li> <li>* capacitação de usuários quanto ao uso dos recursos informacionais;</li> <li>* orientação para acesso a bibliotecas virtuais;</li> <li>* auxílio individual à normalização de trabalhos acadêmicos;</li> <li>* visitas orientadas às dependências da biblioteca;</li> <li>* orientação na elaboração de referências bibliográficas;</li> <li>* orientação e apoio nos levantamentos bibliográficos;</li> <li>* orientação para utilização do sistema SIABI;</li> <li>* orientação para acesso ao Portal de Periódicos Capes.</li> </ul>
SIB/IFG	<ul style="list-style-type: none"> <li>* orientação para a cesso ao Portal de Periódicos Capes;</li> <li>* auxílio a normalização de trabalhos acadêmicos;</li> <li>* capacitação quanto ao uso dos recursos e serviços da biblioteca;</li> <li>* visita orientada.</li> </ul>
SIBI - IFGoiano	<ul style="list-style-type: none"> <li>* orientação para acesso ao Portal de Periódicos da Capes;</li> <li>* visitas orientadas;</li> <li>* orientações sobre o uso do ambiente das bibliotecas;</li> <li>* orientação para normalização bibliográfica.</li> </ul>
SIB - IFBA	<ul style="list-style-type: none"> <li>* orientação na utilização das fontes e recursos informacionais;</li> <li>* auxílio a pesquisas no acervo e na internet;</li> <li>* treinamento para utilização do Portal de Periódicos CAPES;</li> <li>* treinamento de usuários.</li> </ul>
SIBI - IFCE	<ul style="list-style-type: none"> <li>* capacitação de usuários para a utilização do Portal de Periódicos da Capes;</li> <li>* capacitação de usuários para a utilização da Biblioteca Virtual Pearson;</li> <li>* capacitação de usuários para uso dos recursos do Portal Sophia.</li> </ul>
SIB - IFPB	<ul style="list-style-type: none"> <li>* auxílio à pesquisa;</li> <li>* educação para uso dos serviços e sistema da biblioteca;</li> <li>* recepção de novas turmas e visitas dirigidas.</li> </ul>
SIBI - IFPE	<ul style="list-style-type: none"> <li>* orientação acerca dos serviços e normas da biblioteca;</li> <li>* orientação à pesquisa;</li> <li>* orientação para acesso a bibliotecas virtuais Ebrary e Pearson;</li> <li>* orientação para acesso ao Portal de Periódicos Capes.</li> </ul>
SIB - IFS	<ul style="list-style-type: none"> <li>* treinamentos para uso dos recursos informacionais disponíveis nos acervos físico e virtual;</li> <li>* treinamento para uso dos recursos do Sistema Pergamum;</li> <li>* treinamento para acesso ao Portal de Periódicos da Capes; * treinamento para acesso a base de dados da ABNT;</li> <li>* orientação para acesso a biblioteca virtual Ebrary;</li> <li>* programa para o incentivo à leitura.</li> </ul>
SIBI IF Sertão-PE	<ul style="list-style-type: none"> <li>* visita dirigida à biblioteca;</li> <li>* orientação aos usuários p ara utilização do acervo;</li> <li>* orientação para normalização bibliográfica (normas da ABNT);</li> <li>* treinamento para acesso às bibliotecas virtuais Ebrary e Pearson;</li> <li>* treinamento para acesso ao Portal de Periódicos da Capes;</li> <li>* treinamentos para uso dos sistemas da Biblioteca.</li> </ul>
SIBI-IFAM	<ul style="list-style-type: none"> <li>* orientação para o acesso e o uso dos recursos informacionais;</li> <li>* orientação para normalização de trabalhos acadêmicos (normas da ABNT);</li> <li>* treinamentos para capacitação de usuários;</li> <li>* visitas orientadas.</li> </ul>
Rede de Bibliotecas	<ul style="list-style-type: none"> <li>* visita guiada à biblioteca;</li> </ul>

IFMG	<ul style="list-style-type: none"> <li>* orientação aos usuários para utilização dos recursos informacionais da biblioteca;</li> <li>* orientação para normalização de trabalhos acadêmicos (normas da ABNT);</li> <li>* treinamento para acesso às bibliotecas virtuais Ebrary e Pearson;</li> <li>* treinamento para acesso ao Portal de Periódicos da Capes.</li> </ul>
SIBi - IFRJ	<ul style="list-style-type: none"> <li>* orientação para apresentação de trabalhos acadêmicos (Normas da ABNT);</li> <li>* orientação para acesso ao Portal de Periódicos CAPES;</li> <li>* orientação para acesso à biblioteca virtual Ebrary.</li> </ul>
Rede de Bibliotecas IFSP	<ul style="list-style-type: none"> <li>* orientação dos usuários quanto à normalização bibliográfica;</li> <li>* orientação para acesso ao Portal de Periódicos CAPES;</li> <li>* orientação dos usuários no uso dos recursos e serviços informacionais.</li> </ul>
Rede de Bibliotecas IFSul de Minas	<ul style="list-style-type: none"> <li>* orientação dos usuários quanto à pesquisa, localização e organização do acervo;</li> <li>* orientação dos usuários quanto à normalização bibliográfica;</li> <li>* orientação dos usuários quanto à utilização da Comutação bibliográfica;</li> <li>* orientação dos usuários no uso dos recursos e serviços informacionais;</li> <li>* orientação dos usuários no levantamento bibliográfico em assuntos especializados.</li> </ul>
SIBI-IFC	<ul style="list-style-type: none"> <li>* orientação e capacitação de usuários para uso dos recursos informacionais;</li> <li>* orientação para normalização de trabalhos acadêmicos (normas da ABNT);</li> <li>* visitas orientadas;</li> <li>* treinamentos para acesso ao Portal Capes;</li> <li>* orientação para professores e coordenadores de curso acerca das bibliografias básicas e complementares nos planos de ensino.</li> </ul>
Rede de Bibliotecas IFPR	<ul style="list-style-type: none"> <li>* orientação dos usuários no levantamento bibliográfico;</li> <li>* orientação quanto à normalização de trabalhos acadêmicos (normas da ABNT);</li> <li>* orientação dos usuários no uso dos recursos e serviços informacionais;</li> <li>* visita orientada à biblioteca.</li> </ul>
SiBIFRS	<ul style="list-style-type: none"> <li>* treinamento para utilização do Sistema Pergamum;</li> <li>* treinamento para utilização do Portal Capes;</li> <li>* treinamento para utilização das normas da ABNT;</li> <li>* apresentação da biblioteca para as novas turmas.</li> </ul>
SiBI/IFSC	<ul style="list-style-type: none"> <li>* treinamento online para acesso ao acervo virtual;</li> <li>* treinamento para acesso ao Portal Capes;</li> <li>* orientação para normalização de trabalhos acadêmicos;</li> <li>* visita orientada.</li> </ul>

Fonte: Do autor, 2018.

**APÊNDICE B – Formação acadêmica continuada**

**Quadro 7 - Formação continuada dos bibliotecários**

<b>NÍVEL EDUCACIONAL</b>	<b>CURSO</b>
GRADUAÇÃO	Arquivologia Ciência da Informação Ciências Contábeis Ciências Sociais Direito Geografia Gestão Pública Letras Magistério Pedagogia Tecnologia em Infraestrutura de Vias
ESPECIALIZAÇÃO	Adm. Recursos Humanos/Gestão de Pessoas Administração Pública Avaliação em Ambientes Informacionais Bibliotecas Escolares e Acessibilidade Biblioteconomia e Ciência da Informação Cultura e Literatura Docência do Ensino Superior/Metodologia do Ensino Superior Educação Inclusiva Educação Profissional e Tecnológica Educação, Cultura e Diversidade Indígena Educação a Distância Ensino de Língua Formação de Professores e Pesquisadores Gerência de Sistemas e Serviços de Informação Gerenciamento de Sistemas de Informação Gestão Administrativa na Educação Gestão Cultural Gestão da Informação e do Conhecimento Gestão de Arquivos e Tecnologia da Informação Gestão de Arquivos Públicos e Empresariais Gestão de Bibliotecas Gestão de Bibliotecas Escolares Gestão de Bibliotecas Públicas Gestão de Projetos Gestão do Conhecimento nas Organizações Gestão em Administração Pública Gestão em Unidades de Informação Gestão Empresarial (MBA) Gestão Estratégica do Conhecimento, da Informação e da Tecnologia

	<p>Gestão Pública  História, Patrimônio Cultural e Turismo  Letramento Informacional  Metodologia do Ensino  Neuropsicopedagogia  Organização de Arquivos  Organização do Conhecimento para a Recuperação da Informação  Psicopedagogia  Sistema de Informação  Tradução, Interpretação e Docência em LIBRAS</p>
MESTRADO	<p>Administração (Mestrado Profissional)  Biblioteconomia / Ciência da Informação  Comunicação  Educação  Educação Profissional e Tecnológica  Engenharia de Produção  Ensino das Ciências Ambientais (Mestrado Profissional)  Gestão de Unidades de Informação  Gestão e Organização de Sistemas Públicos  Linguística  Políticas Públicas da Educação  Tecnologia  Tecnologias da Informação e Comunicação  Tecnologias Educativas</p>
DOUTORADO	<p>Ciência da Informação</p>

Fonte: Do autor, 2018.

**APÊNDICE C – Problemas enfrentados no cotidiano das bibliotecas**

**Quadro 8 - Síntese dos problemas enfrentados no cotidiano das bibliotecas**

<b>ENTREVISTADO</b>	<b>PROBLESMAS RELATADOS</b>
BIBLIOTECÁRIA 1	Falta de recursos humanos é o principal limitador; A burocracia e a escassez de recursos financeiros se mostram um desafio diário; Falta de acessibilidade e estrutura inadequada.
BIBLIOTECÁRIA 2	Dependência da participação do professor para desenvolver projetos dentro da instituição; Burocracia para o desenvolvimento de projetos; Algumas unidades sem profissionais bibliotecários; Problemas de atendimento às questões de acessibilidade e inclusão; Falta de capacitação dos profissionais para atendimento inclusivo.
BIBLIOTECÁRIO 3	Falta de pessoal na biblioteca, principalmente a falta de bibliotecários nos <i>campi</i> ; Falta de recursos materiais e de estrutura física pequena; Acessibilidade dentro da biblioteca ( piso tátil, sinalização etc.); Falhas de comunicação com os núcleos de apoio aos sujeitos com deficiências; Falta de cooperação de algumas bibliotecas na execução de atividades conjuntas.
BIBLIOTECÁRIA 4	Limitação da própria formação do curso de Biblioteconomia; Número insuficiente de bibliotecários e auxiliares; Falta de acessibilidade da biblioteca a todos os alunos; Falta de capacitação para atendimento inclusivo.
BIBLIOTECÁRIA 5	Quantitativo insuficiente de pessoas (bibliotecários e auxiliares); Inadequação às condições de acessibilidade e inclusão; Falta de cooperação na execução de ações conjuntas (avaliação de serviços, estudos de usuários, etc.).
BIBLIOTECÁRIA 6	Falta atitude do profissional em alguns casos; Dificuldade de condições humanas (bibliotecários e auxiliares); Dificuldades para aquisição de livros (fiscalização dos pedidos); Falta de acessibilidade para inclusão (acessibilidade estrutural); Falta de núcleos e comunicação para atendimento às pessoas com deficiências; Falta de capacitação profissional para atendimento inclusivo; Falta de cooperação no desenvolvimento de ações coletivas.

Fonte: Do autor, 2018.

## APÊNDICE D – Questionário

### Bibliotecas dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia

Prezado(a)

Meu nome é Cesar dos Santos Moreira, sou bibliotecário no Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG Campus Sabará) e estudante do curso de Mestrado em Ciência da Informação da Escola de Ciência da Informação da UFMG. Estou desenvolvendo uma pesquisa acerca das práticas educativas dos bibliotecários no contexto das bibliotecas dos Institutos Federais. Assim, peço a contribuição de vocês no sentido de responderem a esse questionário, a fim de que os dados acerca da temática citada possam contribuir para compreensão da ação educativa do bibliotecário. De antemão, agradeço a todos e me coloco à disposição para quaisquer esclarecimentos.

### INFORMAÇÕES PESSOAIS

#### 1. Faixa etária

- Entre 21 e 30 anos  
 Entre 31 e 40 anos  
 Entre 41 e 50 anos  
 Acima de 51 anos

#### 2. Tempo de formação em Biblioteconomia

- Entre 1 e 5 anos  
 Entre 6 e 10 anos  
 Entre 11 e 15 anos  
 Entre 16 e 20 anos  
 Entre 21 e 30 anos  
 Acima de 31 anos

#### 3. Formação em nível superior além da Biblioteconomia?

- Sim  
 Não

#### 4. Em caso afirmativo, qual(ais) cursos possui?

- Graduação \_\_\_\_\_  
 Graduação Tecnológica \_\_\_\_\_  
 Licenciatura \_\_\_\_\_  
 Especialização \_\_\_\_\_  
 Mestrado \_\_\_\_\_  
 Doutorado \_\_\_\_\_  
 Pós-Doutorado \_\_\_\_\_

#### 5. Instituto/*Campus* onde trabalha

\_\_\_\_\_

#### 6. Tempo de trabalho na instituição

- Até 3 anos  
 Entre 4 e 6 anos  
 Entre 7 e 9 anos  
 Mais de 10 anos

## SOBRE O SISTEMA DE BIBLIOTECAS

7. Quantos bibliotecários trabalham em seu Campus?

- Apenas um bibliotecário  
 Dois bibliotecários  
 Três bibliotecários  
 Outro \_\_\_\_\_

8. A coordenação do sistema de bibliotecas possui gratificação?

- Sim. Qual? \_\_\_\_\_  
 Não

9. Sobre a organização das bibliotecas no sistema:

- Existe uma coordenação central que controla técnica e administrativamente as bibliotecas do sistema.  
 As bibliotecas do sistema são vinculadas apenas a uma coordenação administrativa.  
 As bibliotecas do sistema são vinculadas apenas a uma coordenação técnica.  
 As bibliotecas do sistema não são vinculadas técnica e administrativamente a uma coordenação central.  
 Outra. \_\_\_\_\_

10. Sobre a centralização/descentralização dos serviços no sistema de bibliotecas:

- Apenas a aquisição de material bibliográfico é centralizada na coordenação do sistema de bibliotecas.  
 Apenas o processamento técnico é centralizado na coordenação do sistema de bibliotecas.  
 A aquisição e o processamento técnico do material bibliográfico são centralizados na coordenação do sistema de bibliotecas.  
 A aquisição e o processamento técnico do material bibliográfico são descentralizados.

11. Sobre a padronização das atividades e serviços do sistema de bibliotecas:

- Há uma padronização das atividades e serviços para todas as bibliotecas do sistema.  
 Apenas os serviços técnicos (catalogação, aquisição de materiais etc.) são padronizados.  
 As bibliotecas do sistema tem autonomia para padronizar suas atividades e serviços.  
 Outro \_\_\_\_\_

12. Sobre os recursos financeiros para a manutenção dos serviços do sistema de bibliotecas:

- O sistema de bibliotecas possui dotação orçamentária específica para manutenção das atividades e serviços das bibliotecas subordinadas.  
 O sistema de bibliotecas não possui dotação orçamentária específica para manutenção das atividades e serviços das bibliotecas subordinadas.  
 Os recursos orçamentários destinados às atividades e serviços da biblioteca são geridos pelo setor financeiro e/ou administrativo do seu respectivo *campus*.  
 Outro \_\_\_\_\_

## SOBRE AS PRÁTICAS EDUCATIVAS

13. A biblioteca desenvolve alguma atividade educativa com os usuários?

Considere como exemplos de atividades: Treinamento para uso de bases de dados, normalização de trabalhos acadêmicos, leitura e escrita, hora do conto, clube de leitura, etc.

Cite. \_\_\_\_\_

14. As atividades educativas (treinamentos diversos, oficinas de leitura e escrita, hora do conto, clube de leitura, etc.) são padronizadas e sistematizadas em todas as bibliotecas do sistema?

Sim

Não

Se sim, comente. \_\_\_\_\_

15. De acordo com sua experiência, a criação do sistema de bibliotecas representou melhoria/mudanças na proposição e desenvolvimento das ações educativas nas bibliotecas?

Sim, houve melhorias nas práticas educativas dos bibliotecários com a implantação do sistema de bibliotecas.

Não visualizei melhorias, as coisas continuam como anteriormente à implantação do sistema de bibliotecas.

Não sei dizer.

## SOBRE A BIBLIOTECA E A EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

16. Considerando que sua Instituição oferece cursos em EaD, o sistema de bibliotecas participa do planejamento das ações educativas dessa modalidade?

Sim, participa do planejamento das ações educativas da modalidade

Não participa do planejamento das ações educativas da modalidade.

Não sei responder.

17. Em sua Instituição existe biblioteca e bibliotecário específicos para o atendimento aos sujeitos usuários da EaD?

Sim, possui biblioteca e bibliotecário para a modalidade EaD.

Não possui biblioteca e bibliotecário para a modalidade EaD.

Possui apenas biblioteca para atendimento a modalidade EaD.

Possui apenas bibliotecário para apoio aos sujeitos da EaD.

18. O sistema de bibliotecas oferece alguma atividade educativa a distância aos usuários? \*

Considere como exemplos: treinamentos para uso de bases de dados, portais e bibliotecas virtuais, normalização de trabalhos acadêmicos, leitura e escrita etc.

Sim

Não

Se sim, comente. \_\_\_\_\_

## SOBRE O BIBLIOTECÁRIO E A EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

19. Você possui alguma formação em cursos na modalidade EaD?

Sim

Não

Se sim, comente. \_\_\_\_\_

20. Você possui alguma experiência de trabalho na modalidade EaD?

Sim

Não

Se sim, comente. \_\_\_\_\_

21. A coordenação do sistema de bibliotecas ou algum membro do grupo já propôs utilizar a EaD como estratégia de formação dos bibliotecários para a prática educativa?

Sim

Não

Se sim, comente. \_\_\_\_\_

22. Você participaria de uma entrevista para essa pesquisa? \*

Sim

Não

Talvez

Deixe seu contato (e-mail e/ou telefone) caso queira participar da entrevista.

\_\_\_\_\_

**Obrigado por responder ao formulário!**

**APÊNDICE E – Roteiro da entrevista****ROTEIRO DA ENTREVISTA**

- 1- Você conhece o contexto histórico da educação profissional da instituição na qual você trabalha e desenvolve suas práticas profissionais? Conhecer a história da educação profissional é importante? Você considera que esse conhecimento faz diferença na sua ação educativa?
- 2- Considerando seu trabalho no Instituto, você se vê ou se considera um educador? Você considera que sua formação o capacita para a ação pedagógica no ambiente escolar? Quais práticas educativas desenvolvidas na biblioteca o caracteriza como educador?
- 3- Quais saberes você considera necessários para o desenvolvimento da pratica educativa na biblioteca (Experiencial, atitudinal/comportamental, profissional, pedagógico etc.)? Você considera que a falta de saberes pedagógicos dificulta sua ação educativa?
- 4- Considerando as condições humanas, estruturais e materiais, na sua experiência como bibliotecário na instituição, quais são os limites e possibilidades de ação pedagógica na biblioteca (pontos positivos e negativos)?
- 5- Acerca da oferta de cursos na EaD, a biblioteca conhece as necessidades dos usuários desta modalidade? Ela é acessível aos alunos da EaD? A biblioteca desenvolve ações educativas a distância?
- 6- Sobre a inclusão de usuários, que atitudes inclusivas a biblioteca desenvolve? Em relação aos usuários com deficiências, a biblioteca sabe da sua existência na instituição? A biblioteca é acessível?
- 7- Você conhece as necessidades dos usuários da biblioteca? São desenvolvidos estudos de usuários no âmbito do sistema de bibliotecas ou de cada biblioteca em particular? As ações educativas dos usuários são avaliadas?
- 8- A direção escolar e a coordenação pedagógica possibilitam espaço no planejamento escolar para a promoção da biblioteca e das ações educativas dos usuários? Quais estratégias você utiliza para promover as ações educativas no contexto da biblioteca?
- 9- Você considera importante participar dos grupos decisórios escolares (Conselho de escolar/acadêmico/classe, NDE, etc.)? Você se considera participante ativo nas decisões escolares? Como se dá sua participação?
- 10- A estruturação *multicampi* do seu Instituto contribui/dificulta a formação do bibliotecário para a prática educativa? No âmbito do Sistema de Bibliotecas são desenvolvidas ações para a formação do bibliotecário? É possível falar em avanços nesse sentido?

**APÊNDICE F – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

## Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Prezado(a) Senhor(a)

Venho convidá-lo(a) a participar voluntariamente da pesquisa intitulada *AÇÃO EDUCATIVA DOS BIBLIOTECÁRIOS: UM REPENSAR DA SUA PRÁXIS NOS INSTITUTOS FEDERAIS*. A pesquisa é realizada no curso de Mestrado em Ciência da Informação do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais e seu objetivo tem caráter estritamente acadêmico, visando apreender, a partir da visão dos bibliotecários, se a institucionalização do sistema de bibliotecas e a educação a distância (EaD) enquanto “tecnologia de aprendizagem” contribuem para a prática educativa dos bibliotecários dos Institutos Federais (IF).

A participação na pesquisa é voluntária e não gerará nenhum custo aos participantes, nem mesmo haverá qualquer tipo de remuneração aos respondentes.

A pesquisa utilizará dois instrumentos para a obtenção de dados: o envio de questionário e a realização de entrevistas, que se dará por escolha amostral e se efetivará com os bibliotecários pertencentes aos quadros dos IF. Os dados obtidos como o questionário e a entrevista serão analisados e incorporados na dissertação. Na divulgação dos resultados os sujeitos participantes serão identificados por meio de códigos e letras.

Os dados coletados com os questionários e as entrevistas serão mantidos sob sigilo e confidencialidade, de forma a preservar o anonimato das instituições e a identidade dos participantes. Os registros ficarão sob a guarda dos pesquisadores em local seguro, de modo a não possibilitar o acesso de terceiros. As informações serão arquivadas por um período de cinco anos.

Ressalta-se, também, que a qualquer momento a entrevista e, conseqüentemente, a gravação em áudio ou vídeo poderão ser interrompidas, total ou parcialmente, e o participante poderá solicitar tanto a exclusão da sua participação na pesquisa quanto a eliminação de dados que tenham sido fornecidos.

Para quaisquer esclarecimentos a respeito da pesquisa, coloco-me à disposição, através do telefone e e-mail informados ao final deste termo, assim como em caso de dúvidas éticas, o participante da pesquisa poderá contatar o COEP - UFMG, cujo endereço, e-mail e telefone também estão informados no final deste documento.

Caso haja concordância em participar desta pesquisa, solicito que assine este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido em duas vias de igual teor, informando os dados solicitados abaixo:

Eu \_\_\_\_\_,  
portadora(or) do RG: \_\_\_\_\_ e do CPF: \_\_\_\_\_ declaro que  
entendi todas as informações recebidas pelo pesquisador César dos Santos Moreira a respeito  
da pesquisa. Declaro ainda estar ciente de que sou voluntária(o) na pesquisa e que não  
receberei qualquer tipo de remuneração/pagamento para participar da mesma, assim como a  
qualquer momento poderei pedir exclusão da minha participação na pesquisa sem sofrer  
nenhuma penalidade ou custo.

Rubrica da(o) participante: \_\_\_\_\_

Rubrica do pesquisador: \_\_\_\_\_

_____ Nome completo da participante	_____ César dos Santos Moreira Pesquisador
_____ Assinatura da participante	_____ Assinatura do pesquisador
_____ Local e Data	

**Título da Pesquisa:** Ação educativa do bibliotecário: um repensar da sua *práxis* profissional nos Institutos Federais.

**PESQUISADOR:** César dos Santos Moreira

**E-mail:** [cesar.moreira@ifmg.edu.br](mailto:cesar.moreira@ifmg.edu.br) - Telefone: (31) 98731-2432

**ORIENTADORA:** Profa. Dra. Alcenir Soares dos Reis

**E-mail:** [alcenir@eci.ufmg.br](mailto:alcenir@eci.ufmg.br) - Telefone: (31) 3409-6116

Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais

COEP-UFMG - Telefone: (+5531) 3409-4592

*Site:* <http://www.ufmg.br/bioetica/coep/> - e-mail: [coep@prpq.ufmg.br](mailto:coep@prpq.ufmg.br)

Avenida Presidente Antônio Carlos, 6627 - Belo Horizonte/MG – Brasil